



Livraria Educadora

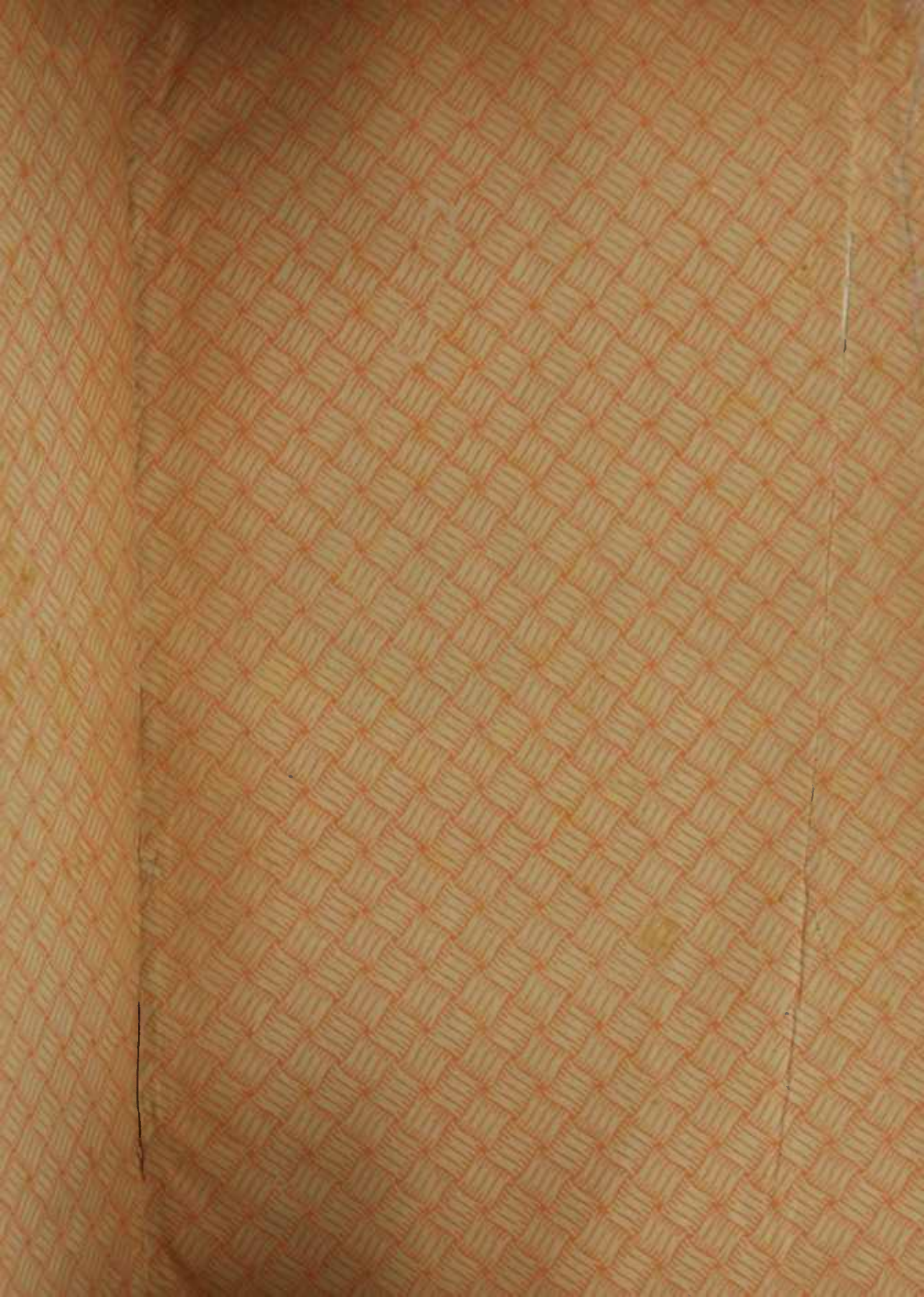
Compra e venda de livros
novos e usados

BRAGA & VALVERDE

(EDITORES)

Rua S. José 17 - T. 42-3456

Rio de Janeiro



O BRAZIL

ARTISTICO



REVISTA
DA
Sociedade Propagadora
das Bellas-Artes
DO
Rio de Janeiro

(NOVA PHASE)

1.º Trimestre — 25 de Março de 1911

RIO DE JANEIRO

Typographia Leuzinger

1911



RENCIETA de novo a sua publicação o *Brazil Artístico*, órgão da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes, mantenedora do Lycêo de Artes e Officios do Rio de Janeiro. Publicados, em 1857, só seis números da nossa revista, tivemos de suspender a sua existencia devido ás difficuldades do meio, ás contrariedades que surgiram e — por que não dizel-o — á falta de recursos pecuniarios. Artistas pobres, operarios modestos e homens de letras ricos apenas das illusões da mocidade, julgaram — elles, os companheiros do inicio desta cruzada — que lhes era facil a publicação de uma revista artistica no Brazil.

Cedo a desillusão chegou.

Exhaustos os ultimos recursos, seccas as lagrimas que lhes crestaram as faces, confessaram-se vencidos e não mais appareceu o *Brazil Artistico*. Houve tentativas de nova vida, mas o tempo fizera a sua obra destruidora; alguns redactores tinham morrido, e outros, dispersos pelas duras contingencias da vida real, não mais podiam cogitar de cousas d'arte. Todas as energias, que não tinham tombado nas primeiras refregas, concentraram seus esforços na manutenção do Lycêo de Artes e Officios.

Atravez de luctas, colhendo glorias mas tambem soffrendo amargores, o seu fundador e os seus benemeritos professores venceram a jornada.

A escola do povo é, felizmente, uma aspiração já realisada.

Voltando agora as suas vistas para o passado e recordando-se de passadas glorias, retoma a Sociedade Propagadora as armas que 54 annos antes empunhara.

Fortalecida por uma longa e laboriosa existencia, acredita a Sociedade Propagadora das Bellas-Artes vencer a nova jornada. Não a supõe de rosas, antes juncada de revezes.

Mas, o que é a vida senão uma lucta?

Luctar em prol das Bellas-Artes, do seu desenvolvimento, n'uma terra que possui verdadeiros

talentos artisticos e onde sobejam aptidões para o bello, é um dever nosso. Delle não nos afastaremos sinão quando vencidos, si o formos, pela indifferença dos artistas e pelo desamôr dos nossos concidadãos ao culto do Bello e da Arte.

*
* * *

Como sincera prova de saudade áquelles dos nossos primeiros redactores, que tombaram na vida, e de homenagem aos tres unicos que ainda sobrevivem — Bethencourt da Silva, Francisco Portella e Luiz Paulo S. M. Ayque, e cujas fronte aureoladas de cabellos brancos são para nós exemplos vivos do quanto podem a tenacidade e a fé no futuro — re-editamos n'este numero os seis primeiros numeros do *Brazil Artístico*.

A REDACÇÃO.



BRAZIL ARTISTICO

REVISTA DA SOCIEDADE
PROPAGADORA DAS BELLAS-ARTES
DO
RIO DE JANEIRO.

TOMO PRIMEIRO.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO.

RELATOR,

Francisco Joaquim Bittencourt da Silva.

MEMBROS.

Dr. Gabriel Militão de Villa-Nova
Machado.
Dr. Ignacio da Cunha Galvão.
Mariano José de Almeida.
Antonio José Victorino de Barros.
Bacharel João Antonio Gonsalves da
Silva.
Dr. Manoel Maria de Moraes e Valle.
Dr. Domingos Jacy Monteiro.

SUPPLENTES.

Dr. Manoel Antonio de Almeida.
Dr. Saturnino Soares de Meirelles.
Francisco José Fialho.
Dr. Antonio Ferreira Pinto.
Francisco Gonsalves Braga.
Major Manoel de Frias e Vascon-
cellos.
L. C. Furtado Coelho.

RIO DE JANEIRO

TYP. IMPARCIAL — DE B. BAPTISTA BRAZILEIRO.

RUA DA CARIOCA N. 34.

—
1857

O BRAZIL ARTISTICO

REVISTA DA SOCIEDADE

PROPAGADORA DAS BELLAS-ARTES

DO

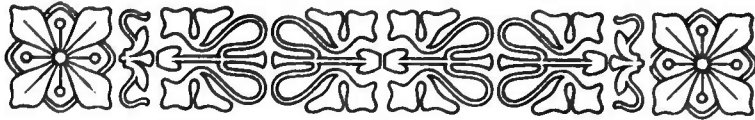
RIO DE JANEIRO

TOMO PRIMEIRO



RIO DE JANEIRO
TYP. IMPARCIAL—DE B. BAPTISTA BRAZILEIRO
RUA DA CARIOCA N. 34

—
1857



INTRODUÇÃO

Quando uma nação olvida ou menospreza a sua propria individualidade; quando não lhe importa o apoucar-se a si mesmo á vista do estrangeiro; quando se dá toda ás especulações, aos calculos puramente mercantis; quando substitue completamente a palavra *utilidade* pela necessidade dos estudos liberaes e considera futeis occupações as letras e as artes, é que essa nação se acha contaminada de um principio morbido, que a consumirá mais ou menos rapidamente; ou então está tomada d'uma especie de frenesi, de demencia que, mais cedo ou mais tarde, por um choque impossivel de determinar, servirá como de transição a um novo estado de cousas, melhor e mais bello: tal uma intelligencia affectada de loucura ou de delirio torna a si por uma reacção externa ou da propria natureza, e se compraz em contemplar e seguir as imagens de que se esqueceu por largo tempo, o novo horizonte que se lhe abre. E' essa a idéia que em nós faz nascer o espectáculo da nossa sociedade, o desdêm que aqui vemos pelas bellas letras e artes.

Afigura-se-nos que não ha ahí mais juventude nem affectos, enthusiasmo nem futuro; parece que á luz deste sol magnifico, debaixo deste céu formoso, ao redór desta

fecundação perenne e maravilhosa, reina um immenso e dilatado inverno — e que a morte lavra no seio desta vida — e que a decrepitude opprime o remoçar espontaneo da humanidade e abate o vigor da natureza!...

Todavia uma explicação se póde talvez dar a este facto. — Oriundo pela mór parte de uma nação para a qual as guerras da conquista haviam quasi substituido os combates da intelligencia e a cultura das artes; educado por essa nação, d'antes gloriosa e valente, mas que a riqueza das colonias e a influencia estrangeira haviam afrouxado como outr'ora á vetusta Roma; sopeado na desenvolução e esparzimento das idéias pela metropole, receiosa de alguns resultados que isso poderia ter, e olhando menos para o futuro desta terra do que para os fructos que della poderia colher: o nosso povo, ao sentir o collo despido do jugo, achou que era gozar da liberdade em toda a sua plenitude o descansar á sombra do pouco que lhe tinham deixado, e, reclinando-se nos braços da servidão, que como um cancro lhe haviam lançado no seio, deixar-se ficar no ocio, na negligencia de todo o adiantamento. Reputou a riqueza como ponto cardeal da civilisação e da felicidade, e cuidou que era bastante, para obtel-a e engrandecer o paiz, entregar-se áquelle trátego e labutar que se disse commercio, ou amante da inercia, aos empregos da nação; e preferiu no emtanto, para passatempo, esbulhando-se de todo o sentimento de gloria, atirar-se precipite n'aquellas disputas, o mais das vezes pessoaes e odiosas, a que quizeram chamar politica, antes do que dar-se á cultura do espirito e á purificação dos costumes. Este povo que a Providencia tão prodigamente dotára com o sufficiente, não quiz o muito que traria o cultivo da sua aptidão para o bello e o grande, unida aos outros dons da natureza; avaliou em mais a rica mediocridade do que as invenções uteis ou bellas, e por isso procurou imitar, ainda quando lhe não servissem, as descubertas, ou apenas algumas das que

o trabalho e o engenho têm produzido nas outras nações mais avidas de gloria. E assim ficou por muito tempo quedo e estacionario, como tendo nascido com todos os vicios de uma raça decadente. Alguns espiritos porém, mais activos ou mais fortes, procuraram combater certos signaes que denotavam corrupção social: certos principios baquearam — em seu logar outros se ergueram; esta geração pareceu despertar, como ao som dos clarins ou ao rufar dos tambores soldadesca que dorme: quiz melhorar no mesmo pé que outras gentes; mas a melhora que procurou foi sobretudo material — o principio utilitario, e só o principio utilitario, mesmo sem vantagens nem belleza, apoderou-se do corpo da nação, e abafou-lhe a alma. — Os diversos gráus deste adiantamento como que inebriaram a turba; — dado o primeiro movimento, eil-a que se lança como o cavallo arabe no deserto, sem freio, por plainos e recostos... «Parece, como diz o Sr. Edgar Quinet, que hoje a materia, mais intelligente do que o espirito, fermenta para dar á luz um mundo novo...» Mas lembrae-vos de Mazeppa? — Eil-o ahi vae, véde-o — náda em suor, as cordas roxeiam-lhe as carnes e prendem-lhe os movimentos; perde o alento, a côr, a vida; o sol cresta-o, os halitos do deserto abrazam-lhe os pulmões, como que o coração não existe mais n'aquelle peito arquejante... deixae-o caminhar — Mazeppa é a imagem do que entre nós se passa, a imagem da intelligencia e do gosto condemnados, arrastados por entre ermos, e batidos de urentes ventanias; mas o cavallo parará e Mazeppa levantar-se-á rei!

E' isto a que aspiramos — é o fito da Associação Propagadora das Bellas-Artes do Rio-de-Janeiro. — Os Brazileiros têm engenho natural para o cultivo das artes e dos estudos liberaes; falta lhes sómente amor do porvir; faltam-lhes energia e estimulo. Entretanto, para que o futuro risinho que antolhamos se approxime, e se alcance o prospero resultado que almejamos, é preciso um agente. — O agente

que poderá operar esta especie de resurreição, é a imprensa — essa unica invenção do genio humano cuja honra foi disputada por 17 cidades, e que foi desde o seu nascimento proclamada, até por papas e bispos, *um dom divino*. E' pela troca das nobres idéias, pela exposição de sãos principios, pela insinuação de elevados pensamentos, pela instrução, pela cultura do gosto e pela moralidade que se chega realmente ao engrandecimento, bem-estar e liberdade de um paiz. Não se illuda o povo, não procurem illudil-o e illudir-se os homens que se dizem *positivistas*: na cabana como no palacio para os individuos absorvidos em graves cogitações ou engolfados no prazer, como para aquelles de quem os duros labôres ou os negocios são a occupação diaria, ha momentos de folga, momentos em que se ha mister de uma diversão amena e calma, e ao mesmo tempo digna — é essa, de que se deve lançar mão, a leitura e o amor das artes: sem isso o ocioso como o trabalhador languecerão, e tornando-se mais aptos para receber as aguilhoadas das paixões e o acordar dos máos instinctos, procurarão, para matar o tempo, sociedades perversas ou vergonhosos deleites. «A cultura do gosto, diz Blair, augmenta em nós esses brandos affectos que têm por objecto o bem da humanidade e, dando-lhes repetidas vezes occasião de exercer-se, tende ainda a acalmar a violencia das paixões :

*...Ingenuas didicisse fideliter artes
Emollit mores, nec sinit esse feros...*»

Não creia pois a mocidade nos dicterios dessa meia duzia de sabichões de algarismos, de doutores nas quatro especies, de financeiros de emprestimo, que tudo pesam ou medem por si mesmos: — não são as letras nem as artes que transviam ou enfraquecem o character nacional; todas as idéias grandes ou generosas, que fazem palpitar com força o coração, duplicam as faculdades do homem: o que desvaira

e rebaixa um povo é o egoismo systematico e material, e essa philosophia vulgar que leva a desdenhar de tudo o que por ahi chamam illusões, isto é, a dedicação, o desinteresse, o enthusiasmo; são aquelles os verdadeiros autos de fé onde se consomem as virtudes nacionaes, as verdadeiras catacumbas onde se soterram os pensamentos grandiosos, os recifes onde se esbarram e perecem as glorias patrias!

« Regenerar a alma humana adormecida nas contemp-lações egoisticas do bem-estar material (diz algures o Sr. Lopes de Mendonça), fazer renascer o culto dos sentimentos generosos e das idéias justas, levantar a fronte do homem para o céu, é uma grande e augusta missão.» E' com este nobre fim que se fundou a nossa Associação, e que inscreveu nos primeiros artigos dos seus Estatutos o pensamento da criação de uma revista e do ensino publico para a propagação dos bons dictames. O amor da leitura é ainda mui diminuto entre nós: publicar pois algumas paginas, elaboradas com fervor e bons desejos, é o meio talvez de ir-se incutindo aquelle, assim como o amor das bellas-artes. Deste modo não falharemos ao programma que nos marcam os fins da nossa instituição: preparando os animos, desenvolvendo o bom gosto, a revista deve servir como de transição para a applicação aos livros.

Tendo em vista principalmente as bellas-artes, temos um fim duplo, porque não ha bellas-artes sem litteratura. São ellas e foram sempre companheiras inseparaveis: ás letras dá-se tambem o nome de boas-artes. Sabe-se além disso que o desenho e a pintura foram os primeiros ensaios da arte de communicar os pensamentos; que os hieroglyphos, os symbolos e as figuras emblematicas, que vieram substituir a pintura pela falta de extensão e pela difficuldade desta, não são mais do que applicações do desenho; por muito tempo a escripta não foi sinão uma especie de gravura, e ainda hoje é esta uma das primeiras operações da imprensa.

Temos que não será sobre folhas de rosas que marcharemos; divisamos já os embaraços que sobrevirão. Entre nós, pelas difficuldades que logo surgem, acompanhadas de desillusões; pela falta desse ar puro, desse bafo animadôr de que carecem taes empresas para viverem, extingue-se breve o facho que começava a arder. Pelos receios mal pensados de uns, pelo enfado de outros, pelo pouco gosto da mór parte, e a final, como consequencia, pelo abandono dos leitores, morrem quasi todas as revistas, ou vão arrastando uma miseravel existencia até que desaparecem; os collaboradores, ainda os mais decididos, desanimam na carreira, e deixam apagar aquella flamma em que se accendem o talento e a boa vontade.

Resta-nos comtudo uma esperanza para a sustentação desta Revista. E' que á frente della se acha uma associação dominada de principios puros e cheia de resolução e patriotismo; é que a Revista nasce sob os magnanimos auspicios do Imperador, que se digna dar o seu apoio á nossa philantropica associação: o Imperador, de quem sempre merece apreço e protecção a cultura das letras e das artes, será um garante da nossa existencia, será para nós a imagem da esperanza e o fanal que nos animará. Devemos tambem contar com o auxilio dos homens ricos e benemeritos do paiz; elles devem apoiar-nos, pois que é por meio das artes e das letras que os nomes dos homens uteis revivem, e não por meio das fortunas enthesouradas que certo não despertam, antes abafam nos vindouros qualquer lembrança ou saudade.

Oxalá que o nosso intuito seja alcançado! que o desalento nos não venha impecer a marcha! que não venham entorpecer-nos a ingratição, a inveja, a indifferença, ou a guerra aberta, atizada por aquelles mesmos para quem devêra ser sagrado o fogo do enthusiasmo, e que, como os sacerdotes do templo de Vesta, não deviam deixar ou fazer extinguir a

pyra do altar das letras e das artes! Oxalá que possamos finalmente bradar com o nosso Silva Alvarenga :

Já fugiram os dias horrorosos
De escuros nevoeiros, dias tristes
Em que as artes generam desprezadas
Da nobre Lysia no fecundo seio.
Hoje cheias de Gloria resuscitam
Até nestes confins do novo mundo
— Graças á MÃO AUGUSTA que as anima !^a (*)

JACY MONTEIRO.

(*) *As Artes*: poema recitado na Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro em dia dos annos da Rainha D. Maria I.



DISCURSO

Recitado perante os membros fundadores da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio-de-Janeiro, no dia da sua organização em 23 de Novembro de 1856, no edificio do Museu Nacional.

Antes de proferir uma palavra sequer sobre a idéia que faz o assumpto principal desta reunião, seja-me permittido agradecer-vos a subida prova de estima e consideração que vos dignastes conceder-me, comparecendo hoje neste sanctuario de instituições patrioticas, com o unico fim de me ajudardes a erguer o estandarte do progresso e da utilidade publica, que tenho visto sempre a meu lado nas fantasticas visões de minhas crenças de mancebo. Lamento porêem que não hajam palavras virgens de lisonja para que eu vos testemunhe o sincero reconhecimento que adquiristes do meu coração. Mas, si a mobilidade das palavras, si o orgão fraco da linguagem não póde exprimir-vos o verdadeiro prazer que sinto neste momento, lêde ao menos nos meus olhos a emoção ardente e enthusiastica que vae cá dentro da minha alma, e estou certo que vos achareis satisfeitos com a felicidade que proporcionastes ao artista a quem honraes e que nada mais deseja do que o engrandecimento das artes e de seus concidadãos.

* * *

Entre nós envergonhadas
Se encolhem as artes boas.

LOBO.

No meio do isolamento a que me tenho votado, esquecido no seio de minha mediocridade, compraz-me ás vezes meditar no futuro glorioso deste imperio, na influencia que devem ter as bellas-artes sobre as riquezas deste solo, e nos artefactos produzidos com todos aquelles meios que nos facultam a natureza e o estudo por um povo talentoso e amante da perfectibilidade. Mas então no meio dessas meditações profundas a que ás vezes me entrego, vejo com pezar infindo quanto vae longe do verdadeiro caminho desse esplendido futuro, que a imaginação me pinta com vivas côres, o trabalho e o ensino de todos os nossos artistas e operarios.

E' uma meditação amarga, porque nada no mundo é mais doloroso e sentimental do que vêr continuamente esgotarem-se tantos meios pecuniarios, tantos esforços aproveitaveis, sem nada produzirem de bello ou de grandioso, apresentando-se unicamente ao publico, em resultado de tantos sacrificios, edificações mesquinhas e deploraveis, — moveis sem graça nem belleza, — manufacturas pouco compatíveis com a civilização do seculo e do paiz em que vivemos.

Baseado pois nestas circumstancias e embebido no cogitar continuo de melhorar este infeliz estado de nossos conhecimentos industriaes, uma *idêia*, que julgo grandiosa e util me appareceu rodeada de todas as esperanças de uma facil realização...

Meditei nella por longo tempo; ataviei-a com todas as vestes de possibilidade que me suggeria a minha imaginação, e cada vez me parecia mais bella e mais proficua.

A's vezes porem, seja-me licito confessal-o, um receio ou temor me assaltava o coração e o espirito. — Seria ella abraçada pelo publico com a mesma fé com que eu a tinha

concebido? Seria ella acolhida sem prevenção nem desconfiança, quando me faltava um nome assaz forte para a sustentar contra os embates das calumnias desses que nada fazem para o bem geral e que tudo envenenam sem piedade?

Mas este embaraço, unico que podia apparecer, em vez de desanimar, refôrçou minha coragem, proporcionando-me novas idéias prestimosas á sua realização. Assim escudado no estudo que desses meios havia eu feito, apresentei o meu projecto a algumas intelligencias cultas, mil vezes mais aptas para decidir de sua importancia do que eu, e tive a fortuna de vê-lo acolhido com louvor e enthusiasmo.

A' vista destas animadoras approvações, não tinha mais que trepidar, era preciso sómente tentar a todo o custo sua publica apresentação; e foi por isso que, confiando na vossa bondade, na reputação que tendes e nos vossos precedentes, me animei a solicitar a vossa presença nesta casa, a fim de que, mostrando-vos eu os meus intentos, podesseis dignar-vos instituir o que eu só jamais pudéra.

Antes porêem de a isto vos convidar, era preciso saber si eu poderia contar com a devotada coadjuvação de um não pequeno numero de artistas que, dedicando-se ao bem geral, á felicidade da nação, quizessem tomar sobre seus hombros um dos mais penosos encargos da minha idéia — o professorado publico.

Felizmente, seja dicto com ufania e reconhecimento, não achei só em cada um desses amigos um auxiliar, achei tambem um defensor — um athleta muito mais forte do que eu, mais capaz de per si só sustentar o que em minhas mãos unicamente talvez morresse. E' que elles tambem conhecem o mal que por ahi vae lavrando, como uma corrupção de morte; é que elles sabem por si mesmos quanto custa viver no meio da indifferença de uma sociedade pouco preparada para avaliar os sacrificios de uma classe inteira que se entrega ao seu mister como a um sacerdocio augusto.

E têm razão ; porque nem-um dos nossos concidadãos, que não seja artista, talvez calcule o que todos os dias se consume de coragem, de resignação e de vida, para se resistir ás lutas que assaltam qualquer vocação que por ventura appareça, no meio da nossa indiferença mercantil que tudo mata e aniquila.

E' uma longa iliada de pezares, profundos como o oceano, grandes como a eternidade, que vão matando, uma a uma, todas as esperanças nascidas no coração dos mancebos que acreditam nas illusões da sua imaginação, na bondade de todos os homens.

Desde Homero até Camões, de Camões até Gilbert, de Gilbert até nós, quantos exemplos não ha para apontar a esta sociedade — *humana*, que não palpita ao tocar os fructos do talento, sinão quando elle acaba com explosão, ou quando, apesar de tudo, tem podido vencer os tempestuosos diluvios da calúnia, apresentando-se ao povo coroado de sua propria gloria, como o sol, atravessando com seus raios as negras nuvens da borrasca.

Não fallo por mim — ultima intelligencia desta mocidade talentosa que morre de inacção e de descrença ; fallo por ella mesma que se debate nas dissensões de lutas vergonhosas, de guerras mesquinhas e nefandas, que lhe hão feito os pygmeus que o acaso levantou do pó em que deviam jazer perpetuamente e que não podem ver surgir os astros que devem aclarar a noite em que havemos vivido, e na qual, pobres pyrilampos, têm passado por estrellas.

Sei por experiencia propria que nada valho, que nada sou, comparado com esta mocidade artistica que nasceu da velha escola ; mas, ao menos, possa a minha força de vontade, — o meu desejo de ser util ao povo, — e a pertinacia do meo genio superar a falta do talento necessario para hombrar com ella, apresentando-me em campo para a defender. Sei bem o que ella vale ; conheço o que ella perde nesta

inercia a que se votou, e por isso confiado nos seus esforços, não hesitei em chamal-a a mim, em fallar-lhe do futuro grandioso que a espera, mostrando-lhe esses nomes gloriosos, que no meio da prepotencia e do servilismo do passado se elevaram, merecendo a admiração dos povos, como Ticiano e Miguel Angelo.

A mocidade é a força do futuro, — é o gigante do porvir que tem de sustentar sobre os seus hombros a magestade deste Imperio; demorar a sua reabilitação é agrilhoar a aguia que deve encarar o sol, sobranceira a toda a natureza; é atar a posteridade a um pelourinho de miseria e de ignominia.

Esta juventude que tenho saudado sempre, e que saúdo ainda, do intimo do coração, não deve caminhar mais sobre os errados passos daquelles que nos hão precedido. — O futuro inteiro depende della, porque o trabalho é a locomotiva do progresso, e o trabalho é dos mancebos. Salvemos esta mocidade de hoje que deve educar a nossa prole sob auspicios mais beneficos do que os nossos, e a felicidade publica avultará.

E' tempo já de hastearmos a bandeira que deve tremular sobre a tenda da futura mocidade; é tempo de lhe ensinarmos o amor da gloria, como a fonte de todos os sentimentos nobres e magnanimos; reunamo-nos pois em redor desse carro de triumpho em que ella vae conduzir todos os thesouros que devem florescer sobre os restos do passado e á vista do presente; porque a ventura de havermos preparado dignamente aquelles que deven representar-nos ante a posteridade, será bastante para satisfazer os mais ávidos desejos, as mais nobres ambições do coração.

Tractemos seriamente de reunir n'um circulo artistico todas as intelligencias juvenis que representam a nova pleiade dos filhos das musas; tentemos, pelo enthusiasmo e pela emulação, dar-lhes um fim proveitoso — a acção do trabalho,

cuja falta os enerva na indolencia; justifiquemos com estes esforços a superioridade da geração nova que se occulta hoje envergonhada pelo contraste opulento dos aventureiros que se atrevem a invocar, em defesa da sua inutilidade e madraçaria, as doutrinas do regresso.

Tractemos com afan e desinteresse desta grande missão que nos cumpre desempenhar, salvando a nossa reputação e com ella o bello da arte e da inspiração; porque o pequeno sacrificio pecuniario que vos será exigido, e com o qual educaremos a mocidade que mais tarde nos deve julgar, engrandecer-nos-á aos olhos do estrangeiro illustre que não pôde deixar de censurar hoje a nossa falta de perfeição manufactureira, industrial, artistica e mecanica.

A abnegação dessa parte de vossos interesses, animando o povo ao estudo, vos elevará acima de todo o reconhecimento contemporaneo. Nada é tão sublime como a philantropia patriótica de uma parte da sociedade que intenta elevar a outra educando-a nos principios essenciaes ao engrandecimento das nações.

A arvore da sciencia pôde abrigar o mundo inteiro, e para que isto se realize, para que hymnos de triumpho sejam cantados sob as abobadas do templo da sociabilidade fraternal, procuremos desde já assentar sobre seguros alicerces as bases deste edificio monumental, antes que o desanimo e inercia em que vivem os artistas, e que lavra como um miasma devastadôr, extinga de uma vez a musa brasileira.

O desenho, esse precioso ramo dos conhecimentos, humanos, tão necessario a todos os individuos como a escripta, é entre nós completamente ignorado, não obstante a sua qualidade graphica. Tres ou quatro pessoas o sabem, tres ou quatro o comprehendem...

Entretanto ninguém, por menor que seja a sua instrucção, ignora que o paz no qual os conhecimentos artisticos não

occupam o primeiro lugar, não póde proseguir rapidamente na senda do adiantamento e da riqueza.

Ninguem hoje ignora que as bellas-artes são o influxo de todas as industrias, as bases de toda a perfeição manufactureira.

O desleixo e o exquecimento das artes em Athenas precederam á sua morte ; as edificações, o trabalho util, as composições bellas da arte e do talento foram substituidas pela indolencia e pela corrupção. Athenas morreu, e só a descripção do seu passado florescente e alguns restos delle a fazem lembrar ainda ao nosso tempo.

— A queda das artes em Roma, diz um historiador, fêl-a perder sua sabia influencia e glória, e si hoje vive, é dos fulgores do passado.

— O acolhimento que as casas de Medicis e Farnese prodigalizaram ás artes, fez ennobrecer a Italia engrandecendo-a de conhecimentos preciosos, de obras que a tornaram então respeitada de todas as nações cultas e com as quaes ainda hoje se enriquecem os museus, academias, e palacios da actualidade. Por toda a parte a grandeza ! O talento, a inspiração e o trabalho se haviam fundido em uma só vontade. A Europa inteira era um paraiso : a belleza, que é a sublimidade da poesia, existia por toda a parte como um ambiente vivificador e productivo.

— Na epoca em que a França era governada por um rei que de braços abertos acolhia os artistas ; quando Versalhes escancarava suas portas aos esplendores maravilhosos das artes ; quando as obras primas da industria vinham activar o brilho das luzes desses saraus duplamente reaes, em que a realza do talento se unia á realza da posição, os genios surgiam como por encanto e com elles suas obras.

Que reinado appareceu ahi por ventura tão enriquecido de intelligencias, como esse, em que rutilaram luminosos Lebrun,

Jonvenot, Nicolau Poussin, Lesueur, Girardon, Pujet, Bossuet, Molière, Condé, Corneille, Boileau, La Fontaine, Mignard e tantos outros? E' que as artes e a poesia, faliando a todos os corações, enthusiasmavam todos os espiritos e engrandeciam todas as concepções. Foi uma epoca solemne em que as artes renasciam, envergonhadas do seu esquecimento.

Então Colbert, o genio das finanças, o grande ministro de Luiz XIV, fundava a expensas do estado a escola franceza, que sob a sua vontade devia tornar-se illustre e poderosa, modificando os costumes, o gosto, e até mesmo a intelligencia, não só da França, mas tambem do mundo inteiro. As bellas-artes impellidas por esse braço gigante correram por todas as classes do povo, crearam-se novas idéias e com ellas novos fructos do seu espirito. Nobilitaram-se os trabalhos, as fórmãs pesadas e repugnantes aprenderam na celeste arcada a graciosidade das curvas suaves, as vestes imitaram as bellezas do desenho e tudo se purificou. Tal é a influencia desse meio poderoso, energico e persuasivo de estudar, de conhecer e de produzir. Applicaram-se todos ás bellas-artes; tomaram a perfeição como uma consequencia da racionalidade e não quizeram mais abandonal-a.

Esta verdade conhecida que hoje vos enuncio e que serve bem para apoiar a idéia da creação que vos vou apresentar, mais e mais se justifica com o seguinte trecho, extrahido dos trabalhos da commissão franceza, nomeada para a exposição universal de 1851, apresentados pelo Sr. Barão Carlos Dupin ao Imperador dos Francezes, e para o qual vos peço toda a vossa attenção: —

... A proporção dos premios de primeira ordem conferidos aos povos estrangeiros, era de oito por mil expositores para os francezes porém essa proporção se elevava a trinta — Os espiritos mais eminentes da commissão real procuraram nas instituições francezas o segredo de uma tão grande desigualdade — e o acharam, (vêde bem, meus senhores) e o acharam,

nas nossas Escolas de desenho artistico e geometrico em Lyon, em Nimes e em Paris; nas nossas escolas das artes e officios, que apresentam hoje as mais ricas collecções, e o ensino mais completo das sciencias applicadas ás artes uteis.

A convicção clara e precisa com que o Sr. C. Dupin enuncia as suas opiniões, assegura certamente aos espiritos mais duvidosos a verdadeira fonte desse progresso illustre da França manufactureira, que admira as demais nações do universo; porque, si uma intelligencia transcendente e circumspecta não acha sinão nas instituições artisticas do seu paiz o segredo da sua superioridade industrial, é porque de facto assim succede, porque é essa a unica fonte da perfeição plastica.

A' vista dessas sabias razões, que não podem deixar de vos convencer e persuadir, do mesmo modo que a mim quando tive a ventura de lêr este eloquente trecho, estou certo que não deixareis de conhecer comigo que o atrazo de nossa industria é filho desta unica falta na educação dos nossos artifices, e que portanto devemos cuidar sériamente da criação de uma *Sociedade Propagadora das Bellas-Artes*, que, entre outros meios necessarios ao seu desenvolvimento e util fim, estabeleça um liceu de artes e officios, em que os nossos artesões, operarios e mais concidadãos estudem em lições nocturnas o desenho geometrico, industrial, artistico e architectonico, os principios das sciencias applicadas ás artes livres, podendo então em breve tempo apresentarmos, como a França, a Inglaterra, a Allemanha, a Italia e mesmo Portugal, as nossas producções a par das obras primas do seu povo.

A riqueza natural deste imperio abençoado, sobre cujo throno se assenta um monarcha illustre, filho de Cezares, um novo Tito, manejada por impulsos de intelligencias cultas ou sufficientemente educadas nos principios da sciencia que professarem, deve produzir fructos que excedam a tudo quanto se tem visto da velha Europa.

Nada aqui nos falta para chegarmos a esse *desideratum* sinão a criação de um ou outro estabelecimento de educação popular, e para isso, para a criação de um delles, é que eu solicito a vossa cooperação sincera e dedicada. Genios creadores, talentos habeis, intelligencias fertes e activas, como as temos, unidas aos fructos de um paiz abrilhantado pelos raios de um sol fertilizante, podem e devem desenvolver a riqueza das artes e do commercio por um modo novo e bello como a terra em que vivemos.

A instituição de que vos fallo é por certo das mais uteis e mais proficuas, porque é baseada em sentimentos philantropos e patrioticos que devem preencher uma grande lacuna que tem existido até hoje, o que vós podeis agora fazer com dedicação e boa vontade, concorrendo com o vosso auxilio pecuniario para a fundação de um periodico artistico regularmente publicado, que trate de espalhar estas doutrinas uteis e indispensaveis á nossa civilisação, e um lyceu para o qual, como já vos disse, tenho amigos sinceros e devotados que querem como eu propagar o que aprenderam com os velhos e já *finados* mestres da nossa academia, e que sem receberem estipendio algum estão promptos para ensinar a todos que quizerem estudar os diversos ramos de bellas-artes que conhecem.

Para que isto não seja tomado como entusiasmo vão e pouco reflectido, desde já elles se julgam compromettidos com o publico e comvosco, apresentando por fiança de seus esforços e cavalheirismo o seu passado artistico, o seu amor honroso á arte que só a inveja e a calumnia podem conspurcar.

Com este generoso e inimitado offerecimento, está vencida a maior difficuldade dessa criação proveitosa que sem duvida encontrarieis, porque, a não ser este desinteresse brasileiro, mal poderia uma associação nascente fazer face ás despesas do professorado. Felizmente elles ahí estão dominados por sua propria convicção, promptos para apoiarem a minha ideia

com toda a crença de corações nobres e elevados, sem sentimento algum de especulação ou de agiotagem. Artistas são e como artistas livremente pensam.

A' vista disto, vêde bem, senhores, as vantagens que desta sociedade devem resultar ao paiz, aos nossos concidadãos e a nós mesmos; meditae um pouco no resultado maravilhoso das nossas riquezas materiaes trabalhadas por meios racionaes, theoreticos e scientificos, e estou certo que concordareis na sua necessidade. No emtanto calculae bem o que vos proponho, as bases constituintes que vou apresentar-vos, porque eu não vos peço um sacrificio vosso por amor de mim ; isso nunca. Um favor póde ser feito uma vez, quinze, trinta, mas sempre não ; — é preciso que vos enthusiasmeis pela utilidade desta creação, que vos torneis sectarios della, que despendais no presente para receber no futuro, pela perfeição dos objectos de que usardes, a recompensa dos vossos esforços e sacrificios de hoje.

Si esta minha idéia, que será tambem vossa desde o instante em que a adoptardes, vos merece confiança, acolhei-a, ajudade-me a estabelecê-la sem temor ; porque, si não tivermos bastante força para supportarmos tão ardua tárefa, si não tivermos meios para levar ao fim tão util concepção, iremos jubilosos aos pés do Imperador, desse Protector nato das letras e das artes, desse monarcha illustre que deixa a cadeira regia da monarchia para ir sentar-se na cadeira das letras rodeado de seu povo ; sim, correremos a Elle pedindo-lhe auxilio e estou certo de que a sua paternal bondade não recusará pela primeira vez acolher aquelles que tractam de engrandecer tambem o seu imperio.

A seu lado está tambem essa angelica filha da artistica Parthenope, cuja bondade pura não deixará de ser para nós um iris de bonança. Ella será a nossa advogada, a nossa augusta protectora e tudo se alcançará. Genio benefico do Brazil que as auras do amor transportaram da formosa patria,

será o nosso guia na estrada da virtude. A seus pés depositaremos os nos os sacrificios, como homenagem do respeitoso amor que lhe consagramos, e Ella nos abençoará.

Que importa que os zoilos nos censurem, que os nossos primeiros esforços sejam ridicularisados?! Não se riam tambem os ignorantes de todas as côrtes, ante a face de Colombo, quando elle lhes fallava de um novo mundo? Não classificaram de louco ao inventor do vapor, a uma das maiores intelligencias que ha visto a terra? O proprio Christo não foi vilipendiado pelos impios que não podiam comprehender a grandeza de sua missão? Então porque hesitar? Acaso parou o sol alguma vez? — O progresso do seculo em que vivemos reclama o nosso contingente, e vós, si estaes disto convencidos, não deveis receiar de vossas forças.

Avante pois, caminhemos no nobre empenho de illustrar o povo, porque a gloria será nossa! Acaso aquelles que fundaram a Philarmonica, sociedade auxiliar da propagação artistica, esperavam dividendo do seu capital? não! Elles queriam sômente o engrandecimento de uma arte que amavam ou professavam, e outro tanto nos deve acontecer. Sejam os amigos das Bellas-Artes, tentemos ao menos ensinal-as ao povo que as não conhece, que, a não ser talvez este meio, nunca as saberá; e as vantagens deste nosso empenho apparecerão immediatamente nas nossas edificações, nos nossos moveis, nas nossas vestes, em todos os objectos necessarios á nossa vida. Com isto teremos conquistado um grande fim, a salvação das artes que vão morrendo como o ethico que se fina sem soluços, na enxerga de um hospital, e com ellas o florescimento da nossa industria.

Para que desde já possaes conhecer os benemeritos que accedendo ao meu convite estão promptos para o ensino gratuito de que vos tenho fallado, aqui vos apresento seus nomes com a especialidade que devem leccionar:

— Francisco Antonio Nery, antigo pensionista do nosso governo na escola Romana, discipulo do celebre Minardi, mancebo ainda, goza de um conceito artistico justamente concedido. Este Sr. se encarregará do ensino do desenho elementar.

— Francisco Renato Moreau, pintor historico, discipulo de Gros na escola franceza, goza de uma reputação artistica superior ao que podessemos dizer a seu respeito. Este illustre artista se encarrega do ensino da pintura e de uma secção de desenho elementar.

— O Sr. Agostinho da Motta, genio transcendente, talento raro, de uma vocação admiravel para as BellasArtes, discipulo do famoso Benouville em Roma, ensinará não só ornatos e paizagem, para que se offerece, mas tambem outra qualquer classe que preciso seja preencher. Este notavel artista brasileiro, é a demonstração viva de quanto podem ser celebres os filhos da musa Americana.

— João José Alves, joven architecto, discipulo do Sr. Grandjean de Montigny, e já professor de desenho no arsenal de guerra, ensinará o desenho geometrico e principios architectonicos.

— João Caetano Ribeiro, talento, intelligencia, dedicação e amor da arte, tudo é innato nelle. Este artista já victoriado pelo publico ensinará scenographia.

— Mariano José d'Almeida, modestia sem par, illustração litteraria, uma das primeiras entre os artistas, desenhador purista e caprichoso, encarregar-se-á da classe de flores e animaes a lapis e a aquarella.

— Quirino Antonio Vieira, caracter nobre, aspirações independentes, habilidade pouco vulgar, estudioso e trabalhador, ensinará a estatuaria em gesso, arte ceramica e ornatos.

— Severo da Silva Quaresma, discipulo do distincto esculptor Pettrich: seu nome tem sido já eloquentemente commendado por seus trabalhos, com especialidade pelo retrato

em marmore do Exm. Sr. Bispo diocesano, ha pouco exposto ao publico. Este intelligente artista occupar-se-á do ensino de estatuaría em marmore e mesmo em gesso.

— João da Costa de Brito Sanches, ex-official da nossa armada, conhecedor de varias linguas, incumbe-se das classes de arithmetica e algebra até equações do primeiro gráu.

— Dr. Manoel A. d'Almeida assaz conhecido nesta côrte como homem de talento e amator das Bellas-Artes, occupar-se-á do ensino da geometria.

— Eduardo Janvrot, approvado pela nossa escola de medicina, amigo do progresso, caprichoso em seus estudos, presta-se com vontade firme para o ensino da physica, da chimica e da mineralogia.

— Bacharel Gonsalves da Silva, professor do Collegio de Pedro II : seu nome é um elogio e uma garantia para o ensino do lyceu que deveis instituir. Geographia e historia das artes serão a sua especialidade.

— Dr. Antonio Ferreira Pinto, professor da escola de medicina, talento, illustração variada, faculdade de ensino, penetração artistica e amor do bello, tudo lhe concedeu a natureza : sua bondade e dedicação o faz honrar-nos ensinando esthetica, anatomia e physiologia das paixões.

Além destes apresentados, tambem os Senhores Poluceno Pereira da Silva Manoel, José Bernardes Camello, Cipriano de Souza, João Duarte de Moraes, Joaquim Moreira da Silva, Joaquim da Rocha Fragozo, Eleuterio Gomes e Dr. Francisco Portella, todos moços estudiosos, talentos mais ou menos illustrados, amantes da mesma ideia, crentes na mesma fé — de que o trabalho é a alavanca do progresso e da felicidade geral, estão promptos, de motu proprio a tomar parte gratuitamente no ensino das aulas do lyceu que acabo de propor á vossa consideração.

— Em quanto a mim, Srs.. limitadissimos são meus conhecimentos, mas o entusiasmo e desinteresse com que sempre

me tenho entregue ao desenvolvimento das Bellas-Artes, me anima a offerecer-vos meus bons desejos, já que me faltam as habilitações precisas, para explicar, segundo o methodo que adoptardes, algumas regras da architectura. Não podendo militar a par dos outros abalisados e doutos professores, farei quanto em mim couber para não comprometter o lyceu, tornando-me ao menos repetidor claro das lições dos bons mestres desta nobre arte.

A' vista desta honrosa iniciativa da mocidade artistica e scientifica em popularisar os conhecimentos uteis pelo publico estudioso, está vencida a maior barreira, o obstaculo mais poderoso que podia surgir ante os vossos sacrificios. Esse obstaculo porêm já não existe; e sómente tereis, para abrir essas aulas, de preparar o edificio com moveis e luzes necessarias ao trabalho nocturno, porque é só de noite que o operario poderá ir aprender a sciencia de que precisa, sem lesar os fructos do trabalho que para a vida lhe é mister.

Isto pois será facil: o numero dos socios deve augmentar consideravelmente, não só pela liberalidade da instituição, como tambem pelos vossos esforços, e deste modo a renda da sociedade será sufficiente para compensar todas essas despezas.

Mas, quanto isso assim não seja, quando não baste a força da vossa vontade para que esta sociedade se estabeleça começando em breve a produzir seus beneficos effeitos, eu vos apresentarei novos meios de realizardes a *nossa* idéia.

Fundae a associação, contae com todo o meu trabalho, com todos os meus esforços, desejos e vontade, que eu não serei como o Saturno da fabula, que devorava seus proprios filhos. Sacrificar-me-ei com todo o desinteresse a esta honrosa missão, pois, como sabem todos os que me conhecem, eu não costumo especular nem mesmo com o meu suor, e sei cumprir minha palavra.

Sejamos pois corajosos, encetemos já hoje nossos trabalhos, solicitando do Sr. Conselheiro Euzebio de Queiroz Coitinho

Mattoso Camara, a honra de vir dirigir com sua elevada illustração a nossa sociedade. Assente-se S. Ex. na cadeira da presidencia, como um palladio de fé e de esperanças; venha elle, não só como uma das glorias deste imperio, mas tambem como digno inspector da instrucção publica, guiar-nos no ingreme caminho da nossa cruzada civilisadora; inauguremos a nossa sociedade no anniversario da fundação desta cidade, daquelle dia em que Mem de Sá expulsava os usurpadores da America portugueza; commemoremos com um facto grandioso um dos mais bellos dias brazileiros, e sob tão patrioticos auspicios nada temos a receiar.

O trabalho é a divisa da mocidade, é o emblema da virtude, da honestidade e do progresso; com elle mostraremos aos covardes e corrompidos que a innovação não é um attentado e que o futuro será nosso.

Tractemos da nossa sociedade com afan e desvelo, abramos as portas do edificio da nossa escola, colloquemos no altar da patria e da musa nacional o pharol que deve guiar os novos filhos do estudo, e o futuro das artes, do paiz e da mocidade estará salvo.

Sêde grandes como este imperio e a gloria será vossa.

Rio, 23 de Novembro de 1856.

F. J. BITTENCOURT DA SILVA.

O discurso que acima reproduzimos foi lido perante 99 pessoas que, tendo annuido ao convite do Sr. Bittencourt da Silva, se haviam apresentado na sala da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional no edificio do Museu.

Depois dessa leitura e da dos Estatutos da Sociedade por aquelle Sr. elaborados, o Sr. Dr. Manoel de Oliveira Fausto, que fôra convidado para presidir á reunião, pediu a todas aquellas das pessoas presentes que quizessem, por convicção

e de livre vontade, fazer parte desse apostolado civilizador e progressista cujos fins patrióticos e humanitários não podiam deixar de mover a todos os bons cidadãos, que assignassem o seu nome na acta que para memoria do occorrido ia lavrar o Sr. Dr. Manoel Antonio de Almeida.

Lida a acta, todas as pessoas presentes a assignaram, e por consequencia foi considerada instituida a *Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio-de-Janeiro*. Então á visto de uma proposta do Rev. Vigario Speridião de Santa Rita, foi, por aclamação, nomeada para interpor parecer ácerca dos estatutos (parecer que lhes foi favoravel e que procedeu á sua approvação) uma commissão composta dos Srs. — Drs. Ignacio da Cunha Galvão, Manoel Antonio de Almeida e F. de M. Dias da Cruz. Ao mesmo tempo foi nomeada uma outra, composta dos Srs. — Dr. Manoel de Oliveira Fausto, Mariano José de Almeida, Eduardo Janvrot, J. Lopes de Barros Cabral, e Bittencourt da Silva, a fim de solicitarem do Exm. Sr. Conselheiro de Estado Euzebio de Queiroz Coitinho Mattoso Camara a acceitação da presidencia para que fôra indigitado por proposta do fundador da sociedade, approvada por aclamação unanime.

Tendo S. Ex. acceitado aquelle encargo, marcou-se o dia 8 de Dezembro para a eleição do conselho administrativo da associação ; para o qual foram escolhidos por maioria de votos os seguintes Senhores: — Dr. Manoel de Oliveira Fausto, 1.^o Vice-Presidente — Brigadeiro Dr. Antonio Joaquim de Soiza, 2.^o Vice-Presidente — Francisco Joaquim Bittencourt da Silva, 1.^o Secretario — Francisco Portella, 2.^o Secretario — João Antonio da Silveira Filho, Secretario Adjuncto — Joaquim José Marques, Thesoureiro ;

— Membros da commissão de redacção: Dr. Gabriel Militão de Villa-Nova Machado, Dr. Ignacio da Cunha Galvão, Mariano José de Almeida, Antonio José Victorino de Barros, Bacharel João Antonio Gonsalves da Silva, Dr. Ma-

noel Maria de Moraes e Valle, Dr. Domingos Jacy Monteiro. — Supplentes : Dr. Manoel Antonio de Almeida, Dr. Saturnino Soares de Meirelles, Francisco José Fialho, Dr. Antonio Ferreira Pinto, Francisco Gonsalves Braga, Major Manoel de Frias e Vasconcellos, L. C. Furtado Coelho ;

— Comissão Artística : — Agostinho José da Motta, João Caetano Ribeiro, João José da Silva Monteiro, Henrique Alves da Mesquita, Quintino José de Faria, Joaquim Lopes de Barros Cabral, e Eduardo Julio Janvrot. — Supplentes : Quirino Antonio Vieira, Francisco Antonio Nery, Fidelis Ferreira Paradella, José Bernardes Camello, Antonio de Padua e Castro, Serafim da Fonseca e Sá, e Custodio Carlos Dias Netto ;

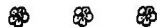
— Comissão economica e financeira : — Anacleto Fragoso Rhodes, Capitão Antonio Pedro Monteiro de Drummond, João Antonio de Segadas Vianna, Dr. Jacintho Rodrigues Pereira Reis, Vicente Rodrigues, Antonio José Dias Moreira, e João Antonio da Trindade. — Supplentes : Dr. Domingos de Azeredo Coitinho Duque-Estrada, Feliciano Guilherme Pires, Florindo Joaquim da Silva, Candido José Correia da Silva Bourbon, Bernardinho Baptista Brasileiro, Thomaz Xavier Ferreira de Menezes, e Cypriano Carlos de Assis e Souza.

Assim organizada a associação, designou-se para sua publica e solemne inauguração o dia 20 de Janeiro de 1857, dia de S. Sebastião e anniversario da fundação desta cidade : o que se verificou em uma das salas superiores do edificio do Museu Nacional, com uma pompa nunca praticada, e na presença de um numerosissimo concurso de que faziam parte muitas Senhoras, e muitas pessoas gradas do paiz, vizível prova de adhesão e enthusiasmo que pelas grandes idéas parecem ir já felizmente apparecendo.

Nesta sessão, depois de uma breve allocução do Sr. Presidente, oraram os Srs. — 1.º Secretario perpetuo, — Francisco

Gonçalves Braga, -- Mariano Almeida, -- A. Gault filho, e Dr. Jacy Monteiro, bem como os Srs. Manoel Ferreira das Neves e J. C. da Silva Pinto Fluminense, relatores das commissões das Sociedades Typographica Fluminense e Nacional dos Artistas Brasileiros. Finalmente o Sr. Bittencourt da Silva dirigiu algumas palavras de agradecimento ao Sr. Conselheiro Euzebio de Queiroz, por ter se dignado aceitar a presidência da associação ; finalizando a solemnidade com o hymno Nacional e um viva a S. M. o Imperador, que, animando sempre as instituições uteis deste imperio, seria sem duvida o efficaz protector da nossa patriotica associação, viva que foi entusiasticamente correspondido por todos os circumstantes.

Esta solemne festividade em que as artes exultando se abraçavam, ficará de certo no coração de todos os amantes da arte, como uma dessas recordações saudosas que surgem sempre radiosas nos varios quadros da vida, semelhante a imagens benéficas e apraziveis. E a historia patria que tudo reconhece e communica terá sem duvida de consagrar uma de suas formosas paginas a este glorioso acontecimento, pelos proveitosos resultados de que, cumpre esperal-o, será elle o precursor.





DISCURSO POÉTICO

recitado na sessão solenne da Inauguração da Sociedade Propagadora das
Bellas-Artes do Rio-de-Janeiro, em 20 de Janeiro de 1857

Ergo, emfim, minha voz n'este recinto
Ante vós, o Brasil, e o mundo inteiro,
Que a vós e ao mundo a minha voz dirijo.
Quando das artes adormece o espirito
Envolvido nos gelos da indifferença ;
Quando sobre ellas imponente e altivo
Se levanta o mortal materialismo
Com ferreo sceptro dominando o mundo ;
Quando do genio se arrefece o instincto
Cedendo ás lutas que o talento assaltam.
Cumpre que os homens que cultivam a arte,
— Abalando o colosso da indiff'rença
Com fortes braços ao trabalho afeitos —
Seu nobre imperio com valor restaurem !

Tal é, ó Socios, a grandiosa empreza
Que aos vossos hombros carregaes, mostrando
A's Bellas-Artes dedicado esforço !

D'entre o rumor confuso e turbulento
De uma immensa cidade, que se agita

— Qual outra Tyro dos antigos tempos —
 Nas lidas mercantis e arduas emprezas,
 P'ra abrir-se as terras e transpor-se os mares,
 Em busca de fortunas e grandezas,
 Vós que as grandezas não buscaes na terra,
 Vós que as fortunas não pedis aos mares,
 — Mas que sómente desejaes a gloria —
 Unisonos erguestes o alto brado
 Que o genio da arte estremeceu nos gelos
 Do leito em que dormia !...

Emquanto corre
 Em ferreo trilho a audaz locomotiva,
 Nações atravessando em curto espaço
 Do incessante tempo; emquanto as ruas
 Da cidade se minam, subterrando
 A fumaça subtil que a luz derrama
 Do apertado tubo; emquanto os homens
 A's lidas positivas dedicados,
 Rendas calculam, despresando as artes,
 Vós — que as artes prezaes, que a vossa gloria
 Fundaes na gloria dellas — reúnis-vos
 N'uma associação, como um só corpo,
 Tendo um só pensamento, um só desejo
 Que as vocações legitimas anima,
 Desassombrando-as do fantasma horrivel,
 Do fero egoismo, que a tentar se atreve
 Da gloria a estrada embaraçar áquelles
 Que livremente ás Artes se dedicam !...

E' grande, é nobre, é generosa a idéia
 Que presidiu á vossa heroica empreza !
 E' grande e nobre e generoso o esforço
 Com que hoje começaes a realizal-a !

O porvir pagará vossas fadigas
Com os doces fructos do fecundo arbusto,
Que no terreno artistico plantastes !
Os dons que o estudo e que o talento espargem
Hão de ser no futuro a recompensa
Do vosso nobre empenho. — As claras ondas
Do oceano de luz, que outr'ora a terra
Inundavam, e que hoje adormecidas
Jazem do tempo no apertado leito,
Ao vosso impulso se erguerão de novo
Os limitados diques alargando !

Esperemos no futuro ! — Em breve tempo
Vereis contentes desfazer-se a nuvem
Que o luzeiro das artes escurece !
Vereis entrar seus raios protectores,
Derramando uma luz vivificante
Pelo vasto recinto, em que os alumnos
Da grande escola que exercita as artes,
Moverem com o ardor da juventude
Do seu trabalho os nobres instrumentos !

Vereis a um lado os mestres da esculptura !
— P'ra dar exemplo aos jovens aspirantes —
Empunhando os cinzeis, quaes novos Phidias,
Contra a pedra de Paros, — convertendo-a
Nos sublimes heróes que o mundo honraram
Por armas, letras, artes e sciencias !

Dessa pintura, que extasia o mundo,
Vereis o mestre na polida tela
Com os pinceis pelo genio dirigidos
Reproduzir os bosques, as campinas,
As altas serras, os amenos prados,

Todos os dons da vasta natureza !
— Todos os males da espantosa guerra :
Campos immensos de esquadões cobertos,
Em batalhas mortíferas raivosos,
Seus corpos mutuamente retalhando
Com as sangrentas, fulgidas espadas
Que o sangue vertem, com que a terra inundam !
— O grande oceano, que em furor se agita,
Movendo as ondas curvas, espumosas,
Contra o fragil navio que sossobra,
Os desditosos naufragos lançando
Do pelago mortal no leito escuro ! —

Entre estas lidas, ouvireis contentes
Acordes sons da musica divina,
Que os hymnos formarão d'eternas graças
Dirigidas aos céus, pelo risonho
Futuro, que benignos vos promettem !

Além dos bens em que vos fallo agora,
Outros mais gozareis ; — que as Bellas Artes
Bens infinitos pelo mundo espargem !
— Igualdade, união, esforço e gloria —
Do povo artistico a divisa é esta !
Nascem as Artes da união dos povos,
Enfraquecem si os povos se desunem,
E morrem si pretendem sujeital-as
Do mando pessoal ao despotismo !

Irmans são ellas todas ; igualmente
Irmãos sejamos, a seguir-lhe o exemplo !
Por ellas, como irmãos, sacrificuemos
O descanso, os prazeres no presente,

Que teremos no fim do sacrificio
Em recompensa no futuro — A GLORIA !

São estes, meus irmãos, os sentimentos
Do ultimo dos vossos companheiros,
Que sómente conhece por soberana
Individualidade — A INTELIGENCIA !

FRANCISCO GONSALVES BRAGA.



NOTICIA ARTISTICA

Vae abrir-se em Paris, este anno, por ordem do Imperador dos Francezes, uma exposição publica das obras dos artistas vivos, exposição que começará a 15 de junho e encerrar-se-á a 15 de agosto. Serão a ella admittidas as obras de pintura e desenho, incluindo aquarellas, pasteis, miniaturas, esmaltes e porcelanas ; as de gravura, lithographia, architectura, esculptura e gravura de medalhas.

As obras hão de ser julgadas por um jury composto de membros da academia das Bellas-Artes (uma das cinco academias que formam o Instituto de França).

Este jury pronunciará ácerca das obras que devem ser admittidas, e designará os artistas que forem dignos de receber recompensas ou animações.

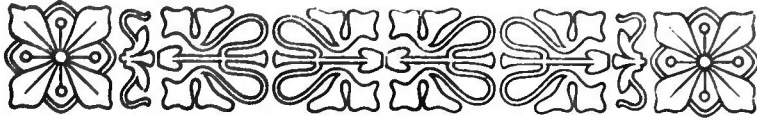
As recompensas consistirão em medalhas de 1.^o classe, do valor de 1.500 francos (525\$000), de 2. classe, do valor de 500 francos (175\$000), e 3.^a classe, do valor de 250 francos (87\$500). Poderá além disso conferir-se uma medalha de honra do valor de 4.000 francos (1.400\$000) ao artista que se houver tornado notavel por alguma obra de brilhante merito.

As obras dos exponentes devem se achar entregues de 20 de abril até o 1.^o de maio.

O producto das entradas e outras receitas da exposição será empregado na aquisição de obras expostas.

E' assim que se patenteia o apreço e a consideração que dá um paiz ás Bellas-Artes ; é só assim que pôdem ellas ser animadas... Entre nós... até mesmo as pobres exposições annuaes foram adiadas... *quoùsque tandem?*...

M.



DISCURSO

Pronunciado na segunda sessão preparatoria da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro, em 28 de Novembro de 1856.

Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, sibilante vento,
Traz a manhan serena claridade
Esperança de porto e salvamento.

CAMÕES — LUSIADAS.

No exercicio da nossa vida social, qualquer que seja a vocação dos Brasileiros, ha apenas quatro carreiras a seguir: — a das armas, a da magistratura, a da medicina e a dos empregos publicos; mas mesmo nas duas ultimas é tal a agglomeração dos individuos, que não pequeno numero de mancebos vê perdidos sem proveito o seu talento e sacrificios.

Isto que tem sido causa de grandes infortunios, da perda de muitas intelligencias mal dirigidas ou pouco apropriadas ao fim para que se propuzeram, póde ter uma facil explicação, si se attender ás circumstancias sobre que se fundou este novo imperio.

Filhos de um paiz rico, os Brasileiros, admiradores de tudo o que então lhes parecia grande e bello, amaram os conhecimentos que podiam levantal-os á altura do poder, abandonando as artes e industrias que, posto melhor podessem

satisfazer as necessidades publicas e o desenvolvimento de suas faculdades, não lhes abriam as portas da politica nem da administração.

Com isto, que a principio parecia consequente com as aspirações dos filhos de uma colonia que preparava a sua independencia, nasceu a persuasão ou crença de que os Brasileiros em geral não deviam entregar-se a mister algum que não estivesse inscripto na orbita dessas quatro dignidades.

Desta sorte, sem que alguém então o presentisse, o funesto prejuizo, que insensivelmente se foi introduzindo e crescendo, levou a sociedade brasileira a tomar como des-honrosas as profissões de artista e de operario, que não podiam ter acção immediata nos actos do governo. Assim pensando, a mocidade que não conseguia entrar em uma dessas quatro classes, preferia a inacção, que lhe preparava uma pobreza pouco digna, a exercer um officio ou uma arte que, praticados unicamente pelos escravos para quem isso fôra deixado, não lhe traziam sinão o desprezo de seus concidadãos. Efeitos deste modo de pensar ainda actuam infelizmente no nosso tempo e no meio da nossa progressiva civilisação, si bem que em menor numero, pois que com o augmento della isto tem diminuido, e deve diminuir de dia em dia até acabar definitivamente.

— O desenvolvimento da instrucção publica, a multiplicação dos conhecimentos uteis que das nações mais adiantadas nos têm vindo, as viagens que uma grande parte da nossa mocidade tem emprehendido pela Europa, têm feito conhecer que as artes são o fóco principal donde dimana a riqueza publica e nacional, e que os paizes que as não cultivam, que não têm reservado um logar de honra para aquelles que as professam com distincção, não podem ter influencia entre as nações cultas.

Com isto a arte começou a ennobrecer-se. Aquelles que voltavam de sua peregrinação, cheios de sciencia e de entusiasmo, começaram a amar como deviam os novos filhos

de Phidias, de Palladio e de Ticiano, que o natural talento dos Americanos preparava sem grandes meios de ensino, e a mostrar aos homens illustrados a consideração que na Europa merecem aquelles que se entregam a um tão difficil sacerdocio. Emquanto porém isto se dava em certos grupos, outros menos preparados não cediam cousa alguma de suas convicções e preconceitos.

— A Academia das Bellas-Artes que, como se sabe, possuia em seu gremio artistas eminentes e insignes, como o Sr. Grandjean de Montigny, via todos os seus esforços e desejos inutilisados ante as crenças de uma população que não queria receber o menor fructo do trabalho artistico, nem considerar essencialmente digna de respeito a profissão das artes.

Sob taes principios o desanimo lavrou, e a Academia foi levada a um plano inclinado, donde só a educação do povo a poderá fazer sahir.

E' verdade que o governo imperial tem cuidado ultimamente em reformal-a, em dar-lhe influencia no paiz ; mas o que póde uma vontade unica, contra a vontade de uma multidão que não conhece as vantagens que se lhe offerece ?.. — Pouco ou quasi nada.

Mas, quando os alumnos das academias, os operarios, os empregados publicos, e industriaes, por distracção, por necessidade e por divertimento mesmo, tiverem tomado nas aulas do nosso lyceu algumas luzes de Bellas-Artes ; quando o ensino pratico e theorico lhes tiver feito conhecer por experiencia propria as difficuldades com que lutam os artistas, e o talento e pericia que precisam ter para adquirir uma reputação honrosa em qualquer das especialidades da arte ; quando se houver assim realizado este meio energico e persuasivo, os artistas que até agora não têm passado de uma familia de pariás da nossa sociedade, serão acolhidos com

estima e veneração, e o futuro que então se lhes antolhará será bello e animador.

Além disto, que vantagens não resultarão deste ensino artistico para o povo e para a nação! Que valor não terão as obras da industria nacional, quando as Bellas-Artes tiverem enriquecido os adornos de todas as nossas producções, melhorado o seu fabrico, harmonizado as suas linhas, dando-lhes uma nova fórma, applicando-lhes todos os recursos da natureza brasileira!... Só então se conhecerá entre nós e se demonstrará ás nações da Europa a superioridade da intelligencia americana até agora sacrificada pela rotina e pelo abandono.

O carpinteiro, o alfaiate, o canteiro, o ourives, o entalhador, e o pedreiro, bem como todos os outros operarios, pódem em breve tempo deixar de commetter os erros que caracterizam as suas obras de hoje, si quizerem applicar algumas horas das noites de tres annos ao estudo da arte que lhes é mister. Com isso deixarão de praticar os sacrilegios artisticos que os condemnam, collocando-se a par dos bons mecanicos da Inglaterra, da Allemanha, e da França onde ha muito se instituiram escolas identicas, ás quaes, como diz o Sr. Dupin, se deve a superioridade de todos os seus artefactos sobre os das outras nações.

Consequentemente, tudo se modificará: a indifferença para com os artistas ha de desaparecer completamente, e a regeneração é inevitavel; porque a mocidade que não esmorece ante as exigencias da pobreza, está prompta para o trabalho que requer essa reforma, e o ensino gratuito em que não acreditam os homens do *positivo*, ha de justificar-se.

O enthusiasmo é surpreendente e admiravel. — O Sr. Henrique Alves de Mesquita, professor de musica que acaba ha pouco de escrever a magnifica missa da festa de Santa Cecilia, talento raro e musico distincto, bem como o Sr. Francisco José Martins, habil professor de *contra-baixo* do

theatro lyrico e mestre de varias *bandas* de musica militar, se offercem, cheios de vontade e dedicação, para nos acompanhar neste philantropico empenho, ensinando a musica necessaria á pratica de qualquer instrumento.

Com este espontaneo offercimento ficam preenchidas as cadeiras de todas as aulas do lyceu; e eu confio em que as Bellas-Artes, leccionadas pelos sabios professores que temos, livres de peias academicas, se espalharão pela nossa mocidade estudiosa de modo a satisfazerem as aspirações desta nobre Sociedade.

Este desinteressado magisterio, exercido por artistas pobres, demonstra que a arte se ennobrece dignamente e que hoje tudo vae mudando de face. Os artistas desta nova era reconhecem a necessidade da propagação da sua arte, como os apostolos da antiguidade comprehendiam a importancia do desenvolvimento do christianismo, e tudo sacrificam para chegar a esse resultado, porque felizmente o artista é o verdadeiro homem do Evangelho que não vive só do pão, mas tambem da palavra, e todo aquelle que não separar o coração da algibeira será o mesmo que um leiloeiro subordinado ás tarifas da agiotagem.

O ouro quando não é tido como um meio de subsistencia, torna-se um idolo, e o idolatra delle não serve para o sacerdocio da arte.

O espiritalismo é a alma da concepção, e o artista que se materializa empobrece a inspiração com as formulas de um mercantilismo estúpido.

A dignidade e o desinteresse são duas virtudes essenciaes ao artista; sem ellas não ha progresso, e sem progresso não pôde haver arte.

Tal é a opinião de todos os professores do lyceu, justificada pelo seu patriotico procedimento.

— O enthusiasmo que tendes manifestado em tomar sobre vós este generoso empenho, a necessidade desta asso-

ciação que toda a imprensa tem acolhido benignamente e cuja utilidade ninguem de bom senso póde contestar, é uma justa prova de que o povo está sempre prompto para acolher as idéias puras e philantropicas, e que com os vossos esforços tudo se realizará.

Demais, si como eu espero, o Sr. Conselheiro Euzebio de Queiroz não recusar a presidencia dos nossos trabalhos, a sociedade chegará rapidamente ao apogeu do seu desenvolvimento, e o horizonte das artes que se ennuviou com visos de tempestade, se aclarará bello e radioso.

Então o sol do genio brilhará sobranceiro a todo o egoismo humano, e as artes resplandecendo se fraternizarão á sombra das nossas sabias instituições.

Seja a nossa união a arca sancta em que o genio mau das artes não possa ter entrada; seja ella o receptaculo da virtude, da constancia e do desinteresse, que, como um astro de bonança, guie os nossos artistas ao templo da immortalidade.

F. J. BITTENCOURT DA SILVA.



DISCURSOS

recitados na sessão solenne da inauguração da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro, em 20 de Janeiro de 1857.

Bellas-Artes tambem dão nome honroso,
Dão perpetuo renome a seus cultores

DR. P. J. DE ALMEIDA.

Meus Senhores. — A convicção de que a solemnidade e o fim patriótico que aqui hoje nos reunem, seriam razões fortissimas para me concederdes ampla indulgencia, e o entusiasmo de que me acho possuido, me animaram a pedir-vos um momento de attenção.

Este duplo motivo venceu o meu natural acanhamento, a cujos perniciosos effeitos, em mim já talvez irremediaveis, sou forçado a submeter-me, guardando um silencio comprometedor muitas vezes do juizo que sobre minhas exiguas habilitações fazer se possa.

Não abusarei pois da bondade com que m'ò concederdes.

A interrupção por mim feita no encadeamento dos brilhantes discursos que têm de ser recitados será brevissima : élo mesquinho, não lhe dará sensivel augmento, poderá apenas ter a vantagem de ser melhor apreciada a grandeza dos que a elle se acharem ligados.

— A civilização de qualquer povo está de tal modo subordinada ao desenvolvimento das sciencias e artes, e ao aperfeiçoamento dos differentes ramos de industria, que os estadistas e homens eruditos que sinceramente almejam a felicidade de sua nação, têm com afan promovido, e incessantemente lançado suas vistas para estas fontes de verdadeira prosperidade.

A França, a Allemanha, a Inglaterra, nações nas quaes, depois da Italia, mais têm sido as artes e sciencias cultivadas, em que maior impulso se tem dado ao desenvolvimento industrial, têm para si conquistado uma bem merecida importancia.

A perfeição de suas producções artisticas e manufactureiras, preferidas e acolhidas por quasi todas as demais nações, dando em resultado um grandissimo consumo, tem muito cooperado para sua riqueza, grangeando-lhes em grande parte a preponderancia de que gozam.

Facilitar pois o desenvolvimento das Bellas-Artes — uma dessas fontes de prosperidade nacional da qual é dependente a dos productos manufactureiros e industriaes —, para que o Brazil, que tantos elementos de grandeza possui e em cujos filhos concorrem todas as disposições, possa o mais breve possivel adquirir o honroso titulo de nação civilisada; eis o motivo desta nossa festividade inaugural.

A idéia grandiosa suggerida ao talentoso e incansavel propugnador do desenvolvimento das artes no Brazil, o nosso digno primeiro Secretario Perpetuo, merecerá sem duvida um apoio decidido de todos os homens amantes do progresso do paiz.

O acolhimento que essa idéia tem já recebido de muitas pessoas gradas e eminentes, entre as quaes se acha o nosso muito digno Presidente, que, descendo da elevada posição social em que o collocaram sua illustração e serviços em pró do engrandecimento do paiz, veio sentar-se entre nós, dará

por certo grande vigor aos nossos pequenos, mas sinceros esforços, e tornará mais supportaveis, e talvez mesmo suaves, os sacrificios que por ventura tenhamos de fazer.

A boa vontade que anima a totalidade de nossos associados, o desinteresse com que muitos d'entre elles se prestam ao ensino dos diversos ramos de Bellas-Artes e de sciencias com applicação a ellas, darão, assim o espero, um formal desmentido áquelles que, sectarios do solipsismo, duvidar possam de nossas patrioticas intenções.

E' com a perseverança, unida a estes dois poderosos meios, que contamos superar todos os obices que se oppuzerem ao desenvolvimento desta util associação.

O seculo do progresso, o seculo XIX, vae já a mais de meio de sua carreira, e em breve terá de desaparecer: si, como a velha Europa, não pudermos legar a nossos vindouros a gloria de descobertas uteis e grandiosas, deixemos-lhes ao menos, no reinado do Magnanimo e Illustrado Imperador o Sr. D. Pedro II, a herança de uma nação potente, rica e civilisada.

MARIANO JOSÉ DE ALMEIDA.

La modestie est au mérite ce que les ombres
sont aux figures d'un tableau: elle lui donne
de la force et du relief.

LA BRUYÈRE,

Senhores. — Levantando o véo de modestia com o qual a sociedade nos obriga a cobrir o rosto, vejo-me obrigado a confessar-vos, por meio destas poucas palavras, que a vaidade não presidiu aos meus sentimentos, quando espontaneamente, assim como os meus consocios não artistas, quiz ter a subida honra de fazer parte de uma corporação tão nobre e cheia de talento e de esperanza. Quero que haja merito e gloria: mas estes não devem consistir sómente em dizer, em plena

reunião de ignorantes, onde se queira sobresahir, que se é membro da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes, que se contribue para o seu sustentaculo com philantropicas mensuralidades; não! longe de nós todo aquelle que só vaidosamente pensar.

Senhores. — Posto não seja competente o meu conhecimento em bellas-artes, creio contudo que devo ufanar-me de comprehender o seu fim do modo que tomo a liberdade de expôr — sustentando que o trabalho deve ser, não só o meio, mas ainda o fim do homem.

Cada um de nós traz, nascendo, uma precisão de actividade que, si não for satisfeita pelo trabalho, torna-nos o flagello da sociedade e de nós mesmos. Os que recebem a luz na opulencia, cedo dão-se aos prazeres e á sensualidade, este abismo sem fundo que depois tentam deixar e esquecer entregando-se ao ocio; de que surgem o desgosto e o enfado, estes tyrannos contra os quaes o juizo pôde menos talvez do que a loucura.

O trabalho — eis pois o emprego de todas as nossas forças e faculdades, o dique de nossas paixões, o verdadeiro alvo do homem; o trabalho só emfim é o cumprimento da lei obrigativa da humanidade.

Em todos os graus de trabalho é perante a obra que tem de ser polida, ordenada, poetizada que vem expirar orgulho e vaidade; é neste campo que o menor operario e o mais sublime artista vem ao encontro um do outro expôr sua fraqueza, unir seus esforços, e realizar verdadeiramente sobre a terra a igualdade formada pela industria.

As bellas-artes, que têm por fim particular reproduzir o bello, são as raizes mais fecundas da riqueza de qualquer nação; e por este respeito vemos que o bom operario é nem menos estimavel nem menos precioso do que o artista de mais talento.

Quantos objectos instructivos e admiraveis para o homem mais illustrado não encontrareis nas manufacturas e officinas! E' bello sem duvida estudar as ricas producções da natureza; mas os differentes meios da industria, tanto para adoçar os males como para augmentar os prazeres da vida, não são tambem interessantes e dignos de se conhecer?

Si quizerdes achar o genio, entrae n'uma officina e lá o encontrareis sob diversas fórmas.

Si um só homem tivesse sido o inventor das machinas de preparar tecidos, teria mostrado mais intelligencia do que Newton, e pôde-se afiançar que nos principios mathematicos deste não ha problema algum mais difficil de resolver do que o de executar um tecido por meio de uma machina. Não é pois vergonhoso para nós Brasileiros vermos os objectos que nos circumdam reflectirem-se n'um espelho e ignorarmos como é feito este espelho; cobrimo-nos com panos e veludos e não saberemos tambem como se fabricam?!

Depois da cultura das terras, é a industria que convém mais ao homem, visto que uma e outra constituem a base fundamental de um estado bem organizado. E de quem é filha a industria? — Das artes liberaes.

Desde que a Europa está coberta de manufacturas, o espirito e o coração humano parecem ter mudado. A industria, mãe do luxo, talvez possa produzir vicios, mas tambem pôde banir os da ociosidade, mil vezes mais perigosos: multiplicando os trabalhos, ella faz maior quantidade de homens gozar de riqueza e liberdade.

As necessidades respectivas da humanidade fizeram nascer o commercio; luzes, capitaes, assiduidade, tudo foi consagrado a este officio honroso e necessario. O commercio nada produz por si só e suas funcções reduzem-se a trócas; mas, percorrendo as terras, atravessando os mares, levantando os obstaculos que se oppunham á communicação dos povos, e

estendendo a civilização, torna-se de algum modo o motor do mundo.

Sem duvida, si é bello pintar os Romanos, sómente com a arte de guerra de que dispunham, subjugando tudo, nações polidas ou barbaras, despedaçando os vasos de Corintho, mais felizes em adorar deuses de barro do que as estatuas de ouro e de marfim de Phidias; é ainda mais bello ver a Europa povoada de nações laboriosas que, espalhando-se pelo mundo inteiro, parecem apropriar-o mais ao homem, agitando com o sopro vivificante da industria todos os germens reproductores da natureza — pedindo aos abismos do oceano e ás entranhas dos rochedos, ou novos sustentos ou novos allivios — fazendo volver a terra com essas alavancas do genio — estabelecendo entre os dois hemispherios, pelos progressos da navegação, essas pontes volantes que communicam um continente com outro, e passam dos tropicos aos pólos — em uma palavra, abrindo a fonte da civilização e derramando mil canaes sobre a face do mundo. Tal é a imagem do commercio.

E donde nasceu elle, si não da industria, filha das bellas-artes?

Mas, Srs., os filhos não podem ter existencia sem paes: o commercio brasileiro nunca poderá existir, sem que a industria nacional lhe dê nascimento. Devemos pois, nós do commercio, proteger as artes, visto serem ellas que nos devem auxiliar mais tarde, e por este motivo ao menos, ainda quando outros muitos e importantes não houvesse, concorrer de coração com todos os nossos esforços para a sustentação desta sociedade.

Taes são os meus sentimentos.

GAULT FILHO.

Nova nascitur ordo !

Senhores. — A providente Natureza, predispondo o homem para o estado social, dotou-o igualmente de uma admiravel tendencia para a aquisição dos meios proprios á comoda mantença da vida, assim como do mais pronunciado instincto para subtrahir-se a tudo que pôde ser-lhe nocivo.

E' pois por esta triplice disposição que hoje em dia se vê tantas nações distinctas, povoando e abrilhantando a superficie da terra, cada uma com seus usos, suas leis e seus costumes diversos ; e das varias necessidades, e alternadas vicissitudes, por que ellas passam, é que derivam tantas subdivisões dos homens, formando sociedades menores, tendo todavia sempre em mira um fim reciprocamente util.

No Imperio Brasileiro, talvez seja esta grande cidade aquella, de todas as que o formam, que mais se avanta no desenvolvimento dessa tendencia á sociabilidade, tendencia que nestes ultimos tempos tem assignalado entre nós uma época gloriosa para o progresso das sciencias, da industria, do commercio e das artes.

E' no meio deste nobre afan pelo melhoramento da humana sorte, tão varia em seus caprichos, que mais um genio entre nós surgiu, esperançoso, cheio de boa vontade, rico de bons desejos, propondo-se a converter em realidade proficua um pensamento grande e sublime, uma idéia verdadeiramente importante. Fallo, Srs., da Sociedade Propagadora das Bellas Artes, feliz invento de um artista distincto por suas habilitações professionaes, por sua illustração e talento.

Não é meu intento, com forças tão minguadas como as que em minha debilidade conheço, tecer o panegyrico da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes, porque seu elogio está comprehendido em seu proprio nome ; designado pela Imperial Associação Typographica Fluminense, a quem generosos convidastes para testemunhar vossa festa artistica, apenas

posso em seu nome felicitar-vos pela realização de uma grandiosa idéia, para vós de louvor, e para o paiz de gloria : e tanto mais são de esperar os resultados beneficos desta Associação formada de tantas illustrações e talentos, quando vê-se com sua direcção suprema um varão egregio cujo nome symboliza sabedoria, patriotismo e progresso ; um varão, a quem o paiz deve as melhores instituições e reformas de que se orgulha ante as velhas nações da Europa. — E' elle o Palladio que, secundado por vossa dedicação e boa vontade, salvará, com o conceito universal de que goza, as Bellas-Artes do naufragio a que foram lançadas pela apathia daquelles que tinham por dever animal-as, e até mesmo (relevae que o diga) pelo inqualificavel descuido dos proprios artistas, que, mal comprehendendo a importancia e alcance de sua profissão ante a sociedade, têm sido os primeiros a tolerar passivos seu proprio menoscabo.

Mas emfim, Srs., chegada é a época em que Minerva reassumirá seu imperio ; offereceu-se o ensejo da regeneração e progresso das Bellas-Artes ; ellas vão reivindicar seus fóros, reentrar no gozo de seus direitos, conculcados de uma maneira insolita e horrivel. Deixae-me pois exclamar com o poeta de Nantua : *Nova nascitur ordo !*

Estas expressões monotonas, Srs., sem precisão, sem nexo, mal significam o regosijo que sente por esta inauguração feliz a Imperial Associação Typographica Fluminense, aqui representada pelo seu Conselho ; ellas são apenas um ligeiro transumpto do seu inexprimivel jubilo. Consenti portanto que não mais vos fatigue, e conclua aqui, resumindo toda a manifestação dos cordiaes sentires da Associação Typographica a vosso respeito neste intenso clamor : — Viva a Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro !

MANUEL FERREIRA DAS NEVES.



CHRONICA ARTISTICA

Os Srs. Agostinho da Motta e Joaquim Lopes de Barros Cabral.

Quando em Julho do anno passado, tractando, no *Brazil Illustrado*, do lindo painel da vista de uma parte da *Serra da Estrella* que então havia pintado o Sr. Agostinho da Motta, diziamos que a bella arte de Claudio Lorrain, de Gaspar Poussin e de Frimaldi começava a apparecer entre nós, não nos enganavamos.

O brilhante colorido desse quadro, o effeito magico de luz que nelle sobressahia de modo a fascinar o espectador, não era sinão o ensaio, pôde-se assim dizer, de uma obra de maior vulto, qual a difficil vista do alto da *Serra de Petropolis* até a barra do Rio de Janeiro, que o mesmo artista acaba de apresentar ao publico, e que lhe havia sido encomendada por S. M. a Imperatriz, ao mesmo tempo que a da *Serra da Estrella*, acima mencionada, e outras.

O Sr. A. Motta, cujo talento e vocação artistica não pôde ser negada nem mesmo pelo seu mais acerrimo inimigo, está sem duvida destinado a ser o creador da verdadeira escola nacional.

E com razão, porque o pincel que reproduz tão fielmente o dilatado panorama que se estende á vista do viandante que do alto de *Petropolis* olha até á entrada da nossa for-

mosa bahia, não pôde deixar de formar o typo caracteristico da paisagem brasileira.

O Sr. Motta é um artista distincto; e S. M. a Imperatriz que, como protectora das artes, o tem acolhido, dando-lhe consideração e apreço, tem ensinado o seu povo a amar o verdadeiro merito.

Com este honroso acolhimento o Sr. Motta fará muito, porque o seu genio artistico ainda está na aurora do seu desenvolvimento, ainda tem um immenso futuro de gloria a descortinar... Nos seus trabalhos se vê aquelle dom divino que revela os artistas predestinados a fazer época; e temos fé em que o Sr. Motta não parará.

Apraz-nos crêr que S. M. a Imperatriz não deixará sem uma bem merecida distincção esse artista que é seu, fazendo ver assim ao publico fluminense o amor que se deve ás artes e aos seus cultores.

— Por esta occasião não podemos tambem furtar-nos ao dever de fallar da bella scena de luar que no quarto acto do drama « *A Freira Sanguinaria* » apresentou o Sr. Joaquim Lopes de Barros Cabral.

Não é de um artista desconhecido que tractamos, nem é esta a sua primeira obra de merecimento; mas era sorprendente o effeito dessa scena, e para mostral-o basta-nos dizer que o publico enthusiasmado applaudiu a vista, chamando o seu autor ao palco para saudal-o com vivas e parabens.

O Sr. Lopes deve estar satisfeito com essa demonstração de estima publica, porque é só com esses espontaneos applausos de um povo livre que se justifica o merito de um bom scenographo.

B.



O Sr. Florindo Joaquim da Silva

e a

Sociedade Propagadora das Bellas-Artes

Com o fim de concorrer energicamente para o louvavel empenho a que se propoz a nossa sociedade de fundar as aulas necessarias ao ensino e propagação das bellas-artes neste Imperio, dirigiu-nos o nosao consocio, o actor Florindo Joaquim da Silva, a carta que abaixo publicamos, em que eloquentemente demonstra a união que deve reinar entre aquelles que adoptam um mesmo principio.

Com esta bella offerta, que não pôde deixar de tocar a todos os corações amantes da arte, e do progresso e bem-estar publicos, a todos aquelles que souberem das circumstancias em que se acha na sua empreza e dos obstaculos com que luta o Sr. Florindo, justifica-se o pensamento de que para as almas verdadeiramente grandes não ha embaraços capazes de impedir o exercicio do bem.

O Sr. Florindo praticando deste modo estreia maravilhosamente o livro em que a sociedade tem de inscrever com reconhecimento os nomes daquelles que assim houverem comprehendido, pela pratica de acções meritorias, o verdadeiro patriotismo.

Eis o theor da carta a que nos referimos :

Sr. Secretario. — Tenho fé no futuro do meu paiz, e, como Artista Brasileiro que sou, congratulo-me com os meus compatriotas por todos os tentames generosos que se dirigem á propagação das Bellas-Artes e á confraternização dos homens que, como vós, têm todo o enthusiasmo de uma crença profunda, e a sinceridade das dedicações espontaneas e sympathicas.

Permitti-me pois, Sr. Secretario da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro, antes mesmo de declarar-vos o objecto desta carta, que vos felicite pela feliz inspiração que tivestes de organizar uma associação, de que me honro de ser membro, e que tão rica de esperanças e promessas se apresenta na perspectiva brilhante que o futuro da nossa Patria reserva á nova geração.

A' frente tambem de um nucleo artistico que me apraz considerar menos como empreza mercantil do que como uma communhão de familia, empenho actualmente todo o meu presente e por ventura tambem o meu porvir, para o seu engrandecimento futuro, em ordem a dotar esta capital com mais um Theatro digno de sua illustração, e do estado actual dos progressos da arte que ha vinte annos sigo e a que me abraço cada vez mais como a unica consolação de minha vida depois de minha familia.

Em todas as applicações da intelligencia, a Arte é sempre a mesma, seja qual fôr a fôrma de sua manifestação, uma vez que o principio gerador de suas creações tenha por modelo a natureza e a verdade por fim.

Assim pois entendo que todas as sociedades ou reuniões de homens que tenham uma Arte qualquer por objecto unico ou principal de seus trabalhos, devem conhecer-se e entreajudar-se como membros de uma mesma familia, porque a affinidade de pensamento é já um principio de aproximação

e de sympathia para os homens que commungam na mesma religião e professam o mesmo culto.

Em meio das vicissitudes e decepções dolorosas por que passa o Artista, esse *Mohicano* da Sociedade, não é a sua menor compensação o concurso que mesmo do seio da sua pobreza póde prestar á educação artistica de todas as vocações nascentes que a Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro aspira utilizar em proveito commum.

Esse concurso que me disponho a prestar á Sociedade que me honrou com a sua adopção, consiste em um Beneficio que estou prompto a dar, como e quando approuver á Sociedade, com a Companhia Dramatica que dirijo e preparo em S. Januario.

Dignae-vos portanto, Sr. Secretario, de levar ao conhecimento do Exm. Sr. Presidente da Sociedade, o pequeno, mas sincero offerecimento que faço em bem de uma instituição, que parece fadada a derramar grande copia de beneficios sobre todas as jovens cabeças que tomar sob a sua generosa protecção.

Esperando que tereis a bondade de communicar-me o que a Sociedade resolver a este respeito, peço-vos desde já, Sr. Secretario, que não trepideis em marcar-me dia e hora para tractarmos definitivamente da realização de nossa festa artistica.

Tenho a honra de ser, com a mais distincta consideração e particular estima,

Amigo affectuoso e obrigado

FLORINDO JOAQUIM DA SILVA.

7 de Abril de 1857.



NOTÍCIAS

Exposição das Bellas-Artes em Manchester.

De um artigo do Sr. Bargé, inserto na *Illustração franceza* de Fevereiro deste anno, colhemos os seguintes pormenores ácerca de uma exposição de bellas-artes que se prepara para o proximo verão na cidade de Manchester, chamada, por justos titulos, a segunda da Inglaterra.

O fim desta exposição é reunir tudo quanto têm as bellas-artes produzido de mais perfeito, particularmente a pintura, — as obras-primas de todas as escolas e de todas as épocas, para que se espalhe por todas as classes o gosto das artes, e ponha-se o publico ao alcance de apreciar por si mesmo os thesouros artisticos da Gran-Bretanha.

E na realidade poucas nações são neste particular tão favorecidas como a ingleza. Não que tenha ella feito escola propriamente dicta; mas á importancia das fortunas particulares deve o chamar a si as obras-primas dos mestres estrangeiros, e apropriar-se de uma parte do brilho das escolas que as têm produzido. Das grandes familias inglezas poucas são as que nas suas residencias não encerram algumas télas assignadas por nomes celebres, principalmente das escolas italiana e flamenga, e conservadas muitas vezes em galerias especiaes.

Mas, além dessas galerias de pintura, pertencentes ás familias gradas e datando de longe, foi-se espalhando o gosto pelas colleções desse genero entre a opulenta classe média ingleza. Assim que, não é raro encontrar em casa de ricos particulares, colleções capazes de lutar, quanto ao numero e valôr dos quadros que as compoem, com as das mais altas personagens da aristocracia. Com o espirito de nacionalidade que caracteriza os Inglezes é pois muito provavel que a Exposição de Manchester apresente o complexo dos primores d'arte de que actualmente está de posse a Gran-Bretanha.

O palacio da exposição foi feito segundo os planos do architecto *Salomons*. Construido quasi inteiramente de ferro, offerece esse estylo simples e elegante, cuja mais bella mostra viu-se no edificio de Hyde-Park. E' da fôrma de um vasto parallelogrammo, do comprimento de 214 metros (pouco mais de 97 braças), e da largura de 60 metros (mais de 27 braças). A fachada principal, construida de tijolo branco e vermelho, regresenta uma parte saliente de cêrca de 10 metros (4 braças e 1/2) sobre o resto do edificio. A' esquerda do corpo central, uma longa galeria communica com a estação do caminho de ferro. As paredes das galerias lateraes são formadas por pilares de ferro de cêrca de 2 e 1/2 metros (pouco mais de uma braça); e o espaço existente entre os pilares é preenchido internamente por taboas forradas de papel pintado.

As columnas, tambem de ferro, que sustentam a grande abobada do corpo central, fôrmau duas filas e têm perto de 4 metros (18 palmos) de altura, servindo para separar a grande sala média, das galerias que a ladeiam. O tecto é formado por grossas folhas de ferro batido, dividido interiormente em apainelados ricamente pintados e esculpidos; é sustentado por arcos e fechos de ferro. Para que a luz penetre de modo igual e continuo em todas as secções do interior, ha uma longa aberta na parte superior da abobada.

Posto que a construcção apresente uma grande elegancia e certa harmonia de partes, longe está no emtanto de ter aquelle character monumental que parece pedir um edificio desse genero. Tão naturalmente associada é a idéia de duração á grandeza de um monumento, que tudo o que não corresponde a essa idéia, pela importancia do todo e pelas condições de solidez, apresenta-se tão sómente como uma obra fragil e passageira. E' o que acontece ao edificio da Exposição de Manchester que, não obstante suas vastas proporções, tem essencialmente esse character transitorio.

No centro do edificio, sob a abobada grande, está a maior sala, vasta galeria ou nave de 183 metros (pouco mais de 83 braças) de comprido e 32 (14 e 1/2 braças) de largo. E' destinada á exposição das estatuas, bronzes, tapeçarias, gravuras, esculpturas, joias, armas de preço, instrumentos de caça e outras produções das artes industriaes. Correm parallelas a esta sala duas galerias lateraes, destinadas especialmente aos quadros dos grandes mestres de todas as escolas que illustraram seu tempo. Estas galerias são subdivididas em repartimentos, cada um dos quaes deve receber uma escola especial. Em angulo recto á sala grande, na extrema do edificio, foram reservadas galerias de menor importancia para a exposição dos desenhos, aquarellas, lithographias, &c. Emfim, a cêrca de 40 metros (18 braças) de distancia, é o edificio cortado por um transepto da mesma largura que a sala principal.

Tendo os commissarios da exposição solicitado de todas as pessoas que possuem colleccções importantes o empréstimo desses cabedaes artisticos, só têm tido que congratular-se pelo desvelo que encontraram em accederem ao seu convite e os obsequiarem. A todos os respeitos, e principalmente no que concerne ás obras-primas dos mestres italianos e allemães, os resultados já obtidos têm excedido tudo o que a mais ousada confiança podia esperar deste modo de requisição.

Assim, muitas pessoas que possuíam obras-primas que a commissão não pedira, as mandaram de seu motu-proprio. O marquez de Salisbury deu, a titulo de deposito, as mais bellas pinturas da sua galeria de Hatfield. O conde de Carlisle enviou uma parte das que ornain o solar de Howard : as obras mais notaveis de Annibal e de Luiz Carrache, de Corregio e de Mabeuse. Lord Grey prometten tres quadros de Van-Dyck e a celebre téla « *A Filha do Ticiano* ». Mais de 60 quadros foram escolhidos pelo Dr. Waagen na magnifica galeria do conde Spencer. Lord Tabley enviou dois dos melhores paineis de Turner. O duque de Newcastle deu, das suas galerias de Cumber e Londres, a obra prima de Hogarth, uma das mais bellas composições que tem produzido a Inglaterra « *A Feira de Southwark* » e « *O Pick* ». O duque de Manchester poz á livre disposiçáo dos commissarios a sua magnifica collecção. Fizeram offerecimentos igualmente liberaes o duque de Richmond, o marquez de Hertford, o conde de Warwick, Lord Talbot de Malahide, miss Burdett Coutts, Beresford Hope, e outros protectores e amadores das bellas-artes.

Para dar uma idéia das numerosas riquezas artisticas que possui a Inglaterra, faremos uma rapida revista das collecções particulares. A' frente de todas cumpre citar as magnificas galerias de Bridgewater e do solar de Howard. A primeira, que ora pertence a lord Ellesmere, contém uma grande quantidade de quadros italianos e flamengos, sendo os mais notaveis, quanto á escola italiana, a Virgem del Passeggio, a Mais bella das Virgens e a Virgem da palmeira, de Raphael ; a Adoração dos Magos, de Peruzzi ; as Tres idades, do Ticiano ; o Enterramento de Christo, pelo Tintoreto ; Jesus ensinando no templo, de Ribera ; Christo em presença de Pilatos, de André Schiavone, e um Enterramento de Christo, de Piombo ; e quanto á escola flamenga, um Mariola, de Wouvermans e o Desembarque do principe Mauricio em Dort,

por Cuypp (*). — A collecção do castello Howard, do conde de Carlisle, encerra um grande numero de obras-primas, principalmente da escola italiana ; as mais consideraveis são : a Volta de Ulysses, do Primaticio ; um S. João (busto), do Dominiquino ; a Adoração dos pastores, a Tentação de Christo e o Sacrificio de Abrahão, do Tintoreto ; um Retrato de homem, de Salvator Rosa, e um grande numero de Canaletto ; um quadro de Mabeuse e um de Luiz Carrache ; e uma Caçada de javali, de Rubens.

Depois destas duas galerias, as mais ricas são as de Lord Stafford e de Hampton Court. Na primeira nota-se tres quadros de Ticiano :—Diana e suas nymphas, Actéon e Calixto, e Venus sahindo da onda ; uma vista de Tivoli, de Gaspar Poussin ; um quadro religioso de André Schiavone, e a Virgem e o Menino, de Procaccini (que pertenceu a Carlos I). — Hampton Court tem uma tēla de Mantegna, o Triumpho de Cesar ; sete cartões de Raphael, uma copia do Guido pelo Romanelli, e a rainha Izabel, de Zucchero.— Ha tambem em Windsor, entre outros, Ticiano e o Aretino, do Ticiano ; a Filha de Herodias, e uma cabeça de S. João Baptista, de Dolci ; tres volumes de desenhos, de Leonardo da Vinci. — O palacete de Burleigh possui dois quadros de André Schiavone : Moysés e o Casamento de Santa Catharina ; uma tēla de Ribera, isto é, o Repouso no Egypto.— O solar de Stratton encerra uma Sacra-familia, de Ribera ; um S. João Baptista ; uma Marinha, e Bandidos, de Salvator Rosa. — Na collecção do conde de Suffolk acha-se uma Cabeça de Christo, do Guido ; — na de Corsham-House, o Martyrio de S. Lourenço e o Retrato de Mazaniello, por Salvator Rosa. — O duque de Wellington possui uma Agonia de Christo no jardim das Oliveiras, do Correggio. — O collegio de Dulwich conta

(*) Liga-se uma particularidade curiosa a esta magnifica tela, a obra-prima de Cuypp : comprada primitivamente pelo preço de 1.620\$00 (dinheiro nosso), o príncipe Mauricio offereceu por ella, no dia seguinte ao da venda, 45.000\$000.

355 quadros, entre os quaes : o Juizo de Páris, de Vanderwef ; uma Moça á janella, de Rembrandt ; uma Ramilleteira espanhola, de Murillo ; o Triumpho de David, por Poussin ; Soldados jogando, de Salvator Rosa ; um Retrato, por Van-Dyck. A mór parte desta collecção foi legada á instituição por um pintor inglez, descendente de familia franceza, Francis Bourgeois. — Encontra-se ainda : uma Virgem, de Botticelli, na collecção de Lord Orford ; a Visão de S. João, do Parmesan, na *National-Gallery* ; a Familia Cornaro, do Ticiano, pertencente ao duque de Northumberland ; um Retrato de Ribeira, pintado por elle mesmo, em Alton-Towers ; uma Paizagem, de Salvator Rosa ; O Sonho de Jacob e uma Marinha, deste ultimo pintor, pertencendo ao duque de Devonshire ; enfim a Glorificação da Virgem, de Raphael, no solar de Bleinheim. — Para finalizar, citaremos, como contendo as melhores têlas da escola flamenga, as galerias de Grosvenor e de Bleinheim, as de Wilton, Lord Ashburton, de Sir Hope e Roberto Peel, encerrando esta ultima uma têla do mais subido interesse : o derradeiro quadro de Pedro Wouvermans.

Vê-se que a Inglaterra não é tão desprovida de quadros como em geral se julga. « Doloroso é dizer, acrescenta o articulista a que nos referimos, que a mór parte dos quadros que aquella nação possui, provêm da França. A este respeito, cada vez mais se empobrece o nosso paiz em proveito dos nossos visinhos d'além-mar. Para não citar mais do que um exemplo entre mil, bastará dizer que, durante a primeira revolução, Philippe-Egalité, apertado de dinheiro, fez passar á Inglaterra a sua magnifica collecção, que comprehendia nada menos de 305 quadros da escola italiana ; e tendo ella ficado empenhada em Londres por 40.000 libras (cêrca de 360 contos de réis), foi vendida publicamente algum tempo depois pelo banqueiro depositario. O duque de Bridgewater comprou 94 dos mais bellos quadros desta collecção por 39.000 guinéus

(cêrca de 368 contos de réis) ; desse numero, cedeu elle uma quarta parte ao duque de Sutherland, e uma oitava parte ao conde de Carlisle. Entre os quadros cedidos a este ultimo achava-se os Tres maridos, de Annibal Carrache. — Quarenta e sete quadros ficaram na galeria de Bridgewater, que é, sem contestação, a mais rica da Inglaterra, porquanto, além das obras-primas provenientes do duque de Orleans, contêm 1.047 quadros das escolas italiana, franceza e espanhola, 158 flamengos, hollandezes ou allemães, e 38 da escola ingleza. Na occasião da morte do duque de Bridgewater, era essa magnifica galeria estimada em perto de 4 milhões de francos (1.440:000\$) ; o seu valor actual excede ao dobro, segundo a estima dos conhecedores.

« Todos os que visitarem Manchester na quadra que vae começar, acharão por certo um interessante objecto de estudo nesta magnifica exposição, rica dos despojos de todas as nações, e onde devem resplandecer em toda a sua gloria os nomes de Raphael, Miguel Angelo, Correggio, Ticiano, dos seus predecessores e dos pintores celebres que vieram apoz elles. Manchester será pois, este anno, a metropole das artes e, não o duvidamos, um objecto de peregrinação para os amadores das obras-primas.

M.



Instrucção publica no Piemonte

Aqui damos resumidamente os progressos que aquelle paiz tem feito nestes ultimos annos relativamente á instrucção. -- Contava-se alli em 1854, para o sexo masculino, 221 escolas publicas superiores e 4.976 inferiores; em 1855, 234 escolas superiores e 5.192 inferiores, subindo em 1856 as superiores a 239 e as inferiores a 5.622. As escolas publicas para o sexo feminino, que em 1854 eram em numero de 74 superiores e 2.385 inferiores, chegaram em 1855 a 76 superiores e 2.598 inferiores, e emfim em 1856 a 85 superiores e 2.792 inferiores. Ao todo, 295 escolas publicas superiores e 7.181 inferiores em 1854; — 310 superiores e 7.790 inferiores em 1855 — emfim 324 das primeiras e 8.414 das ultimas em 1856. — Calcula-se a população dos Estados-Sardos em 4.700.000 habitantes.

M.



DISCURSO

recitado na sessão solemne da inauguração da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro, em 20 de Janeiro de 1857.

Senhores. — Muito tempo vae decorrido desde que parti desta minha patria que tanto prézo... Nunca, enquanto durou a minha ausencia que tão longa me pareceu, nunca deste bello torrão me esqueci um só dia; no meio dos meus estudos e das minhas peregrinações em paizes estranhos, no meio das maravilhas da arte e da industria que por toda a parte se me antolhavam, o desejo de revêr este sol esplendido, estas flores ricas de matizes e de perfumes, o viço eterno desta natureza, nunca um instante me abandonou.

Mas porque vinha um pensamento amargo entrenciar-se a esta saudade infinda? porque vinha um suspiro involuntario de magoa turbar o enlevo do meu espirito? porque me doía ao contemplar as provas monumentaes do amor do bello e da gloria que a cada passo me occorriam aos olhos?

E' porque trazia á memoria o atrazo em que conhecia as letras e as artes entre nós, e a pouca estima que em geral se lhes outorga com todas as difficuldades de um grande favor.

E' porque perpassava-me pela mente, como tétrica nuvem, a imagem do Brasileiro recostado no seio da escravatura, desdenhando esta natureza que vae além da fantasia, olvidado do que deve á patria, e deixando quanto lhe toca de mais perto ao cuidado do estrangeiro. E nas minhas recordações me apparecia elle entregando-se á somnolencia e á apathia, sem curar de avantajarse — semelhante a um velho caduco, que, não tendo mais aspirações de porvir, indifferente a quanto em derredór se agita, ou não comprehende mais ou não procura comprehender que existe progresso, ou sorri-se das lidas a que se dão os moços, e imagina que o mundo acaba allí no marco em que elle quedou, que o sentimento é um mytho, que o amor da patria é uma fabula arranjada para adormentar crianças !...

E' porque, enquanto por toda a parte divisava, ouvia ou lia testemunhos da vida, do adiantamento, do gosto de outros povos; ao contrario, a respeito do Brazil, quando o silencio se rompia, era para fazel-o conhecer sob poucos favoraveis côres; era para mofar delle, como de uma casta de selvagens: e nem um indicio, nem muitas vezes a palavra de um compatriota que podesse rebater a idéia mais ou menos bem fundada do nosso atrazamento, desvanecer a grosseira ignorancia que por ali reina ácêrca das nossas cousas !...

E' porque, finalmente, não me era licito fallar sinão da nossa prodigiosa e luxuriante natureza; e não podia memorar, á vista de tantos objectos notaveis, um só monumento duradouro que assignalasse algum caso estremado da nossa historia, que suggerisse o nome glorioso de algum de nossos antepassados: e no emtanto tinha noticia de que a febre do ouro, acobertando-se com o titulo especioso de melhoramentos materiaes, se apoderava de todas as classes da sociedade, já tão eivada de preconceitos e opiniões limitadas, arrastando as fortunas e opprimindo as letras e as artes, que se offuscavam cada vez mais e jaziam como mortas.

Foi pois uma suave consolação a que recebi ao ter conhecimento da reforma da instrucção publica. E a este respeito, rememorava palavras por mim pronunciadas n'uma das occasiões mais ponderosas da minha vida. Por essas palavras, que me seja relevado reproduzir aqui, reconheceréis quanto sempre taes pensamentos me deviam preoccupar em toda a parte.

SENHOR! (dizia eu a 20 de Dezembro de 1853, ao receber o doutorado em medicina, dirigindo-me ao Imperador) bem que vossos olhares se volvam de continuo para as letras patrias, permitti ainda assim que neste dia solemne vos dirija uma supplica, que não cahirá, nós o esperamos, como uma folha inutil, a vossos pés:— O povo carece de instrucção, alimento da alma, como do alimento do corpo; quando a ignorancia e o charlatanismo penetram os umbraes dos templos da sciencia, ai desta! ai da sociedade! Em nome pois da mocidade que deixa estes bancos e que attenta para o porvir; em nome daquella outra que nos circumda; em nome do saber que se assenta em face; em nome da patria, SENHOR, continuae a lançar o vosso olhar beneficente para a instrucção publica... »

Pareceria que minha voz fôra fatidica, e que o Chefe do Estado, que assistia a essa festa da sciencia, tomára nota das palavras do mancebo que fallava em nome dos seus compa-
nheiros de estudos.

Afinal, uma doce impressão ainda me estava reservada. E foi como um grato sonho para mim, ao approximar-me das plagas que tanto anhelava, a noticia da fundação de uma associação artistica, organizada por um amigo que sempre reputei um penhor de grandes e prestimosos designios, um propugnador consciencioso do futuro da arte no nosso paiz.

O meu nome foi logo lembrado para tal fundação por esse amigo; e com razão, ousou dizel-o, porquanto elle e alguns outros sabem perfeitamente que nem uma associação

tendente ao nosso aproveitamento aqui se ergueu, que não me achasse prompto para prestar-lhe, em falta de outras faculdades, o exíguo contingente de minha boa vontade, e o concurso, quando menos, de todos os meus votos. Si pois o meu pensamento dominante foi sempre o engrandecimento das letras e das artes na nossa terra, eu não podia ser alheio a esta associação.

E' por isso que vos quiz hoje fazer participes dos sentimentos que nutro: e só esta consideração faria com que, despiendo o manto escuro com que ora me cobria, me aventurasse a vir aqui erguer a voz, no meio do auditorio que me cerca, e que bastaria para acanhar-me e muito.

Não vos darei um discurso; não entra aqui a arte do dizer: escripto feito de momento, falta-lhe o nexo preciso. Mas vós não tendes pretensões, nem eu as tenho; tendes desejos de ser uteis ao paiz — são esses os meus desejos: as minhas palavras não serão mais do que a expressão delles. Seja isto a minha desculpa.

Senhores. — O fito desta associação é bello e grandioso. Excitar a emulação, propagar o gosto, disseminar a cultura das artes, são nobres intuitos e devem conduzir a nobres fins. E' para alcançar resultado tão subido que esta sociedade, organizando-se, apresentou como dois dos seus preceitos cardeaes — a criação de uma revista e o ensino publico.

Senhores. — Da educação do povo nasce a maior gloria e felicidade de uma nação. — Houve tempo em que a maxima da instrucção publica foi julgada perniciosa: foi quando os tyrannos eram senhores, e o povo não mais do que um complexo de escravos; quando os condes e os barões feudaes eram, para bem dizer, os unicos homens, e os seus servos da gleba apenas tanto como animaes de carga.

Quando porém a emancipação da intelligencia se foi operando; quando os individuos empregados nos *labôres* e *mis-tères* quizeram deixar de ser escravos, e, meditando no seu

futuro, inventar e conhecer methodos de trabalho menos arduos e mais apurados, viu-se então quanto a instrução partilhada melhora a nossa especie, quanto acrisóla os costumes e a linguagem. quantas prosperidades resultam della para o bem-estar de cada um e para o augmento do Estado.

— Quando o homem, por si proprio, pôde apreciar donde o bem provirá, donde provêm o mal, descobre com mais facilidade meios para chegar áquelle, remedios para atalhar este. Nas revoluções a ignorancia já o não arrasta com tanta cegueira á voragem aberta pelas paixões, pelas preocupações ou pela vingança de outrem. Medram as artes liberaes, a industria, o commercio; desenvolve-se o gosto; em summa, o homem quer e pôde ser homem, verdadeiro pae e cidadão, porque pôde acompanhar com olhos meos vendidos os negocios da patria.

Olhae para a India — para toda essa região latissima, do mundo a mais antiga, segundo a letra da sua tradição. — A civilisação deteve-se alli ante a immobibilidade dos idolos de Para-Brahma, ante a hypocrisia e os embustes dos seus bonzos, ante a ignorancia e o mysterio — pontos essenciaes do dogma, ante a divisão das castas. O povo alli não symboliza uma nação, não dá um passo para diante, nem um bem fará á patria e muito menos á humanidade. A sapiencia parou em certa escala, aliás muito restricta — assim os animaes ante-diluvianos só se encontram hoje mais ou menos petrificados debaixo de espessas camadas de terreno; — além daquelle ponto, não ha sinão uma infinda turba que se move *more pecorum*. A industria permaneceu alli sempre a mesma, a mesma a politica, a mesma a litteratura; as artes pouco ou nada dizem para a historia, sinão que uma historia de seculos parece a historia de um dia!

Fallei-vos nas artes. — E' que são ellas um dos ramos da educação. Desde os tempos mais remotos, nos lugares onde

são mais cultivadas, mais policiados são os costumes: manifesta-o a simples comparação dos costumes de Athenas com os de Lacedemonia.

Pela cultura das bellas-artes adquire-se o gosto do bello; a virtude parece mais digna de apreço; o homem, despindo a crosta de brutidão que o envolve, soltando-se da materialidade, de *la bête*, conforme o vocabulo significativo do Conde Xavier de Maistre (*), procura assimilar-se ao ideal que o extasia e ao qual sente remontar-se o pensamento da Divindade.

« As bellas-artes são, como diz Kératry, a consequencia directa do desenvolvimento das faculdades instinctivas e adquiridas do homem », e eu accrescentarei que o cultivo e o luzimento dellas são o complemento e o espécimen da civilização de um povo, o reflexo do seu genio, o typo plastico, por assim me exprimir, de seus costumes, da importancia que dá ao futuro e do modo por que ha de recompensar o presente.

Em verdade, que excelsos intentos não faz nascer no animo de um povo aquella inscripção gravada no singelo marmore que cobre os restos de Christovam Wren, inhumado na Cathedral de S. Paulo, em Londres, de que fôra elle o constructor: « Si procuras o monumento daquelle que aqui jaz, olha em derredór! (**) » A esta simples frase, o homem parece surgir immortal, sente-se reviver ahi de era em era, esforça-se por attingir as virtudes mais eminentes em pró de uma nação que assim reconhece os serviços do cidadão.

Ao entrar nas ruinas do amphitheatro de Nimes ou do Colossen de Roma, ao observar as reliquias do prisco Forum, ao visitar as Thermas, lê se alli a historia gloriosa, reconhece-se a magnitude desse povo do qual emanou a mór parte das grandes idéias e que hoje, aviltado como jaz, sob o peso

(*) VOYAGE ATOUR DE MA CHAMBRE.

(**) *Si monumentum queris, circumspice!*

da sotaina e da dominação estrangeira, ainda mostra de quando em quando o que foi e o que pudéra ser.

Quando, ao contrario, se percorre a nossa terra, herdeira immediata dos erros e dos defeitos da sua metropole, o que temos ahi que denuncie o *que fomos* e o *que somos*? — Apenas alguns templos e innumeradas *igrejinhas* que, sem propriedade nem belleza, se apinhão ás vezes em um só sitio. Entrando porém n'um templo desses, em geral nós d'arte por fóra e por dentro; assistindo a uma de suas procissões, e encarando n'um desses objectos a que se appellida pomposamente *imagens*, que conceito se póde ter de um povo que vê a idéia de Deus ou dos Anjos personificada n'essas figuras informes, e mais ou menos ridiculas, posto que ricamente, ataviadas? O conceito mais triste possível: n'este caso, a fé é a ignorancia bruta ou o indifferentismo material — ella conduzirá á superstição ou ao fanatismo, mas nunca ás altas concepções de progresso e de aperfeiçoamento...

Demais, é certo que, quando o individuo não vê na terra natal sinão caminhos mais ou menos tortuosos, paredes mais ou menos alinhadas e sustentando cobertas; quando não lhe é possível applicar ahi este dicto do escriptor que ha pouco nomeei: « Sempre sou alguma cousa no tempo e no espaço, pois que o tempo e o espaço me fallam do que me precedeu »; e, ausente, não póde chamar á memoria nem um edificio magestoso, nem um monumento, nem uma estatua ou painel que lhe contasse alguma vez successos passados, então a lembrança querida da patria se lhe esvaece, ou resta della apenas a commemoração de algum affecto que lhe deixou raizes no coração, e cujas delicias não logra mais.

« A nação que, havendo chegado a um certo periodo de sua existencia, está sem passado, diz aquelle mesmo escriptor, ficará provavelmente sem futuro; e como penhór de ambos, e não como um apparatus vão de riquezas, que os monumentos publicos devem ser conservados » — e erigidos.

Senhores, a influencia benefica das artes é incontestavel. O selvagem que as ignora ainda quasi todas, tem uma linguagem escassa. Assim como as letras, ellas suavizam as horas arduas ou tediosas da existencia, augmentando-lhe os prazeres. « Os camponezes suissos e allemães, em cuja cabana se encontra uma Biblia e um piano, diz Chateaubriand, são muito menos grosseiros do que os camponezes francezes, sem nada haverem perdido de sua honradez nem do seu vigor. »

O desenho é proveitoso em quasi todas as conjuncturas da vida ; além do seu prestimo para todas as industrias, para as sciencias e objectos de fantasia, ajuda-nos nas nossas reminiscencias, e nos ministra fontes mil de recreio. Por mais gravadas que fiquem na memoria de um individuo os lugares que transitou, as bellezas naturaes ou artisticas que teve occasião de esguardar, quantos traços, quantas circumstancias se não perdem com o andar do tempo ! Entretanto, mediante o desenho, pôde elle fixal-os, e por uns simplices rasgos, ahi lançados de momento, n'uma folha branca, resente no porvir as sensações preteritas — recorda um bello horizonte ou determina a fôrma de um monumento, e, o que mais é, dá-o a conhecer a outrem.

A pintura e a esculptura fazem reviver os sentimentos de um povo ou os de uma familia, segundo os assumptos que representam. — Ao reparar nas estatuas de Bernardin de St.-Pierre e de Casimir Delavigne ante a escadaria da Bibliotheca do Hâvre-de-Grâce ; ao admirar o mausoléu de Casimir Perrier, mandado erigir pela municipalidade de Pariz no cemiterio do *Père Lachaise* ; ao percorrer as longas galerias de Versalhes, dedicadas — *A todas as glorias da França* ; ao ver a estatua de Guttenberg n'uma praça de Estrasburgo e n'outra de Moguncia ; ao encontrar a cada passo em Londres os monumentos que repetem os nomes de Nelson e de Wellington ; ao notar emfim por esses Estados tantas e tantas demonstrações de sentimento nacional, comprehende-se quanto

ha alli de imperecível que deve incitar ás incllytas acções ; avalia-se de quanto amor de gloria deve ser aquinhoado um povo desses, quanto amor das cousas patrias deve inspiral-o a cada instante. — A estatua de Molière, elevada, em uma das ruas de Pariz, por uma subscrição da cidade, e coroando uma fonte, ligando assim a idéia de um nome glorioso para o paiz a da utilidade publica, impressiona mais do que cem grandes casas de cambio...

Pelo desenvolvimento das sciencias e das artes, pelo conhecimento dos segredos da philosophia, como então se chamava, o Egypto, a cujos monumentos cabe aquelle bello verso de Delille :

Leur masse indestructible a fatigué le temps,

conquistou o primeiro lugar entre as nações antigas e attingiu o summo brilhantismo e poderio. Mais tarde a Grecia, e depois a Italia — esses climas, como o nosso, tão mimosos do céu, que dir-se-iam bafejados por uma aura especial da essencia divina — elevaram-se pelas letras e pelas artes ao apogeu da gloria. Si não fossem os monumentos da arte, estaria talvez hoje varrido pelos simuns das éras o nome dessas nações tão justamente decantadas.

Quando letras e artes alli declinaram, estavam esses povos escravizados : hordas inimigas, tendo sobre elles vindo, como Arpias de devastação e de exicio, fizeram-os passar de gerações de heróes a multidões de escravos. — A primeira acção das hostes barbaras, ao penetrarem no recinto de uma cidade, é a destruição de todas as producções que relatem sublimados feitos de patriotismo, de quanto ahí possa conter egregias tradições ; derrocadas, as bellas-artes não accordarão mais, n'esses povos subjugados, enthusiasmo nem lembranças de liberdade.

Quando a religião christan quíz estabelecer-se e consolidar-se, entendeu, no seu exclusivismo egoistico, semelhante

a todas as seitas, que devia despedaçar e reduzir a pó ou a cinzas os monumentos que revelavam a grandeza a que haviam chegado povos que ainda não tinham conhecimento do novo culto. Logo que porém começou a firmar-se, reconheceu quanto precisava de simulacros que pelos olhos tocassem a alma, e fez desde então resurgir a arte, servindo-se até de emblemas e de figuras do paganismo.

Quando Constantino, « dilatando a fé e o imperio », transportou para Bysancio a séde do seu governo, ahí instituiu logo escolas a que attrahiu, por meio de privilegios e recompensas, os jovens artistas instruidos para serem os architectos da nova capital, e para lá transplantou as letras e as artes, porque bem sabia que era esse o modo de engrandecel-a e fazel-a aspirar a um futuro pieclaro — que só por ellas pôde uma cidade adquirir e ter direito ao titulo de illustre.

O mesmo praticou nos tempos modernos o rei Luiz da Baviera, verdadeiro regenerador das artes, no que foi acompanhado por Maximiliano II, seu filho e successor, a respeito de Munich que se tem tornado o emporio das sciencias, letras e artes da Allemanha. E igualmente os reis da Prussia, da familia reinante, seguindo esses dictames, têm levado Berlim a um ponto, que nada tem que invejar ás mais bellas capitães da Europa. — E' que, como diz a Baroneza de Stael, « não basta occupar-se com o povo tão somente pelo lado da utilidade; mister é tambem que participe elle dos gozos da imaginação e do coração. »

A' cultura das artes devem a França e a Inglaterra (posto que por modo differente pela diversidade insita das duas raças), e bem assim outras nações da Europa, o brilhante desenvolvimento commercial, manufactureiro e industrial que ostentam. A Exposição universal ultima ainda o provou: as nações que mais objectos d'arte offereceram, foram

tambem aquellas que em geral mais se distinguiram em todos os outros ramos.

Cabe aqui fallar do Brazil n'essa occasião... não sei si melhor fôra emmudecer... — O Brazil nem teve ao menos uma flôr das suas florestas, ou uma pluma das suas aves para lá mandar ! Alli appareceu um soberbo diamante, proveniente de nossas fecundas terras ; mas já nos não pertencia (*)... Demais, que monta um diamante para a civilização ou o adiantamento de um paiz ? Significa um acaso e nada mais — é um bello achado...

Alli foram exhibidos, é verdade, varios objectos brazilicos, sob o titulo de — *Exploração do Amazonas* — ; mas isto indicava os trabalhos uteis aos conhecimentos humanos, ordenados pelo governo francez : o Brazil em nada influuiu para isso, não sahiu da sua negligencia...

Emfim, senhores ! para expressar tudo — no meio dos pendões e estandartes de todas as nações que tremulavam ao redor do immenso salão central, procurava-se em vão a bandeira Brazileira ! — Crer-se-ia que o terceiro imperio do mundo fôra, por algum infando cataclisma, riscado do mappa das nações !... (**)

Em que me peze, o direi : a nossa patria parece amar os fóros de selvagem com que apenas a conhecem e a chris-mam ; esquivando-se, qual moça andrajosa que não se anima a entrar n'um sarão, ou qual velha gotosa ou tolhida, recusava apresentar-se ao festim das nações a que era convidada, quando os pequenos Estados, as menores republicuetas, acci-tavam o convite, mostrando, pela mór parte, que podiam, ou pelo menos que desejavam sobresahir.

(*) O diamante da Bagagem, *Estrella do Sul*, de que era então possuidor o banqueiro Halphen, de Paris.

(**) Note-se que, quando se abriu a Exposição, lá se achava a nossa bandeira, porque realmente não se podia suppôr que o vasto Imperio do Brazil nada enviasse ; mas dias depois foi retirada, como para evitar-nos mais uma vergonha...

E estaremos nós por ventura tão atrazados? ou sinão, porque se dão factos taes? — Porque, Srs. o bello de pouca ou nen-uma valia gosa entre o nosso povo; porque queremos parecer menos ainda do que somos, rebaixando-nos a nós mesmos; porque nem-uma emulação falla ao animo dos nossos compatriotas; porque a crença de gloria e de uma existencia ulterior, mais longa do que a actual, uma existencia que vá se transmittindo aos posteros, é considerada uma burla !...

Srs. As bellas-artes estão cada vez mais em decadencia entre nós. E sinão, vede. — A Academia das Bellas-Artes foi reorganizada; mas não se attendeu ao espirito nem as necessidades publicas. A injustiça, a vaidade, as presumpções aninham-se n'aquelle edificio que, apesar dos seus defeitos, se pôde mencionar como talvez o unico representante da arte no nosso paiz.

Os concursos e as exposições, que desenvolvem os artistas pela emulação, e alentam as artes pelo gosto que geram ou promovem, foram supprimidos. Assim, moços que a natureza afagou dotando-os de talento, mas a quem, como acontece commumente, a cega fortuna desampara de seus favores, vêm-se inhibidos de ir á Europa estudar as obras dos grandes mestres.

As aulas estão quasi litteralmente abandonadas: quatro novas cadeiras se crearam; duas porém ainda não deram signal de si. E a que é devido este abandono? — A que, além de outros motivos que não quero nem devo aqui examinar, a protecção á mediocridade e o patronato, afastando o verdadeiro merito, retrahem ou desviam as vocações. Demais, aquelles que ainda amariam cultivar as bellas-artes, vendo-se acabrunhados de despezas, sem que nem sequer a voz publica os proteja, pela carencia de gosto que reina, são forçados, para se manterem, a buscar outros recursos e deixar a vida artistica...

A estatuaría está entre nós em germen, si assim se póde chamar o que ahí existe. — A Academia conserva apenas uma aula de esculptura, cujo ensino não tem passado do de modelar em barro, e quando muito em gesso.

A architectura, essa verdadeira sciencia, no dizer de Platão e de Aristoteles, aos quaes, com a medicina, servia de termo de comparação, quando queriam tractar de uma sciencia vasta ; essa arte, cujos monumentos, na frase do sr. Edgar Quinet, são para a historia da humanidade o mesmo que as ossadas fosseis para a historia da natureza (*), vae no maior desalento e abatimento, e soffre o maior desdem da parte da nação inteira.

Os proprietarios, em grande parte baldos de bom gosto, são os mesmos que se julgam habilitados para traçar riscos e levantar planos ; ou, no caso contrario, dão essa incumbencia a mestres de obras, habeis muitas vezes para o que toca a construcção, mas de ordinario leigos nas mais tenues luzes da arte.

Todavia não é só a utilidade que se deve procurar ; todo o util póde ao mesmo tempo ser bello ; já não exigiria que, por emquanto, se occupassem da belleza sómente pela belleza, sinão que ao menos se unisse esta á utilidade. Mas não ; quer-se construcções—construcções ! amontõem-se pedras sobre pedras, agglomerem-se tijolos sobre tijolos — que importa a ordem, a symetria ?

Dahi resulta que as nossas habitações, geralmente, sem elegancia exterior ou interior, constam apenas de um certo numero de compartimentos, collocados indifferentemente, sem harmonia nem conexão, e nos quaes não se respeita nem o gosto, nem as necessidades de familia, nem, o que muito mais é, a hygiene !

(*) *Allemagne et Italie*

E as municipalidades não têm architectos, nem tomam medidas, para pôr cõbro a estes desconcertos, para obstar ao afeimento das nossas cidades, e deixam sempre tudo para quando o remedio é já inefficaz ou muito duvidoso!

E por outra parte aquelles poucos individuos que desejariam talvez levantar um edificio em que a architectura representasse alguma coisa, recitam, lembrando-se de que, com o nosso systema de lançamento, viriam sobrecarregal os de tributos lançadores ignaros ou interessados, contra os quaes não ha quasi appellação possível, e que de uma porta com duas columnas tirariam o corollario infallivel de uma decima exorbitante.

O governo mesmo do paiz, quando (o que rara vez tem succedido) quando não aproveita velhos ou ruins edificios, admite para os que manda por acaso construir, systemas architectonicos que são verdadeiros arcaos. E como não hão de as obras nacionaes ser mesquinhas, quando, sem fallar em todas as outras repartições, a propria das *Obras-Publicas* acha-se em uma casa alugada, menos do que mediocre, e sem as acommodações indispensaveis?...

Em summa, este objecto tem sido tão mal comprehendido entre nós, que a architectura civil está entregue aos engenheiros militares, os quaes, comquanto tenham certos conhecimentos, não têm estudado, como é mister, o bello da arte; e da-se aos verdadeiros architectos apenas o papel passivo de desenhadores das idéas daquelles!...

Quanto á musica... a musica nacional definha de dia em dia; a musica estrangeira invade a nossa população. Aquelles que professam a arte, por um lado não querendo fatigar-se, e por outro não encontrando animação para o que é nosso, prezam mais, olvidando as tradições de José Mauricio e outros, reduzir-se a meros executores applicados ou habeis, do que elevar-se as alturas do engenho. Já não se quer nem se ouve nem se ensina aquellas melodias que nos pertencem, que con-

dizem com a natureza desta terra, nossos habitos, nosso character — cousas sedições e que tresandam a patriotismo ! Uma falsa erudição musical, uma febre de imitação forçada, como por moda, leva os nossos artistas, receiosos de parecerem pouco instruidos, a aborrecerem a originalidade, a dedignarem-se do que é nacional, em vez de o aperfeiçoarem. Assim que, já tivemos representantes da nossa musica ; hoje apenas temos executantes da musica alheia.

Ora, ouvi o que diz Debret : «Caracterizado por um genio que lhe é proprio, cada povo o manifesta nas artes que cultiva : quer tenha sido recebido da natureza, quer tenha-se desenvolvido n'elle por effeito da civilisação, reconhece-se aquelle na sua architectura como na sua poesia...» — Franca-mente, ao considerar todas as nossas obras d'arte em geral, que conclusão se poderá tirar relativamente ao genio dos Brasileiros ?...

Quando aquelles que se dizem competentes e que buscam ser apregoados pelas cem tubas da Fama, vêm fallar-nos dogmaticamente em artes, e apresentam-nos uns todos de architectura dubia, esquerdeada, cumpre descrêr desses mestres, e pensar *que de taes paes, maus filhos só se espera.* — E quando taes edificios são acceitos sem murmurio pelo povo e pelo governo, é fraca, adversa a idéia que elle dá de si.

Pelo contrario, ao encarar na Pinacotheca e na Glyplotheca de Munich—dessa Athenas moderna da Allemanha—, basta o aspecto monumental e formoso desse e de outros edificios, para tornar-nos o espirito favoravel a um tal povo ; embala-nos a esperanza de que alli se ha de encerrar muito primôr ; sente-se em fim que num tal paiz não podem deixar de predominar os sentimentos elevados, as idéias grandiosas, o amôr do bello, o estudo acurado da arte.

Que differença enorme entre aquella capital, bem como tantas outras, e a nossa ! Que espaço nos é preciso percorrer em todos os ramos das bellas-artes !

E como poderemos conseguir alguma coisa, Srs., sahir deste estado vergonhoso? — Associando-nos, combinando nos com firmeza e perseverança para a sustentação dos principios fundamentaes expressos no nosso Estatuto.

« *L'union fait la force* », é um antigo apophtegma, hoje divisa da nação belga — e todos vós sabeis a que gráu de adiantamento na trilha da civilização a tem conduzido essa famosa e verissima sentença.

« Entre os principios que cimentam a felicidade dos povos e que asseguram seu repouso, diz o Sr. Alexandre de Laborde, um há que parece abranger todos os outros ; é o espirito de associação, que estabelece relações entre todas as classes de cidadãos, para se ajudarem e protegerem mutuamente, para intervirem directamente em seus interesses, para repartirem-se em uma multidão de circulos, de circumscripções que todas tendem ao mesmo fim — o desenvolvimento das sociedades, o incremento geral do bem-estar e da riqueza.»

E na realidade, são as associações o que mais tem cooperado para a civilização do mundo, assim nos tempos antigos, como nos modernos.

As sociedades civis ou associações municipaes foram na idade media um dos mais poderosos motores da liberdade : firmando e defendendo os direitos de todos os cidadãos plebêos, contra os Senhores de quem dependiam, contribuíram efficazmente, como causa primaria, para as liberdades publicas.

E' ao principio de associação que a religião christan deve o seu realce e a sua expansão pelo universo. Deve-lhe tambem muitos dos seus mais celebres monumentos, de quando os artistas e os operarios, reunindo-se com uma só vontade, trabalhavam todos em commum para a construcção delles. Ligados entre si em todos os paizes por uma confraternidade que lhes garantia mutuo apoio, e á imitação dos artistas bysantinos e arabes que tinham continuado as corporações romanas, for-

mavam uma especie de vasta irmandade, que fazia da arte como que um idolo sagrado. Assim ergueram as artes, quando estas iam inteiramente descahindo, e para diante salvaram-nas do naufragio a que pareciam já estar condemnadas pela procella que rebentou desde fins do seculo XVII.

Dessas corporações provieram, entre outros maravilhosos monumentos, a magnifica cathedral de Colonia, cuja construcção ficou por longo tempo suspensa em consequencia dos acontecimentos que sobrevieram ; e a portentosa cathedral de Estrasburgo, devida principalmente á inspiração de Erwin de Steinbach — « essa obra admiravel, segundo se exprime Enéas Silvio Piccolomini, que esconde sua cabeça nas nuvens ! » — esse templo, cuja torre, unica terminada, parece querer com sua cuspide escalar os céus, como os Titães da mythologia ou como a Torre de Babel da Biblia !

Ainda hoje em dia, as associações musicaes, na Europa, concorrem para a elevação desses monumentos, para o ensino do povo, para a purificação dos costumes, para o cultivo da musica. E' sobretudo a ellas que a Allemanha — esta nação essencialmente amante da melodia, ora terna e melancolica, ora fantastica ou etherea, deve o gosto pela musica que se acha radicado em todas as classes. Sociedades allemans de córos percorrem, na boa quadra do anno, muitas cidades da Europa com o generoso empenho de applicarem o producto de seus concertos á continuacão das obras da cathedral de Colonia e a actos de beneficencia, ao mesmo tempo que, viajando, aperfeiçoam sua educação e augmentam seus conhecimentos.

E' ao principio de associação que se deve a instituição das academias artisticas, litterarias e scientificas que na Europa tantos monumentos têm levantado á gloria das artes, das letras e das sciencias.

Foi este principio que deu origem aos congressos scientificos e agricolas, cujas reuniões se verificam de tempos a

tempos, em locais diferentes, tratando-se em commum dos meios de melhorar a nossa existencia, providenciando sobre os expedientes de que cumpre lançar mão para bem da humanidade, sobre o impulso que se deve dar á industria e ás sciencias.

E' ainda ao mesmo principio applicado ao commercio que se deve o progresso deste e os extraordinarios agentes de que hoje póde tirar partido.

Ao principio de associação e de concurrencia devem a França e a Inglaterra a sua Exposição universal ; Antuerpia e Londres, os dois jardins zoologicos mais notaveis do mundo; e esta ultima cidade, o palacio da Exposição permanente de Sydenham, verdadeiro templo das artes e da industria humana, bem como o *Tunnel*, sob o alveo do rio Tamisa — uma dessas obras que espantam as imaginações mais atrevidas !

Está porém o espirito de associação desenvolvido entre nós ? — E' esta a questão, como diz Hamleto, o sombrio protagonista da afamada peça de William Shakspeare. — Ouvi, Srs., o que dizia eu, em agosto de 1849, ante uma associação litteraria de que fazia parte, e que morreu, como sóem morrer n'este Imperio todas as associações desse genero — á mingua de elementos :

« O espirito de associação é completamente desdenhado entre nós, poderíamos até affirmar que não existe ! E para proval-o, perguntaremos : Quaes os homens, desde os anciãos até os moços — desde aquelles em que a prudencia impera ou reputa-se imperar, até aquelles em quem subsiste por ventura um fogo vario, uma tal ou qual versatilidade —, quaes os que concorrem, os que se esforçam a elevar ou conservar uma associação util de letras ou de sciencias ? — Vemos apenas um pugillo, e quem o crera ? mais de moços do que dos chamados prudentes ! E' esse exiguo numero que, pouco mais ou menos, apparece sempre em todas as nossas associações e as sustenta...

« Mas que muito ? - A nossa gente, que se acha imbuida em certas doutrinas erroneas, dominada por um certo estrangeirismo pernicioso e pelos interesses do infame trafego d'Africa ; que se acha, como diz o Poeta Lusitano,

« mettida
No gosto da cobiça e na rudeza... »

pouco ou nem-um apreço dá a esses movimentos de espirito humano ; sorri-se como de dó e cognomina loucuras os passos dos poucos homens que pensam e praticam o contrario. Julga a maioria que o verdadeiro alvo da humanidade é *negociar* ou ter um *diploma*, impetrado não importa como, e que, para ser bom negociante ou douto, basta saber empregar a tempo certos modos e certas frases tabelliôas, ou contar e enthesourar ; cuidam que assim dispoem de uma instrucção completa e solida, que mais além não é necessario nem conveniente ou possivel ir !»

Desta maneira me exprimia então, e com motivo, estou disso convencido. Terão mudado os tempos ? Terá felizmente, neste longo intervallo, avultado mais o espirito de associação ? - Importa pelo menos esperal-o. Já vae algo apparecendo, mas em geral sómente no commercio. Convém todavia ponderar que não é só do commercio que uma nação deriva a sua gloria ; as artes e as letras têm n'isso talvez ainda maior quinhão. Sem estas o commercio reduz-se apenas a uma troca de mercadorias em maior ou menor proporção segundo a actividade dos que o exercem ; um commercio de barbaros ou de selvagens transforma-se facilmente em pirataria ou rapina.

São as associações do espirito e do genio que esclarecem e guiam todas as outras. « Foi a estreita união destas duas grandes faculdades (diz o Sr. A. de Laborde, já citado) que permittiu aos seculos o desenvolver nossas idéias, ás nossas

léias o diminuir nossas necessidades ou augmentar os meios e satisfazê-las.»

Portanto, fizestes bem, Srs. ! Oxalá que o vosso exemplo bôa vontade agitem estes corações torpidos, indolentes, como arbustos regelados e sem seiva, debaixo do sol dos tropicos !

Si o espirito de uma nação se deixa tão sómente arrastar pelo amôr do ganho, desestimando os principios vivificantes e regeneradôres da alma, ai da sua moralidade ! ai da sua gloria ! Poderá ser uma nação rica — nunca será uma nação esclarecida !

— Si a norma do vêzo e da usança prende os individuos e uma geração na mesma situação em que se achavam seus antepassados ; si não investigam meios de melhorar sua sorte e a de seus concidadãos, e, por conseguinte, ainda menos a da humanidade, está gasto ou atrofia-se o vigor de uma tal geração. Só a philosophia, só os brados incessantes dos espiritos rectos, entusiastas e patrioticos, poderão por ventura mudar a desentorpecê-la, caso conserve ella ainda algumas fibras impressíveis aos sentimentos de brio e de grandeza.

E' o nosso fito, Srs. ; oxalá que se aplanem ante nós as difficuldades que eu prevejo !

Temos connosco dois nomes que nos devem servir de exemplo e ao mesmo tempo de guia. — O primeiro desses nomes, que veio unir-se á nós e marchar á nossa frente, representa o que podem a actividade e a vontade energica unidas a uma intelligencia superior : tem elle representado com honra a gloria do nosso paiz ; todos vós o conheceis ; não digo mais do que todos pensaes e repetis. — O outro é o symbolo vivo dos nossos desejos, desejos de mancebos cheios de inspiração e de enthusiasmo ; personifica o verdadeiro talento e o verdadeiro character do artista. Segui-os, Srs. ! uni-vos a elles, e lembrem todas as vontades uma só — o florecimento deste Imperio, tão digno de altos destinos.

Escolheste um excellente dia para a inauguração da nossa sociedade : delle data, sob patrocínio de São Sebastião, a fundação da nova cidade do Rio-de-Janeiro, que é hoje a nossa capital e o primeiro emporio de commercio da America do Sul : —sirva este facto, insigne pelas suas consequencias, de divisa ao nosso lábaro. E praza ao céu que esta associação, instituida sob taes auspicios, se sustente e vigore de dia em dia, accrescentando mais um titulo á data da fundação da cidade—o progresso das Bellas-Artes.

Relevae, Srs., si tão longe me deixei levar ; si tenho abusado de vossa benevolencia. Como aquelle que deita a correr, para acudir ao reclamo da patria ou annunciar a sua liberdade—a alma sustêm-lhe a força physica, que em qual-quer outra occasião lhe falleceria, e só ao cabo, voltando-se e allongando a vista, reconhece a immensa distancia que transpoz ; assim eu, transportado pelo acontecimento glorioso que hoje solemnizamos, só agora descortino o espaço que percorri.

Uma derradeira palavra pois, e finalizo :

Eia, Srs. ! Este solo é bello e exige vosso concurso, vosso esforço ! Não esmoreçaes ! Nem seja isto o brinco de um dia, o sonho de uma hora ! Protegendo as artes, renascereis com ellas ; e no porvir vosso nome não será uma lembrança apagada ou apenas a reunião de algumas letras que nada exprimem, e para a qual os filhos de nossos filhos não terão uma lagrima nem um sorriso — não ! não passareis como uns simples animalculos sobre a terra !—uma memoria, um moimento, a pagina de um livro, um busto, um painel, a inscripção de uma lapida, recordará vossa existencia ás gerações vindouras, e vosso nome será apontado como um modelo digno de imitar-se !

D. Jacy Monteiro.



ALLOCUÇÃO

rigida ao Sr. Conselheiro Euzébio de Queirós Coitinho Mattoso Camara,
residente da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro,
antes de encerrar-se a sessão da inauguração da mesma Sociedade

Exmo. Sr. — Illimitadas como o infinito são as aspirações da mocidade ; contudo, si é dado ao coração humano satisfazer-se com os applausos animadores daquelles que sabem dignamente acolher as idéias uteis, o meu coração está satisfeito.

O magnifico concurso que veio abrilhantar a inauguração lemne desta associação que V. Ex.^a se dignou favorecer, o enthusiasmo de todos em abraçal-a, é para mim um facto tão nroso quanto inesperado. Tudo isso é filho de V. Ex.^a, rque este privilegio popular só o dá a reputação de sabio e de nspicuo que V. Ex.^a goza entre os habitantes deste Imperio.

Assim, com toda a effusão da alma, e sem receio algum critica, porque felizmente não pertenco áquella raça que ajoelha ao despontar do sol, e que o apedreja no seu caso, e porque tambem não sou daquelles que, depois de terem calumniado os homens por todos os meios se retratam com baixas genuflexões de servilismo, posso agradecer a V. Ex.^a o que sua presença faz aqui por nós.

Educado livre das mesuras dos cortezãos, que se curvam ante as posições do acaso, que elogiam com o phraseologismo

da lisonja, não adulo a quem quer que seja. Não tenho paixões que me ceguem, nem pertenço a partidos políticos onde a falta de uma mesma crença faz esquecer todos os esforços e negar todas as intelligencias ; para mim só ha uma realza immortal, uma posição duradoura e inabalavel : — a realza é a do talento, — a posição, aquella que dão a virtude, a honra e a moralidade.

E' por isso que, tomando por testemunha de minhas palavras este auditorio inteiro, posso, sem o menor vislumbre de thuriferario, agradecer a V. Ex.' a benignidade com que se dignou de acceitar a presidencia desta associação, abrigando-a por este modo á sombra de sua importancia e sabedoria.

A Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro está fundada sob honestos auspicios, e promete uma longa vida, porque V. Ex.^a, que tem sido um verdadeiro Mecenas deste Imperio, que tem promovido ou guiado a maior parte de todas as nossas instituições uteis, está á sua frente defendendo-a e protegendo-a como pae.

O paiz inteiro, que tudo observa e documenta, já de V. Ex.^a espera o desenvolvimento desta associação benefica, de cujo engrandecimento está dependente o dominio das artes e a perfeição de toda a nossa industria manufactureira ; e V. Ex.^a, que não aprendeu ainda a negar-se ao povo, subtra-hindo-se aos sacrificios que reclama a nação, satisfará os espiritos mais exigentes e duvidosos.

Em nome pois desta associação, em nome desta mocidade talentosa que me tem acompanhado até aqui, em nome dos professores que devem leccionar no *Lyceu das Artes e Officios*, agradeço a V. Ex.^a o seu auxilio em prol de um fim tão proveitoso. Seja V. Ex.^a o nosso constante preceptor ; e a posteridade, que tudo reconhece, lhe fará justiça, collocando o veneravel busto de V. Ex.^a a par daquelles que representam a gloria do Imperio e da civilisacão.

F. J. Bittencourt da Silva.



O SR. F. R. MOREAUX, E O SEU PAINEL DA FAMILIA IMPERIAL

O Sr. Moreaux, assaz conhecido pelos seus trabalhos de pintura historica, expôz na loja do Sr. Bernasconi, á rua do Duvidor, um quadro, de pequena dimensão, representando S. MM. e AA. II.

Como quadro de familia, falta-lhe uma qualidade essencial aos quadros desse genero, a perfeita semelhança ; como pintura porém é, na opinião dos artistas mais entendidos, uma obra excellente.

Ha nesse quadro algumas pequenas faltas, talvez de porenos, que, na nossa qualidade de critico consciencioso, não podemos deixar de mencionar. — A mão direita de S. M. Imperatriz, que é, não obstante, bem pintada, parece estar apenas unida a face lateral do braço da cadeira e não apoiada obre elle, como a direcção da mão quer indicar ; a posição dos pés da Princeza Imperial é a nosso ver mais figurada do que natural ; a poltrona, que fica por detraz desta Princeza, lo modo porque está mettida em perspectiva, parece antes uma tripode e não faz bom effeito ; mas os pannos, a rouçagem, com especialidade os vestidos de S. M. a Imperatriz e da Princeza Leopoldina, a transparencia do colorido em geral, a belleza do fundo variado e vaporoso, a harmonia e effeito do todo, bem como a disposição do grupo ou da composição, fazem esquecer essas leves faltas de que os maiores

artistas no meio do enthusiasmo do seu trabalho não estão escoimados.

Reunindo n'um quadro a Familia Imperial, o Sr. Moreaux teve uma boa idéa. Lamentamos porém que não a houvesse realizado em uma tela de maior dimensão, na qual podesse, com todo o vigor do seu pincel, representar aquellas augustas personagens no tamanho natural e com toda a similitude necessaria a um quadro que se devêra legar á contemplação da posteridade.

Amando a arte como só a sabem amar aquelles que a sentem, o mesmo Sr. Moreaux acaba de promptificar um outro quadro perpetuando a memoria d'aquelle bello facto do piedoso monarcha Brasileiro — a sua visita aos cholericos nos hospitaes desta cidade.

Foi o Sr. Moreaux o unico artista entre nós que, de motu proprio, se lembrou de commemorar um dos mais bellos successos da nossa historia contemporanea ; quando aliás todos os nossos artistas apenas se *lembram* de fazer algum retrato unicamente pelo proveito que d'ahi podem auferir.

Entretanto não podemos nesta occasião deixar passar em silencio um facto digno de nota para a historia das artes no nosso paiz — facto revestido de todas as circumstancias desanimadôras do indifferentismo e talvez da parcialidade, — capaz de aniquilar as mais vigorosas crenças dos artistas que ainda, apezar de tudo, possam acreditar na popularidade, estima e consideração das bellas-artes neste Imperio. Queremos fallar da maneira por que procedeu a nossa imprensa diaria em relação ao painel que serve de assumpto a este artigo.

Para aquelles que olham para arte pela arte, que a amam pelo que ella representa em si, que a recebem pelo que ella vale, não ha explicação que justifique o silencio desse orgão da opinião geral, que menospreza sem uma palavra de critica uma das mais bem pintadas télas que de ha annos a esta parte têm aqui apparecido em exposição publica.

Nem a magestade do assumpto, nem o brilhante colorido, em a harmonia da composição, nem ainda o bello effeito dessas tintas leves e macias que admirou a todos os bons artistas, puderam impressionar o nosso publico, nem fazer-lhe comprehender o que é a poesia da pintura.

Confrange-se-nos o coração ao contemplarmos este largo ceano de abandono em que se afogam as mais elevadas e obres aspirações da mocidade, esta nova especie de Siberia que regela, debaixo de um céu de fogo, os mais ardentes esboços dos acrisolados defensores da arte.

Para o verdadeiro artista, para aquelle que não faz da arte um balcão de fauqueria, uma simples palavra de animação, algumas folhas de louro, uma fita que o monarcha intelligente sabe offerter-lhe, são mais ricos thesouros do que todas as brilhantes gemmas da natureza. Dominado pelo amor da gloria que é o phanal da arte, o artista enthusiasma-se tanto quando ouve a voz publica bradar-lhe «avante!» quanto desfallece no meio do silencio mortificante dos seus compatriotas ou da nação em que vive.

Estas considerações, filhas do amor que consagramos á arte pela arte, ao merito pelo merito, sem attendermos ás conveniencias individuaes ou menos generosas, nasceram do cezar amargo que sentimos ao vêr tão pouco apreciado um trabalho merecedor de algumas palavras de estímulo e de louvor, embora se lhe notassem as faltas, ou mesmo erros que, como obra humana, nelle existam.

O painel da Familia Imperial que o Sr. Moreaux acaba de apresentar merece a estima e a attenção de todos os homens intelligentes; nelle revela-se o artista senhor das regras da composição, o pintor que sabe manejar com pericia de mestre o pincel artistico e que tem em si a poesia do colorido.

A imprensa porém não quiz reparar n'isto; e, vendo com uma lente por demais forte os leves descuidos do artista, pareceu cega e muda ante o muito que ha alli de

bom e que faz incontestavelmente desvanecer essas incorrecções.

Quando os nossos artistas, desde longos annos, não apresentam um unico trabalho de pintura historica ; quando o desanimo tem lavrado entre elles, contra a vontade mesmo dos poucos que mais se esforçam por dissipal-o, é doloroso e triste vêr abandonar-se assim ao menospreço o unico pintor que memóra os actos magnanimos do Monarcha Brasileiro, — que fixa pela arte o grandioso feito que o Brazil presenciou, vendo o seu Imperador descer do alto do throno até ao leito do misero escravo atirado na enxêrga de um hospital, e piedoso, como um verdadeiro pae, conchegar a coberta ao corpo do pobre enfermo, — acto verdadeiramente grande, e que só teve a lembrança de conservar um artista, que, comquanto se possa dizer nosso, pois que aqui desde muito tem vivido, e porque os artistas são cosmopolitas, comtudo, em ultima analyse, é estrangeiro, e por isso merecedor de maiores encomios.

Como artista brasileiro que somos, dóe-nos o vêr assim tractado quem põe seus cuidados ainda na arte, e não se esquece de acontecimentos sublimes entre nós occorridos, e de que a posteridade poderia duvidar.

Em conclusão, um quadro que obteve sinceros elogios, que captivou a attenção dos artistas, entre os quaes nos é grato citar os Srs. Muller e Motta, que não são suspeitos nem lisongeiros, póde sem receio ser collocado a par desses paineis que se recebem como fructos do talento e do estudo.

Com isto o Sr. Moreaux deve contentar-se, porque só esta gloria é bastante para satisfazer o coração dos artistas que trabalham mais para o engrandecimento da profissão que exercem, de que para obterem o necessario para a vida.

Continùe elle na mesma senda e mais tarde a população lhe fará justiça.

BITTENCOURT DA SILVA.



CHRONICA ARTISTICA

Verificou-se no dia 15 de julho p. p. o espectáculo que, em beneficio da *Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio-de-Janeiro*, se havia proposto a dar com a sua companhia o nosso consocio o artista Florindo Joaquim da Silva, empresario do Theatro S. Januario.

No intuito de colher maiores vantagens dessa offerta, a Sociedade tractou de obter do Exm. Sr. Manuel Hygino de Figueiredo, director do Theatro Lyrico, que a isso se prestou benignamente, a concessão da sala deste theatro por uma noite, a fim de dar-se ahi a representação que tão generosamente nos havia sido outorgada.

No fim do espectáculo que corren satisfactoriamente, sob a mais lisongeira impressão, foi o Sr. Florindo chamado á scena com a sua companhia, e então, de um dos camarotes, o Sr. 1.^o Secretario da Sociedade, em nome desta, entregou ao distincto artista uma corôa de louros naturaes presos por uma fita branca em que se lia o seu nome e o titulo da Sociedade, dirigindo-lhe nessa occasião as seguintes palavras: « Sr. Actor Florindo — A Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio-de-Janeiro, reconhecida á generosa offerta que lhe fizestes, vos envia esta corôa: recebei-a com a bondade que vos é propria, e seja ella a recordação fiel de um dos mais bellos factos da vossa vida artistica. »

Na mesma occasião foi entregue á Sr.^a D. Deolinda Pinto da Silveira, primeira dama da companhia, um ramo de flôres de pennas como signal do reconhecimento de que se achava possuida a Sociedade, pelo sacrificio que ella havia feito representando em estado critico de sua saude.

Assistiram ao espectaculo SS. MM. Imperiaes e muitas das principaes pessoas do paiz, que se prestaram a concorrer para a sustentação de tão util sociedade.

Foi uma noite de jubilo immenso em que tudo se havia reunido para abrilhantar e ennobrecer um dos mais eloquentes acontecimentos da fraternidade artistica brasileira.

*

Ao retirar-se deste Imperio onde viveu por mais de 13 annos, o Sr. cavalleiro Fernando Pettrich, distincto estatuario, não quiz deixar de dar-nos uma prova da estima que consagra á nossa associação — germen, dizia elle, do futuro das artes e da felicidade de todos os artistas; e por isso offertou-nos uma parte da sua bibliotheca, comprehendendo, entre outras obras de merito uma que reproduz em estampas gravadas em aço, acompanhadas de um texto explicativo, os trabalhos do celebre esculptor dinamarquez Thorwaldsen.

Esta espontanea liberalidade de um artista como o Sr. Pettrich, é um elogio tacito dos principios fundamentaes da nossa instituição, do fim que ella busca conquistar.

— Do mesmo modo o Sr. Cypriano de Souza, artista que deve leccionar no Lyceu das Artes e Officios, presenteou a Sociedade com a bella obra de Andréa Appiani, intitulada *Fastos de Napoleão I*, gravada em aço e de perfeita execução.

E' assim que os artistas amantes da arte sabem, ainda mesmo á custa de sacrificios, conquistar a gratidão da patria.

*

O Sr. Francelino Domingos de Moura Pessoa, professor de musica do Theatro Lyrico, dedicou e offereceu á nossa Sociedade umas variações de rabeca, de sua composição, sobre motivos da *Lucrecia Borgia*, como signal de reconhecimento por ter sido nomeado nosso socio effectivo.

Desejando mostrar o valor da sua dadiva, o Sr. Francelino presta-se a executar essa sua composição perante o Conselho administrativo, que apreciará então melhor o talento e pericia do seu novo associado.

O Sr. Francelino, como quasi todos os artistas brasileiros, é mais discipulo de si mesmo do de que um mestre habilitado; é uma dessas cabeças inspiradas que se esquecem de si para só se lembrarem da arte e da gloria.

*

Deslebrado e pouco conhecido, como quasi tudo o que ha por ahi de bom, existe na rua d'Ajuda, n.º 29, um notavel artista gravador em vidro, filho da industria brasileira. Tendo começado a trabalhar na fabrica da Boa-Vista, donde é ainda o primeiro official, sem ter tido outros mestres além daquelles que dão o estudo assiduo e o instincto artistico, o Sr. Serafim da Fonseca e Sá apresenta hoje á admiração publica labores de uma rara perfeição, superiores a tudo o que nos vem da Europa neste genero.

Os seus trabalhos, que algumas pessoas de bom gosto conservam com estima, têm encantado aquelles que, amando a arte, se deleitam na contemplação das bellezas do desenho applicado ás artes industriaes.

S. M. o Imperador que, como principal protector das artes no nosso paiz, anima tudo o que é util, possui algumas das primoras obras deste artista, que, feitas na sua augusta presença, lhe grangearam, o titulo de Reposteiro honorario da Imperial Casa.

Actualmente acha-se elle incumbido de preparar um mimoso artefacto para uma das mais illustres damas da nossa alta sociedade, e é de crêr que será uma das suas mais bellas producções.

Uma visita de alguns instantes á officina do intelligente artista não seria tempo perdido para aquelles que souberem prezar e admirar os fructos do verdadeiro talento.

*

O Sr. Severo da Silva Quaresma, discipulo do cavalleiro Pettrich, e os Srs. Quirino Antonio Vieira e João Duarte de Moraes discipulos do fallecido professor de esculptura da nossa Academia de Bellas-Artes, Marcos Ferrez, acabam de preparar o baixo-relevo da empena do *Cassino Fluminense*.

Este trabalho, que era merecedor de adornar uma melhor obra, teve o infortunio de ser collocado em uma das mais desgraçadas composições da edificação moderna e por isso talvez tenha sido bem pouco attendido e apreciado.

A composição do baixo-relevo representa o Genio do Brazil, presidindo as Musas, grupadas aos dois lados de modo a preencherem completamente o tympano da empena.

Executando este trabalho os seus autores deram um grande passo na carreira artistica, justificaram a reputação em que eram tidos de moços habéis e laboriosos, e mostraram que no nosso paiz não faltam talentos nem dedicação, mas sómente boa vontade de proteger as artes e os artistas.

*

O Sr. A. Sisson, conhecido vantajosamente como um dos principaes desenhadores lythographos desta côrte, vae publicar uma bella obra, que, a exemplo das nações civilisadas, ha muito se reclamava para o nosso paiz, e cuja utilidade só poderá ser completamente apreciada com o seu apparecimento.

A Galeria dos Brasileiros illustres — como se designa ella, é filha de uma idéia generosa, amante do progresso da arte e da popularidade dos homens que, amando o trabalho, se tornam dignos da estima dos coevos e da posteridade.

*

Os parochianos da Freguezia da S.^{ta} Rita encarregaram os Srs. João Caetano Ribeiro e João Ignacio da Silva Freitas de preparar, no cões da Imperatriz, um portico para ser illuminado durante os festejos do dia 7 de Setembro. Sobre o merecimento artistico dessa obra diremos alguma cousa em um dos proximos numeros.

*

Com a representação do bello drama — *Joanna a Doida* — do Sr. A. Magno de Castilho, apresentou o Sr. J. Lopes de Barros Cabral uma rica scena do palacio de Alhambra, bem colorida e de bom effeito. Por falta de espaço não podemos descer a maior analyse.

*

Acham-se encarregados de preparar o scenario do bello drama — *Ghigi* — do illustre poeta portuguez F. Gomes de Amorim, que tem de ser representado no theatro de S. Januario, os artistas João Caetano Ribeiro e João Ignacio da Silva Freitas,

Assaz conhecidos pelo merecimento dos seus trabalhos scenographicos, estes dois artistas, hoje reunidos, podem e devem fazer muito, porque é estudando com perseverança uma unica especialidade, entregando-se com esmero a um unico ramo da arte, que se póde obter, como os artistas europeus, reputações justas e inabalaveis.

As vantagens que destas reuniões podem resultar para a arte já foram aqui justificadas com os trabalhos dos Srs. Tagliabue e Picozzi, dos Srs. Lopes de Barros e João Caetano, dos Srs. Olivier e Lopes de Barros, dos Srs. Olivier e Mali-

vert e ainda o estão sendo em Lisboa com as bellas scenas dos Srs. Cenatti e Rambois.

O estado crescente da nossa civilisação, os conhecimentos artisticos que pouco a pouco se vão propagando no paiz, exigem que os artistas se unam, se respeitem, se amem, e se ennobreçam com a sua arte e com o seu comportamento, esquecendo as pequenas miserias do passado.

Proceder de outro modo é prostituir a sua missão, é polluir a arte no lodaçal do mercantilismo e da agiotagem.

Quando se ama a arte, como um sacerdocio augusto, quando o egoismo e a vaidade não vem profanar o altar deste culto, manchando a dignidade do artista, a intelligencia eleva-se, purifica-se, e a arte prosegue na conquista da perfeição.

E' já tempo de comprehender-se o que muitas vezes temos dicto: — sem dignidade não póde haver arte, sem arte não póde haver progresso, e sem progresso não ha civilisação. Assim, amem-se os artistas como irmãos de uma mesma crença, prezem a arte como uma religião de que são os sacerdotes, e mais tarde o triumpho de uma victoria honrosa lhe recompensará com a gloria as amarguras dos sacrificios que em pró das artes se exigem hoje dos artistas.

B.



NOTICIAS

EXPOSIÇÕES.

A 15 de dezembro do anno passado verificou-se em Verona (reino Lombardo-Venesiano) uma *Exposição de Industria, Agricultura e Bellas-Artes*.

Essa Exposição foi honrada, a 9 de janeiro do anno corrente, com a visita do Imperador e da Imperatriz da Austria, que andavam então percorrendo os seus Estados da Italia, e que haviam chegado no dia 7 do mesmo mez a Verona. Mereceram distincção das reaes personagens as obras de Fraccaroli, della Torre, e Pegrassi, que figuraram na Exposição Universal de Pariz, e as de Ferrari, Scattola, e alguns outros.

Accrescentaremos, como noticia curiosa, que assistiram no mesmo dia á funcção que, por um costume de muitos seculos, se faz todos os annos na sexta-feira que precede ao *Domingo-Gordo*, ou de entrudo, e que este anno se realizou 42 dias antes por causa da presença de SS. MM. Austriacas. Consiste a cerimonia em uma procissão de carros das diversas corporações de officios, cujos representantes vão distribuindo objectos de suas diversas fabricas ao povo, que forma pelas ruas como que uma muralha viva, para ve-los passar, e que os acompanha com suas saudações.

— A exposição de Manchester, de que demos noticia no numero antecedente, foi aberta a 5 de maio pelo principe Alberto, com o ceremonial costumado em taes solemnidades e com o concurso das personagens mais eminentes do mundo politico e official, assim como de uma multidão immensa que acudiu a gozar do espectaculo dessa magnifica *Exhibiçãõ dos thesouros da arte*, como os Inglezes a chamam, para a qual toda a Europa fôra convidada, e onde por algum tempo se achavam reunidas obras-primas das mais preciosas para a historia das artes, e que, dispersas nas collecções privadas dos mais poderosos e mais ricos homens da Inglaterra e do estrangeiro, existiam, por assim dizer, subtrahidas á curiosidade dos amadores e ao estudo dos artistas.

Para diante procuraremos dar algumas informações mais circumstanciadas a respeito desta exposição. Por agora limitamo-nos a dizer, segundo as descripções que temos lido, que a pintura, a gravura, a photographia, a esculptura, as armas, as tapeçarias, os bronzes, os cristaes, os marmores, em fim tudo quanto tem o espirito humano produzido de grande, nobre e maravilhoso em materia d'arte, estava alli representado.

— Ao mesmo tempo se fazia em Londres a Exposição da Academia real das artes; a Exposição de aquarellas, tanto da nova escola como da antiga, — genero de pintura esse em que, como se sabe, primam os Inglezes; e uma exposição de quadros da Escola franceza, dos melhores autores.

— Em Paris, conforme annunciamos no nosso 1.^o numero, abriu-se, a 15 de junho, ao meio dia, a *Exposiçãõ das obras dos artistas vivos*, no anno corrente. A entrada custava um franco cada dia, á excepção dos domingos em que era gratis.

A Exposição occupava algumas galerias do palacio da Industria, nos Campos-Elysios, divididas para esse fim em certo numero de salões. Uma parte da esculptura, principalmente estatuas, foi esparsa pelo jardim da grande nave da

quelle edificio, adornada com a interessante exposição da Sociedade Imperial e central de Horticultura, exposição que fôra aberta a 20 de maio e devia terminar com a de Bellas-Artes.

A' abertura da exposição de que tractamos, contava-se, segundo o catalogo impresso, 3.474 obras d'arte, sendo 2.715 de pintura, 428 de esculptura, e o resto de gravura, lithographia e architectura. Além da enumeração das obras expostas, o catalogo dava tambem noticia das que foram executadas ou collocadas nos *monumentos publicos*, e que por isso não puderam figurar na Exposição ; pensamento feliz porque taes informações, importantes para os contemporaneos hão de ser além disto utilissimas no futuro para a historia da arte.

Notou-se que á esta Exposição deixou de concorrer a mór parte dos grandes artistas, já conhecidos, como Decamps, Eugenio Delacroix, Ingres, Lehmann, Léon Cogniet, Scheffer, a Sra. Rosa Bonheur, e outros.

As obras de grandes assumptos ali eram em numero limitado, e deste parece que poucas se elevavam á alta expressão da arte. Entretanto nos outros generos, de que era composta, na maxima parte, a Exposição, achavam-se obras de valôr.

— Houve tambem naquella capital uma exposição universal de photographia, que foi muito concorrida, e onde appareceram muitos quadros desse genero admiravelmente trabalhados e que mostram o progresso crescente em que vae essa arte industrial.

— Em abril a *Sociedade dos Amigos das artes* de Lyão, e em maio a de Bordéos, fizeram a sua exposição annual. Em ambas ellas se apresentaram quadros dignos de menção, e dos principaes artistas francezes. Ao terminar a de Lyão, foram muitas obras compradas, tanto pela Sociedade, como pelos amadores e pela propria Cidade.

— Estava fixada para o dia 10 de agosto proximo pasado uma exposição de Bellas-Artes no museu de Grenoble.

— Preparava-se para o mez de junho, em Varsovia, capital da Polonia, uma exposição da industria, na qual devia tomar parte todo o imperio Russo. Esta exposição deve-se repetir de quatro em quatro annos, em virtude de um decreto imperial (*ukase*) de 1847, e ter lugar alternativamente em Moscou e Varsovia.

— Em Turim devia-se fazer igualmente em junho nma grande exposição, na quinta de Valentino, proxima áquella capital. Para esse fim fôra coberto de vidro um grande páteo que alli ha, fazendo-se delle assim e com pouca despeza uma especie de palacio de crystal. « *O Governo sardo*, diz a folha que traz esta noticia, *não quer desprezar o meio de animar as artes e as sciencias que tão bom exito tem dado á França, á Inglaterra e aos Estados Unidos.* » — Aproveite o Brazil esta lição-zinha.

Finalmente (ainda um excellente lembrete ás artes, á industria e á agricultura do nosso paiz), uma folha hebdomadaria franco-ingleza, a *Alliance litteraire*, noticia como proxima, segundo as gazetas da India, uma exposição de industria em Haiderabade, capital do reino do Deccan ou, por outro nome, do Nizam, (estado do Indostão, no Deccan septentrional). Suppõe-se que foi proposta pelo actual ministro residente inglez na côrte do Nizam.

Assim, o movimento está dado — conhece-se as vantagens immensas que se tem colhido das exposições e dos concursos: por toda o parte se procura seguir neste ponto os passos das nações mais adiantadas. Isso porêem parece passar para o nosso paiz como um facto imperceptivel, sem importancia, que lhe não merece attenção ; e conserva elle, impassivel, a mesma inercia ! Emquanto na Russia e, o que é mais, até na India, se cuida dessa fonte de emulação, dessa mostra do desenvolvimento de uma nação, sorriem-se os nossos fazendeiros, os individuos competentes nas diversas profissões, os homens importantes, só de ouvirem aventar uma idéia simi-

lhante! — «Que temos que apresentar? — Que nos importa o que os outros fazem? — Nós vamos trabalhando quanto nos basta, vamos fazendo pela vida. Cada um por si e Deus por todos.» — Eis as palavras fataes que por ahí o mais das vezes sôam. Sempre o deleixo, a tibieza, a rotina!...

Não obraremos nós da mesma sorte, e faremos o que nos é possível fazer a este respeito, dando sempre noticia do que houver quanto a adiantamento em outros paizes, para vêr si ao menos assini calamos no animo da nossa população, e si ella se penetra do que deve a si e á patria.

M.



Bellas-Artes

A INDIA

O castigo tremendo de uma immensa culpa prendeu a alma do homem — essa emanção divina creada para gozar os prazeres puros de uma existencia perfeita, na contemplação do Deus omnipotente, para cohabitar eternamente com os espiritos superiores um *paraiso* — á materia informe e corrompida. A vida é a luta de dois principios oppostos : um celeste, outro mundano ; um puro, outro impuro ; um perfeito, outro grosseiro e vicioso : a alma por vezes succumbe no combate ; quando porém a vontade e a acção moral da religião a auxiliam, o seu triumpho é seguro.

O espirito humano busca sempre sahir das prisões do mundo positivo, e por isso se cerca das obras fantasiadas pela sua imaginação, a que dá, ou a graça e a correcta perfeição do *bello* ou a grandeza colossal, a força e a robustez que constituem os caracteres do *sublime*. E' desta necessidade poderosa, irresistivel, que nasceram as artes ; as quaes não tiraram origem nem das exigencias vulgares da materia, nem das exagerações mesquinhas do luxo, mas só, mas unicamente do sentir intimo dos homens que, encerrando em si, como n'um san-

ctuario, as imagens do ideal e do perfeito, as traduziram em obras que realizaram as suas visões.

Em todos os povos, ainda nos menos civilizados, se encontra signaes seguros da existencia do sentimento das artes, que é o resultado da natureza pura da alma. A poesia e a musica são a sua mais simples manifestação; a religião e os seus mysterios são que primeiro lhe accordão a vida e a actividade. A religião, a poesia, a historia; a divindade, o espirito, a tradição, são as fontes donde mana a arte: um povo sóbe tanto mais alto, quanto mais puras e abundantes são essas fontes.

De todas as forças creadoras a mais poderosa, a que gera as obras mais colossaes, sinão sempre as mais graciosas, é a religião: o sublime nasce della mais naturalmente do que o bello; a architectura é a fôrma que mais naturalmente exprime a sua grandeza, os seus terrores, a sua sobrenatural omnipotencia. Como Deus creou o universo, para ser o eterno monumento da sua grandeza infinita, o homem pela architectura reproduz a imagem desse universo, encerrando no templo todas as potencias de que pôde dispôr para constituir um todo sublime que seja o completo symbolo do seu genio.

A architectura é um mundo novo, concebido na imaginação, moldado na pedra; o seu character é a universidade, a generalidade das fôrmas: a linha recta — imagem do infinito, a curva — representação material do espaço finito, combinam-se, unem-se, confundem-se alli, como no universo o finito dos corpos celestes se perde no infinito do espaço. A primeira regra a que está pois sujeita a architectura é a da ordem e harmonia nas relações geometricas, de modo que entre a imagem e o pensamento se possa achar logo uma ligação immediata; sendo, como é, a representação do universo, a architectura devia necessariamente ter nas suas linhas a mesma harmonia que Deus pôz nas linhas que os astros descrevem.

A natureza organica, essa em que as forças geraes accrescem a força vital que obra tantos prodigios inexplicaveis, goza, nas formas exteriores, de um elemento importante de perfeição: a *symetria*. Esta é por vezes central, como na flor e nos animaes imperfeitos; nos animaes perfeitos porém ella é bilateral: na flor grupam-se em roda do centro partes semelhantes, na forma de uma estrella; no homem acham-se a cada lado de uma linha central partes iguaes que se correspondem, de modo que essa linha divide o corpo exactamente em duas metades. A *symetria* bilateral, sendo a mais elevada e perfeita, é a que a architectura na sua sublimidade adopta para a disposição das grandes massas: a outra *symetria* só na disposição das partes menos importantes se adopta.

Fixar proporções invariaveis, absolutas, n'uma arte como a architectura, que é filha do pensamento, da indole particular e da religião de cada povo, era contrariar-lhe a natureza, prendel-a em laços que necessariamente lhe produziriam a morte: e, de facto, a paixão pela antiguidade, que dominou os espiritos por tanto tempo depois da chamada *renascença*, quasi que tem trazido este resultado; encerrada em regras estreitas, a architectura não podendo obedecer livremente aos impulsos da imaginação e da fé, não podendo voar com a inspiração, tem ido pouco a pouco perdendo a sua importancia como arte, o seu valor como symbolo religioso e politico. Ha porém uma regra que se deve respeitar seja qual fôr o *estilo* que se adopte na construcção de um edificio, e é que entre a altura e a largura delle haja tal proporção, que a massa total possa ser abrangida pelo campo da vista.

No *universo* artistico creado pela architectura florescem, como na natureza, as bellezas da vegetação que se enlaçam nos capiteis, ou se curvam em festões pelas frisas; apparecem as formas graciosas e arredondadas dos animaes, e emfim brilha em toda a magestade da sua nobreza o homem, a mais divina das creações na terra. E' isto que constitue o *ornato*, tão

necessario para abrandar a dureza das linhas e encobrir a união, repugnante aos olhos, dos differentes membros de uma construcção : é este o auxilio que a escultura presta á architectura sua soberana. No mundo, a natureza individual implanta-se na natureza universal ; na arte, a escultura, que é a representação das fôrmas particulares, implanta-se na architectura, que é a reunião das fôrmas geraes, das linhas definidas e exactamente commensuraveis.

A côr tambem vem accrescentar com os seus encantos a riqueza da architectura ; e recebe della tal desenvolvimento e perfeição que em breve emancipada vive por si, e por si representa uma serie nova de ideias e de bellezas.

Para completar a similhaça entre o mundo e a architectura, o homem encerrou no seio do monumento o som, a harmonia ; a musica deu voz á pedra morta, como o rugir do vento, o murmurar das fontes, o ciciar das folhas e o mugir do oceano dão voz e expressão á terra muda de si.

A architectura é a unidade primordial da arte, de que se gerou depois a variedade das suas fôrmas. Por isso é na architectura que primeiro devemos estudar a arte ; é nella que primeiro se manifestou a inspiração humana. A alma, querendo unir-se com o céu, donde tirou origem, buscou conseguil-o pela religião e pela arte : esta recebeu os caracteres que lhe imprimiu aquella como mais forte ; e ambas se uniram no templo, ambas se abraçaram na architectura.

A primeira fôrma das construcções humanas devia ser a imitação proxima da natureza ; por isso a arte *troglydytica* se encontra em todos os povos primitivos. Os primeiros abrigos dos homens foram as cavernas abertas nos montes pela propria natureza : nessas cavernas aprenderam elles a construir os templos e os sepulcros. Na Grecia adorou-se o deus Pan na gruta do Parnaso ; o Egypto é minado pelas construcções subterraneas ; a Ethiopia abunda nessas sombrias e mysteriosas

escavações; a America, a Asia inteira apresentam exemplo, prodigiosos deste primeiro periodo da architectura.

A esta primitiva fórma seguiu-se naturalmente uma outra a que se dá o nome de *cyclopica*. Esta é tambem uma imitação simples da natureza. Rochas colossaes sustidas pelo proprio peso, ora formando torres, ora pyramides immensas; circos edificados de pedras grosseiras, ligadas entre si por outras pedras horizontaes que formavam, para assim dizer, a *architrave* daquellas columnas brutas; muralhas de uma cantaria informe e solta: eis os elementos desta outra architectura tão selvagem como a primeira, mas conservando o mesmo character grandioso e sobrenatural. Destes monumentos tambem se encontra exemplos por toda a superficie da terra. Os enormes altares dos druidas, alevantados na Allemanha e na Inglaterra; as muralhas nas margens do Ohio na Nova-York; as construcções que Humboldt encontrou no Perú, são notaveis provas de que os primeiros passos nas artes são semelhantes em todos os povos. O homem busca, antes de tudo, rivalizar com a natureza em força e grandeza; e, como a natureza tem em toda a parte, em todas as suas maravilhas, os mesmos caracteres fundamentaes, por isso as primeiras obras dos homens têm tambem uma grande conformidade entre si.

Depois desse segundo periodo, cada povo começa a modificar as fórmas geraes dos seus monumentos, o character dos ornamentos, da distribuição, da physionomia, segundo as suas crenças ou a sua organização politica.

A Asia foi o berço da humanidade: quando queremos subir ás épocas mais remotas da historia, é para ella que voltamos os olhos, é nella que vemos impressos os primeiros passos do homem sobre a terra. Essas tempestades immensas em que imperios se quebravam contra imperios, em que nações inteiras se aniquilavam debaixo do peso de outras nações sem quasi deixarem memoria da sua grandeza, só naquella terra de prodigios se viram, só nella passaram tremendas. Foi no

paiz onde nasceram, que a Providência deu ás sociedades as mais severas, as mais graves lições.

No meio de todos os povos da Asia ha um que merece mais que os outros ser estudado ; porque a sua antiguidade vai perder-se nas trevas, a sua civilisação resistiu ás mais furiosas tormentas, o seu character e a sua organisação politica e religiosa são unicos entre todos.

A India, fechada entre as montanhas mais elevadas do globo e a vastidão do oceano, é um paiz rico de preciosidades, fecundo em especularias, perfumado de rosas e mimoseado tres vezes por anno com os mais saborosos fructos. Ao lado, ou antes, estreitamente abraçada com a natureza bella, vive alli a natureza sublime : rochas escalvadas erguem aos céus os seus picos alcantilados ; desertos arenosos se estendem amplos e áridos : torrentes despenhadas com furia umas contra as outras se repellem, se confundem e se levantam rugindo como o mar em ondas que fremem. Era esta a terra dos mysterios na antiguidade ; terra desconhecida, mas que inspirava um sancto horror aos Gregos e Romanos. Alexandre o Grande ousou, é verdade, pôr o pé de bronze neste paiz ignorado ; mas os que o acompanharam não puderam, ou antes, não ousaram, penetrar os segredos daquellas regiões remotas.

Este paiz singular é habitado por um povo imaginativo, supersticioso, amante dos mysterios e das especulações philosophicas, preferindo o ideal ao real, abandonando-se emfim continuamente á negligencia e á preguiça, á contemplação e ás abstracções do espirito.

Profundamente convencidos do dogma da metempsychose, pantheistas por fé, os Indios adoram as fórmãs da natureza, mas pensam sem cessar em libertar-se dos laços da materia para attingir a perfeição espiritual. A solidão, o soffrimento, a fome, a immobildade contemplativa, são meios seguros de chegar ao estado em que a intuição de Deus substitue a consciencia da propria existencia.

O Indio crê na unidade de Deus; a ideia primitiva e pura de um Deus que «só existe realmente; comprehende em si tudo, e é a causa de todos os phenomenos; sem limites no tempo e no espaço; immortal; alma do mundo e de cada individuo em particular», ideia essencialmente pantheistica, encontra-se nos seus livros sagrados, nos *Vedas*.

Porém esse Deus tem tido um grande numero de encarnações, todas differentes, e extraordinarias; de cada vez elle revestiu fórmulas singulares, muitas dellas monstruosas. Por isso se encontra na arte religiosa da India um cem numero de idolos prodigiosos e repugnantes.

A arte india nasceu, cresceu, e desenvolveu-se sempre debaixo da acção da casta sacerdotal: o artista não teve nunca alli a liberdade da inspiração; foi uma machina apenas, e por isso as suas obras ficaram, mas o seu nome apagou-se da memoria dos homens.

Eram os sacerdotes que davam os planos das construcções, das esculpturas, das pinturas; e os artistas, ou antes, os operarios vinham aos milhares executal-os. N'uma gruta em que está representada uma officina de esculptura vê-se que uns affeioavam as pedras, outros tapavam as fendas, uns desenhavam as figuras com tinta vermelha, outros corrigiam o desenho com tinta negra, uns esculpiam, outros pintavam, outros enfim envernizavam: por vezes dois artistas trabalhavam a mesma estatua, mas cada um fazia sua metade, que, depois, se ajustava á outra. Era a divisão do trabalho, mas naquelle gráu em que ella materialisa as mais elevadas operações, e reduz a arte a uma operação mechanica e bruta.

Os Indios seguiram no desenvolvimento da sua arte o caminho trilhado pelos outros povos. As suas mais antigas construcções são templos vastissimos cavados nas montanhas, ricos em ornatos, e que de certo demandavam, para se completar, a cooperação de muitas gerações. Ha destes templos,

alguns cavados em rochas vivas de granito e de porfido, de uma extensão admiravel.

Na ilha de Salcete existem valiosissimos subterraneos, formando salas, galerias, corredores, precedidos de porticos ornados de monstros medonhos; os templos encerram divindades que sustentam com os quatorze braços a abobada, que parece querel-as esmagar. Anões disformes, labyrinthos tenebrosos, escadas que se perdem na montanha, tornam esta architectura medonha, e parecem occultar segredos terriveis.

A arte, depois de ter lavrado as entranhas dos montes, sae enfim á luz, aflora á superficie. Em Ellora podemos nós observa-la no acto da sua transformação; aqui as construcções subterraneas prendem-se com outras que, apezar de abertas na rocha, se elevam já sobre o solo.

O templo de *Visua-Karma*, filho de Brahma e inventor das artes, é um exemplo: este templo faz parte dos monumentos de Ellora. Duas linhas de pilares sustentam a abobada, que tem a fórma do casco de um navio invertido, e dão origem a duas naves lateraes cujo tecto é chato e baixo: no fundo eleva-se um corpo cylindrico coroado por um globo achatado, symbolo que os Indios denominam *dahgopa*; encostado a este *dahgopa*, sentado á européa n'uma cadeira sustida por dois leões, está o Deus, n'uma postura de meditação: oito genios n'ns esvoaçam na abobada do nicho em que está collocado; um baixo relevo corre por toda a frisa do templo.

As construcções de Ellora, como todas as obras de architectura india, são pesadas e massigas; as columnas e pilares, de enormes dimensões com capiteis ricamente ornados. A symetria reina alli com dignidade e grandeza. Ornatos imitados do reino vegetal e animal cobrem com profusão as paredes e os porticos; e linhas de elefantes supportam templos inteiros sobre o dorso possante.

A esculptura é imperfeita; as proporções são desconhecidas, o movimento é exagerado, a expressão pouco natural.

E' na ligeireza, e no alongado das fórmas que os artistas indios pensavam que consistia a verdadeira belleza.

A pintura não subiu nunca neste povo á altura de uma arte: os seus desenhos feitos sobre o papel, com aguadas, são ligeiros, porém mostram poucos conhecimentos anatomicos; si ha nelles alguma cousa que notar é a minucia com que representam os detalhes ainda os mais insignificantes.

A' vista dos monumentos da India, o viajante sente uma commoção profunda, uma inexprimivel admiração. Não é a elevação dos monumentos, nem a regularidade e harmonia das fórmas; não é a variedade do desenho, nem a formosura e riqueza dos ornatos; é a consciencia da propria força, é o orgulho de pertencer a uma raça capaz de vencer obstaculos e difficuldades sem numero, que assim o agita e abala. Vendo a pedra moldada, fundida á voz de um sacerdote e artista; vendo as entranhas dos montes abertas e transformadas em colossos, em galerias, em porticos, em divindades, pela força do braço humano, o homem considera-se grande, julga-se senhor e rei no meio dos seres creados.

O sublime da architectura é nos monumentos gigantes da India e do Egypto que deve estudar-se: a pedra alli tem uma voz para dizer as maravilhas de Deus; cada templo é um livro de granito, onde os iniciados nos mysterios religiosos podem ler os segredos da sciencia e da natureza.

J. DE ANDRADE CORVO.



THEATROS

OPERA NACIONAL. — THEATRO-LYRICO ITALIANO

No dia 17 de julho deste anno deu a sua primeira recita, com a *zarzuela*, ou opera-comica espanhola em 2 actos, intitulada «A estréia de uma artista», a companhia de opera nacional, que por ora só merece este nome, porque ahi se falla, posto que geralmente mal, o portuguez.

Já era tempo de se fazer alguma cousa a tal respeito; porquanto pôde-se ouvir boa musica, e ainda melhor aprecial-a, sem ser preciso ignorar a lingua em se ouve cantar (como succede á maioria dos frequentadores do nosso theatro italiano, que por luxo se denominam *dilettanti*, especialmente porque este nome não é portuguez): e sempre foi nossa opinião que as peças de canto, qualquer que seja a lingua em que hajam sido compostas, devem ser dictas na lingua do paiz em que são representadas, mórmente quando esta se presta a isso tanto como a nossa. — Em Pariz na *Academia de musica*, *Grande-opera* ou antes Opera, na *Opera comica*, e no chamado *Theatro lyrico* ou *Opera nacional* (em outro tempo, *Theatro historico*), todas as peças são pronunciadas na linguagem vernacula, qualquer que seja o idioma em que tenham sido primitivamente escriptas.

Ha alli, é verdade, um theatro italiano (e em toda a França, isto só tem lugar na capital); mas este theatro, que foi até certo tempo sustentado por moda, é hoje pela maxima parte frequentado por estrangeiros. — Em Londres ha um theatro de opera italiana; mas, sem procurar outros motivos, além de ser a lingua ingleza anti-musical, esse theatro, na capital da Inglaterra, é um objecto de luxo, destinado particularmente á côrte: alli só entra quem tem gravata branca e casaca, e a bolsa recheiada. — Na Allemanha, em todos os theatros, as peças são cantadas em allemão, sendo para isso traduzidas as de origem estrangeira.

O Sr. José Amat, que teve a iniciativa da instituição de uma companhia de opera nacional, fez á sua arte um serviço digno de louvor. A sua idéia porém, conhecida e acceita desde o principio deste anno, custou a ter execução. Organizada a companhia, lutou com difficuldades para ter casa onde se estabelecesse. Durante algum tempo julgou-se que as suas representações se effectuariam em uma sala do Theatro-lyrico italiano. Afinal realizou-se a primeira representação no Theatro de S. Francisco, hoje *Gymnasio dramatico*. Daqui foi, logo depois da terceira representação, transferida para o Theatro de S. Januario, onde se acha.

Ainda não está decidido si a companhia que temos e que se adorna com o titulo, um pouco pomposo, de *Academia imperial de musica -- Opera nacional*, é com effeito de opera propriamente dicta, ou de opera-comica, ou si será mixta. Por enquanto só tem dado operas-comicas, e estas traduzidas. Promettia-se o *Noivado em Paquetá*, musica do Sr. H. A. de Mesquita; mas não temos ouvido mais fallar nisto.

A respeito da execução das peças que têm sido levadas á scena, não se pôde ainda exigir muito. Nota-se em geral que a dicção é viciosa; e é um defeito este que cumpre principalmente corrigir. Quanto á parte dramatica, certo é que não se formam bons actores em poucos dias (comquanto haja na

companhia algumas pessoas que já não são novos na scena); mas não se deve cessar de recommendar muito estudo nessa parte, para que não cantem sómente, ainda que bem, mas ao mesmo tempo expressem convenientemente o que cantam. E' este um dos maiores attractivos das peças lyricas.

Não devemos neste momento omitir que se vae fazendo um certo movimento lisongeiro para a arte entre nós. — Desde o começo fez parte da companhia de opera nacional uma senhora brasileira, e uma outra que, comquanto espanhola de nascimento, quasi se pôde dizer brasileira, pois se diz ter vindo para esta cidade na infancia : fallamos das Sras. Amat e D. Julia. Mais tarde dois moços brasileiros incorporaram-se á companhia; e a 9 deste mez estreou a Sra. D. Carlota Milliet, já conhecida e apreciada como habil amadora desde o tempo da Sociedade Philharmonica, e que, dotada de uma bella voz de soprano, da qual sabe perfeitamente dispôr, foi recebida com applausos merecidos. Em fim, no Theatro-lyrico italiano tambem appareceu uma brasileira, a Sra. D. Heloisa Marechal, que estreou a 2 de outubro corrente no difficil papel de *Assucena*, da opera *O Trovador*, de Verdi.

A Sra. D. Heloisa possue uma voz de meio soprano (*soprano sfogato*), sinão muito extensa, ao menos agradável, e sufficientemente forte; mas carece de mais firmeza e afinação; não sustenta o canto como fôra mistér, nem ataca bem a tempo, ás vezes, a sua parte, com o que embarça um pouco o exacto acompanhamento da orchestra. Como actriz, deixa muito que desejar; devemos porém reconhecer que nem todas podem fazer esse papel como a Borghi-Mamo ou a Paulina Viardot-Garcia, e demais é preciso dar tempo, e a Sra. Heloisa ainda agora começa. Os defeitos que notámos dependem, cremos nós, de não estar ainda esta Sra. amestrada no palco scenico; ella tem talento e vontade, e é de esperar que pouco a pouco apague essas faltas. Tem sido acolhida como devia sê-lo, com applausos de animação; não se deixe ella deslum-

brar por estes ; estude com affinco, e nós lhe auguramos, tanto como lhe desejamos, posto que nem de longe nos conheça, um bello futuro na carreira brilhante que encetou. Nas observações que lhe dirigimos, a Sra. D. Heloisa não deve enxergar sinão desejos de ser-lhe util, pela sympathia que nos inspirou, como artista nova e talentosa.

JACY MONTEIRO.



REVISTA ESTRANGEIRA

MONUMENTOS A COLOMBO

O cavalleiro Revelli, esculptor genovez estabelecido em Roma, e que ha algum tempo fizera uma estatua do propheta Isaias, a qual mereceu muitos elogios, acabou ha pouco um grupo colossal em marmore, destinado para uma praça de Lima, no Perú, tendo por assumpto a descoberta do Novo-mundo. Este monumento representa Christovam Colombo mostrando a cruz a uma moça semi-núa que symboliza a America.

Já em 1844, no magnifico Capitolio da Cidade de Washington, capital da União-Americana (no qual se acha, entre outras, uma estatua colossal de Jorge Washington, considerada como uma obra magistral de Greenough), fôra inaugurado um grupo de marmore tendo tambem por thema a descoberta do Novo-mundo. Neste grupo, collocado no portico daquelle edificio da banda do oriente, vê-se Colombo que, pisando em fim o continente almejado, volta-se para a Europa, e mostra-lhe um globo que sustem na dextra, como emblema da terra que a ignorancia e a inveja reputavam chimerica. A seus pés está deitada uma cruz, symbolo da fé que o conduzira, da religião que vinha plantar nas novas plagas. Perto delle uma India, para quem o heróe é como uma visão sobrenatural, o con-

templa com admiração e ao mesmo tempo com temor, hesitando si deverá fugir, si prostrar-se respeitosa. Nesta composição louva-se geralmente a expressão da superioridade intellectual e da dignidade moral na physionomia de Colombo, o seu ar varonil e a sua nobre attitude contrastando com os contornos macios e a nudez da selvagem e indicando a differença da civilisação entre as duas raças. Para o traço de Colombo, que, segundo affirmam, é de rigorosa fidelidade, copiou o artista uma armadura pertencente áquelle homem insigne e conservada em Genova pelos seus descendentes. A obra foi feita em Napoles pelo esculptor Persico, que lhe consagrou cinco annos de trabalho, e que já precedentemente havia sido encarregado de duas figuras *a Paz* e *a Guerra* para o mesmo Capitolio.

Crêmos que igualmente, ha alguns annos, si não nos falha a memoria, foi inaugurada uma estatua do famoso navegante em Genova, sua patria.

ESTATUAS DE HENRIQUE IV

No domingo 28 de Junho deste anno, effectuou-se em La Flèche (districto do departamento de Sarthe, em França), a inauguração de uma estatua de Henrique IV, na praça deste nome, proxima ao imperial Prytaneu militar.

Uma multidão consideravel, affluída dos campos e das cidades vizinhas, assistia a esta imponente cerimonia, e por sua attitude e aqodamento testemunhava a gratidão que consagrava ao grande rei fundador do antigo Collegio dos Jesuitas, que é hoje o Prytaneu (*)

(*) O Prytaneu militar, creado por Napoleão I e aberto a 20 de junho de 1808, foi instituido principalmente para a educação dos filhos de officiaes, bem que sejam ahí admittidos tambem outros meninos. O ensino comprehende um curso de humanidades, cursos de mathematicas, de physica, chimica, historia, geographia, linguas alleman e ingieza, e desenho. O collegio é submettido ao regimen militar e commandado por um general reformado ou da reserva.—No tempo de Luiz Philippe foi-lhe mudada pela de *Collegio real militar* a denominação que tinha de *Prytaneu militar*; esta lhe foi de novo dada, no reinado do actual imperador dos Francezes.

O imperador Napoleão III enviára, para alli represental-o, o marquez de Chaumont-Quitry, seu camarista, deputado por Sarthe; o ministro da guerra enviára um dos seus ajudantes de campo. Muitas altas personagens foram tomar parte nessa festa patriótica.

Ao meio-dia era o delegado do Imperador recebido á entrada da cidade e conduzido com ceremonial até á praça de Henrique IV, onde havia elegantes tribunas para os convidados, e que estava toda ornada de estandartes, de escudos e de trophéus. Os tres batalhões dos alumnos do Prytaneu, e mais alguma tropa, com uma banda de musica, cujo instrumental fazia reboar os ares, davam a esta festa o character militar que devia necessariamente ter.

A estátua, que estava envolta em um véu, foi descoberta durante o discurso que fez o enviado do Imperador.—E' devida ao cinzel do Sr. Bonassieux. Representa Henrique IV em pé, armado de ponto em branco; uma capa que, prendendo-se-lhe ao pescoço, lhe desce pelas costas até aos pés, occulta-lhe quasi todo o braço esquerdo; tem na mão direita, em acção de dal-o, o edicto da fundação do Collegio dos Jesuitas; a esquerda está apoiada na espada que lhe pende ao lado.—O sócco é formado por duplas faxas de granito, e tem, nas quatro faces, cabeças de leão donde jorra agua.

Depois daquelle discurso e da resposta do chefe do corpo municipal (*mairre*) de La-Fièche, o bispo de Mans (**), dirigindo-se á igreja da cidade, acompanhado pelos circumstantes, alli deu a consagração religiosa a esta cerimonia.

Grande banquete, fogo de artifício e illuminações terminaram a festa no primeiro dia; no segundo foi ao ar um balão dirigido pelo aeronauta Godard, e houve um brilhante concerto em que tomaram parte artistas distinctos de Pariz.

(**) *Mans* é a cabeça do departamento de Sarthe.

O governo concorrêra para esta obra patriótica dando, em 1855, duas peças de calibre 8, do arsenal de Rennes, para a fundição do monumento; e o Imperador mesmo déra espontaneamente, do seu bolsinho, mais de um conto de réis do nosso dinheiro para ajuda das despesas.

— Pois que tractamos de uma memoria erigida a Henrique IV, não é fóra de proposito mencionarmos uma outra que se vê em Pariz, n'uma das mais antigas pontes, chamada todavia a *Ponte-nova*.

E' uma bella estatua equestre do mesmo rei, obra de Lemot, feita por meio de uma subscrição e com o bronze proveniente de uma estatua imperial de Napoleão I que, no tempo deste imperador, coroava a columna Vendôme. Foi inaugurada em 1818 pelo governo da Restauração, em substituição de uma outra, devida aos esculptores João de Bolonha e Dupré, alli existente desde 1635, e que em 1792, durante a famosa Revolução franceza, fôra fundida para se fazer peças de artilharia.— O pedestal é de marmore branco, ornado de dois baixos-relevos de bronze, um dos quaes representa a *Entrada de Henrique IV em Pariz*, e o outro *Henrique IV fazendo passar pão aos sitiados por cima das muralhas*.

INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DE BICHAT NA ESCOLA DE MEDICINA DE PARIZ

Um congresso dos medicos de França, reunido em Pariz em 1845 no intuito de determinar as bases de uma organização medica harmonizada com as necessidades da sociedade e as exigencias da profissão, decidiu ao mesmo tempo que os restos venerados de Bichat, depositados n'um antigo cemiterio chamado de Sta. Catharina, e expostos a ser dispersos em consequencia da venda desse terreno, fossem conservados ao culto dos medicos e solememente sepultados no cemiterio do

Pere Lachaise, onde o conselho municipal, por proposta de Arago, havia para esse fim concedido um lugar perpetuo.

A cathedral de *Notre-Dame* conserva ainda a memoria das magnificas exequias que foram então celebradas. Foi nessa occasião que se abriu uma subscrição para collocar, no proprio gremio da Faculdade de medicina de Pariz, a estatua desse professor cuja vida foi tão curta, mas tão bem preenchida (*),

Esta estatua foi com effeito inaugurada no dia 16 de Julho do anno corrente. E' a derradeira obra do distincto escultor David (d'Angers), fallecido o anno passado, e ao qual mais do que a qualquer outro devia competir, porque já no tympano da empena do Pantheon (hoje igreja de Sta. Genoveva, por decreto de Luiz Napoleão, de dezembro de 1851) collocára elle a figura de Bichat entre as dos grandes homens honrados pela patria agradecida (**), e reproduzira as mesmas feições em uma estatua que, desde 1843, orna uma praça da cidade de Bourg.

O sabio professor é representado com o trajo de sua época (calças unidas ao corpo, botas de cavalleiro curtas e sem canhão, casaca de abas largas, &c.), em pé, em postura mediativa, com o braço direito um pouco erguido e apoiando-se sobre o esquerdo encostado ao corpo, tendo na dextra uma penna e na esquerda um papel, como preparando-se para escrever uma das suas immortaes paginas sobre a morte, cujo emblema, semi-encoberto por uma mortalha, jaz por detraz delle (***). No semblante animado pelo genio, soube o artista espargir essa melancolia doce e poetica que se liga á existencia de Bichat tão cêdo consumida; e como que por entre o bronze

(*) Bichat nasceu em 1771 e morreu em 1802, sendo professor na Escola de medicina de Pariz, e tendo publicado varias obras, todas de grande valór.

(**) O baixo-relevo que orna aquelle tympano é obra de David. No triso, por baixo da empena, se nota a seguinte inscrição em letras de bronze: *Aux grands hommes la Patrie reconnaissante.*

(***) *Indagações physiologicas sobre a vida e morte*, é a obra capital de Bichat, e uma das mais importantes de physiologia.

sente-se a inspiração que agita o *divino mancebo*, segundo a feliz expressão do notavel professor da faculdade o Sr. Bouilland.

A estatua, collocada no fundo do pátio da Escola de medicina, defronte do portico, descansa sobre um pedestal em cuja face anterior se lê a seguinte inscripção :

A

XAVIER BICHAT

O Congresso medico de França.

1845.

O vasto pátio, cingido de uma immensa cortina e armado com tapeçarias da celebre manufactura dos Gobelins, fôra assim trasformado em um salão, mobiliado com alfaias da Corôa. Sociedades coraes, dirigidas pelo Sr. Ernesto Chevê, celebraram os louvores de Bichat em uma cantata, musica do Sr. Elwart e letras do Dr. Roux. Uma orchestra militar alter-nava com o canto dos discipulos do Sr. Chevê.

A cerimonia, para a qual haviam sido convocadas todas as illustrações scientificas de Pariz, foi presidida pelo ministro da instrucção publica. Foram recitados muitos discursos, sendo acolhidos com applausos pela juventude medica, que mostrava assim conservar a tradição e o culto das glorias nacionaes. Os que mais impressão causaram, foram o do Sr. Amedée Latour, em nome do *Congresso medico*, e o do Sr. Larrey, em nome da *Sociedade de emulação medica*, de que Bichat foi um dos fundadores : este ultimo discurso, aos respeitoes tributados ao grande anatomico, associava o artista popular que reunia em si, no mesmo alto grau, genio e patriotismo.

Assim, esta cerimonia, brilhante pela reunião de homens eminentes que ahí se achavam, e pelo nome illustre cuja memoria consagrava, foi uma festa nacional em que se rendia homenagem ao mesmo tempo ao genio da sciencia e ao genio das artes.

M.



CHRONICA ARTISTICA

O Conselho administrativo da nossa Sociedade mandou agradecer, por intermedio do 1º Secretario perpetuo, aos distinctos artistas Dionisio Vega, Antonio Luiz de Moura, Boaventura Fernandes do Couto, Casimiro Lucio de Souza Pitanga, Domingos Alves e joven Cavalier, a desinteressada coadjuvação que se dignaram prestar ao brillantismo do espectáculo realizado no Theatro-lyrico, como já em outra occasião dissemos, em favor da Sociedade.

*

O mesmo Conselho, em virtude do art. 71 dos Estatutos, deliberou mandar tirar o retrato do nosso consocio benemerito o Sr. Florindo Joaquim da Silva, afim de collocal-o na sala das sessões.

Deste modo a sociedade faz justiça, e realiza o nobre pensamento da sua criação, concorrendo energicamente para a união e desenvolvimento de todas as artes neste Imperio.

A este acto, agora isolado, succederão indubitavelmente outros muitos, e mais tarde a galeria da Sociedade tornar-se-á um monumento importante em que as gerações vindouras irão contemplar, cheias de gratidão, aquelles que, lembrando-se da educação e felicidade de seus concidadãos pobres, se constituíram verdadeiros patriotas.

*

O Sr. Quintino José de Faria, gravador da Casa da Moeda e membro do Conselho da nossa Sociedade, acha-se encarregado, por offerecimento proprio, de preparar o cunho de uma medalha que tem de ser distribuida pelos socios fundadores da nossa associação. Este desinteresse, esta demonstração de amor á arte, da parte de um artista pobre, como são todos os nossos, são dignos de louvores.

*

No desejo em que estão empenhados todos os verdadeiros artistas de mostrar o apreço e consideração que lhes merece a nossa sociedade, o Sr. Augusto Muller, distincto professor de paizagem da Academia das Bellas-Artes, acaba de offerecer para a galeria da Sociedade um quadro de paizagem de sua lavra, o qual é um penhor estimavel para a arte.

Offertando este bello especimen do seu talento, o Sr. Muller declarou que não seria esta a sua ultima lembrança para uma sociedade cujo nobre fim é o engrandecimento das artes e do paiz.

Este cavalheiro procedimento é proprio de um artista da sua capacidade.

*

Têm sido ha algum tempo expostos na casa do Sr. Bernasconi, á rua do Ouvidor, alguns retratos a oleo, pintados pelo Sr. Stallone, professor honorario da Academia de Napoles; entre os quaes mais avulta, não só em parecnça, como em desembaraço artistico, o do Sr. Marinangeli.

Apezar do amor que tem á sua arte, o Sr. Stallone é um dos artistas que menos feliz ha sido entre nós, não obstante ser digno da estima publica por sua honestidade e merecimento.

*

O Sr. Agostinho da Motta expôz ultimamente naquella mesma casa dois retratos a oleo de grande merecimento, nos quaes se revela muito estudo e pericia artistica. O Sr. Motta que, como se sabe, foi enviado a Roma a expensas do Estado, é incontestavelmente o pensionista que maiores resultados tem apresentado da sua viagem á Europa, não só como paisagista, mas tambem como retratista.

Como professor de desenho, tem igualmente o Sr. Motta colhido os melhores resultados do seu methodo de ensino e portanto dos seus estudos : ainda ha pouco estiveram expostos na mesma casa dois quadros feitos a *pastel* por uma joven Fluminense, sua discipula, que revelam o talento da amadora e a excellencia das lições que recebe.

Oxalá que o nosso bello sexo, reconhecendo as vantagens que desse estudo pôde colher, se dedique realmente á arte, apresentando-nos os mimosos fructos de seu genio e do amor do bello, de que deve ser aquelle sexo delicado o primeiro apreciador.

*

Promptifica-se na pedreira de S. Diogo, por deliberação do actual inspector das Obras Publicas da Côrte uma columna composita com pedestal, que tem de ser collocada em uma das nossas praças do littoral, applicada a um chafariz.

Esta obra, em que se ha empregado o maior desvelo e dedicação, é sem duvida o trabalho mais importante para a arte, que, em materia de cantaria, se tem feito em todo o Imperio.

O fuste da columna, que tem 24 palmos, sem base nem capitel, é de uma só peça de granito, perfeitamente preparada com estrias.

O pedestal, base e capitel são tambem, cada um, de uma só peça, feitos com toda a precisão e esmero pelos mais habéis canteiros da repartição das Obras Publicas, os quaes empregaram nesses trabalhos toda a sua pericia e attenção.

Ao Sr. Apollinario Gomes de Oliveira, mestre-geral dessa officina, se deve na maxima parte o bom desempenho desse bello pensamento do Sr. major Manuel de Frias e Vasconcellos, digno chefe daquela repartição.

*

O paquete *Petropolis*, da linha hamburgueza, levou para a Europa, no dia 2 de julho do corrente anno, o Sr. Henrique Alves de Mesquita, um dos nossos mais distinctos consocios, e membro da commissão artistica da Sociedade, o qual foi como pensionista do governo applicar-se á sua arte e frequentar os grandes estabelecimentos musicaes.

Ninguem mais digno do que o Sr. Mesquita dessa animação, e estamos persuadidos de que elle muito aproveitará, e poderá distinguir-se honrosamente em qualquer paiz a que chegar. — O Sr. Mesquita já era de ha muito conhecido como habilissimo na sua profissão; tocava admiravelmente *piston*, e compunha, nem só ligeiras peças e variações, mas composições de grande vulto, por exemplo — uma Missa que foi executada na festa de Santa Cecilia, padroeira dos musicos (*tempos antes de ser esse Sr. premiado pelo nosso Conservatorio de musica*), e uma opera, em 3 actos, intitulada «Noivado em Paquetá», que se está imprimindo na casa dos editôres de musica successôres de Laforge. — Assim, o Sr. Mesquita não era alumno do nosso Conservatorio de musica, como por ahi apregoaram e fizeram crer.

*

Por decreto de 25 de setembro foi nomeado professor de Pintura historica da Academia das Bellas-Artes, em substituição do fallecido José Correia de Lima, o Sr. Joaquim Lopes de Barros Cabral, bem conhecido como pintôr scenographo, substituto da cadeira de desenho desde 1850 e adjuncto a esta classe depois da reforma daquela Academia, decretada em 14 de maio de 1855. — O Sr. Lopes de Barros

exercia, ha mais de um anno, o cargo de professôr de Pintura, durante a molestia e depois do fallecimento do professor proprietario dessa cadeira.

*

Por uma singular coincidencia, cujos motivos não prescramos, logo depois da nomeação do Sr. Lopes de Barros para a cadeira de pintura, o Sr. Manuel de Araujo Porto-Alegre pediu demissão do cargo de Director da Academia das Bellas-Artes. Esta demissão foi acceita, e em meados de outubro corrente foi nomeado para substituil-o o Sr. Dr. Thomaz Gomes dos Santos, lente cathedratico de Hygiene na Faculdade de medicina desta cidade.

A consequencia que naturalmente se pôde tirar desta nomeação é que, em verdade, muito enferma deve achar-se a Academia das Bellas-Artes, pois foi preciso chamar para a sua cabeceira um medico tão habil, de tanta reputação como o Sr. Thomaz Gomes. Neste caso, é de esperar que S. S^ã, examinando bem o estado da pobre doente, attendendo ás crises por que tem passado e está passando, estudando-lhe com cuidado e consciencia a molestia, e prescrevendo-lhe uma san hygiene e remedios energicos, alcance a sua cura.

Oxalá saiba o novo director livrar-se de suggestões estranhas e mesmo de algumas intestinas! Fazendo justiça ao seu talento e ao seu character, em que confiamos, fazemos votos para que S. S^ã consiga salvar a sua nova e parece que perigosa enferma.

*

Vem a pello fazer aqui menção dos differentes directôres que tem tido a Academia das Bellas-Artes.

Esta Academia, creada, por influxo do Conde da Barca, em virtude do decreto de D. João VI de 12 de agosto de 1816, teve por director, na sua criação, a Lebreton, que viera em companhia dos artistas mandados buscar á França para reger varias cadeiras do ensino artistico.

A' abertura porém da Academia, que só se verificou a 5 de novembro de 1826, já exercia aquelle cargo o pintor Henrique José da Silva, mandado vir de Lisbôa; o qual, por decreto do governo de então, tomára conta da direcção, por morte de Lebreton, em 1819. Silva occupava a cadeira de desenho da Academia.

Pelo fallecimento deste, em 1834, exerceu durante muito pouco tempo, as funcções de directôr interino, como decano que era, o fallecido professor de architectura A. - H. V. Grandjean de Montigny; o qual depois foi escolhido pela Congregação para servir effectivamente aquelle cargo, mas que se escusou, apresentando entretanto para o substituir o Sr. Felix Emilio Taunay.

O Sr. Taunay, que regia a cadeira de paizagem, foi eleito no mesmo anno de 1834, e conservou a direcção até ao fim de junho de 1851, data em que resignou este cargo, sendo jubilado no seu emprego de professor.

Nesta época, ao Sr. Job Justino de Alcantara, professor de architectura, decano da Congregação, coube interinamente a direcção; na qual continuou, por deliberação do governo, até 11 de maio de 1854.

Foi então chamado para o cargo de director da Academia, de que tomou posse nessa data, o Sr. Manuel de Araujo Porto-Alegre, capitão honorario, professor de desenho na Escola militar; o qual serviu até ao 1.º do corrente mez de outubro.

O Sr. Dr. Thomaz Gomes dos Santos, nomeado em seu lugar, tomou posse do seu novo emprego no dia 27 deste mesmo mez.

B. E M.

VARIEDADE

Modo de dar ao estuque e obras de gesso a apparencia de marmore. — Afim de dar ao gesso o polido e a apparencia de marmore branco, derreter-se-á em agua quente um pouco de sabão branco, de maneira que não fique muito carregada, e com ella se dará uma demão na parede ou figura de gesso que se quizer polir, tendo cuidado em não fazer escuma na agua. Quando o gesso tiver bem embebido toda a humidade, e estiver bem sêcco, esfregar-se-á brandamente com um pano de linho fino. Este trabalho dará ao gesso um bello lustre e todas as apparencias do marmore branco.

(*Extr.*)



UM FAUNO VIVO

ANECDOTA DA VIDA DE COYSEVOX

por MOLÉRI (*).

Ha em Pariz uma rua chamada *Mazarina*, que desemboca, á margem esquerda do rio Sena, junto ao antigo Collegio Mazarino ou das *Quatro-nações*, hoje palacio do Instituto, ao qual está unida a primeira bibliotheca publica que houve em França, a *Bibliotheca Mazarina*, fundada pelo famoso cardeal que lhe deu o nome e que foi primeiro ministro no começo do reinado de Luiz XIV. Nessa rua viviam ignorados um do outro, em 1685 dois artistas de grande talento : um — escultor, o outro — musico.

O escultor era já uma celebridade. Decorára, em Saverne, (districto do departamento do Baixo-Rheno, na antiga Alsacia), o magnifico palacio do cardeal de Furstemberg; fizera o tumulo, geralmente admirado, do cardeal Mazarini; a mór parte das suas composições concorria para o ornamento dos paços reaes; era chanceller da Academia de pintura e de escultura (instituida por Luiz XIV em 1648): chamava-se Antonio Coysevox (**).

(*) O traductor, usando de alguma liberdade na versão, sem supprimir todavia um só dos pensamentos do autôr, acrescentou algumas particularidades e notas para maior esclarecimento do assumpto.

(**) Este artista, escultor e gravadôr, nasceu em Lyon em 1640. Foi discipulo de Lerambert. Falleceu em 1720, deixando, entre outras obras notaveis, além das que ficam mencionadas: os dois grupos de *Cavalllos alados*, que se vê á entrada principal do Jardim de *Tuileries*, o *Tocador de flauta* ou *Fauno flautista* (de que aqui se tracta), *Flora e Zéphiro*, e uma *Hamadryada*, os quaes se acham no mesmo jardim; os tumulos de Lebrun e de Colbert; alguns grupos nos palacios de Versalhes e de Marly, e os retratos de Lenôtre, Colbert e Lebrun.

O musico chamava-se Gabriel Desmares ; e, posto que haja elle sido o primeiro flauta da orchestra formada por Lulli para a organisação da Opera (1672), comtudo a historia não consagrou a menor pagina á sua memoria. E' o que succede aos musicos cujo talento se limita a tocar bem um instrumento : podem adquirir por certo, em sua vida, uma bellissima reputação ; mas, como nada deixam apoz si para trazel-os á lembrança da posteridade, raro é que seu nome lhes sobreviva.

As janellas de Gabriel ficavam justamente defronte das de Coysevox : entretanto, como este trabalhava quasi continuamente no seu gabinete, situado nos fundos da casa, resultava que os sons melodiosos da flauta de Gabriel chegavam tanto aos ouvidos do esculptor, como as martelladas deste aos daquelle. Não eram porém os ouvidos de Coysevox os unicos que havia em sua casa.

Tinha elle uma sobrinha, de quem era tutor. Dezasete annos, tez rubicunda, cabellos lustrosos como azeviche e uns olhos tão pretos como os cabellos, taes eram alguns dos attractivos de Marianna, aos quaes ajuntava ella uma inclinação decidida pela bõa musica. Accrescentemos que era esta pouco mais ou menos a unica distracção permittida á linda menina ; distracção ainda assim que só o acaso lhe deparára trazendo Gabriel para a sua visinhança. Porquanto, zeloso de cumprir convenientemente os seus deveres de tutor, Coysevox julgára que o mais seguro meio de ter sempre os olhos em sua pupilla era não consentir que esta sahisse sem elle. Ora, limitando-se as suas sahidias a um curto passeio ao jardim de *Tuileries*, nos domingos, quando fazia bom tempo, a pobre Marianna vivia assim uma verdadeira vida de reclusa. Alguns trabalhos de agulha, tres ou quatro palavras affectuosas de seu tio ao almoço e ao jantar, vagos castellos no ar que armava ajudada por uma criada velha de nome Nicolina : eis de que se compunha a sua pouco variada existencia.

Em caso tal, deve por ventura causar estranheza que ella addicionasse a isso, como supplemento, o prazer de escutar os sons tão doces e maviosos da flauta de Gabriel? Mal chegavam-lhe estes aos ouvidos, logo seus dedos deixavam cahir-lhe sobre os joelhos a agulha inactiva; seu olhar tornava-se fixo; ficava com a cabeça direita e immovel; sopeava a respiração, como si receiasse deixar escapar uma só das perolas dessa suave melodia. Algumas vezes mesmo, principalmente quando Nicolina ahi não estava, abalançava-se a abrir uma janella e a debruçar-se na sacada, imaginando encurtar assim summamente a distancia. Não que fosse Nicolina uma testemunha muito de temer: pelo contrario, difficil teria sido encontrar melhor pessoa, e mais cheia de dedicação por sua joven ama; Marianna porêem chegára sómente a esse ponto em que, julgando ter já alguma cousa que encobrir, nem-uma confidencia tinha ainda todavia que fazer.

Entretanto, como, no fim das contas, Nicolina não deixava de ter um certo espirito de observação (espirito de que são dotadas todas as velhas solteiras, sendo a questão sómente de mais ou de menos), dizia por vezes com os seus botões, ao andar de um lado para outro:

— Ora ahi está uma cousa bem exquisita! é sempre na occasião em que ouve tocar a flauta que a menina cessa de trabalhar; e ainda bem não viro as costas, já ella tem precisão de tomar ar!... Hum! hum! naquelle coração-zinho de um anjo ha cousa, e não ha de levar muito tempo que eu não saiba o que anda lá por dentro; quando um copo está muito cheio, ha de por força deitar por fóra; e em negocios de amor o coração de uma moça nunca tarda muito a encher-se.

O que Nicolina notára não havia escapado aos olhares de Gabriel. Por mais precauções que tomasse Marianna para abrir de mansinho a janella, nem por isso a bulha deixava de chegar aos ouvidos do moço musico; e, bem que não cessasse de tocar, comtudo não conservava os olhos por tal modo fixos

sobre a sua musica, que não podesse reconhecer cada dia á escuta a mesma cabeça tão graciosa e tão linda, quanto attenta.

Gabriel tambem não passou muito tempo sem sentir necessidade de tomar ar á sua janella, quando acabava de estudar algum pedaço; melhor disséramos « executar », pois, desde que havia descoberto um auditorio assiduo, tinha, para estudar, o cuidado de encerrar-se n'um repartimento afastado do seu aposento, e não tocava mais ao pé da janella sinão pedaços em que estava perfeitamente adestrado: e sabe Deus como elle applicava a isso todo o seu talento e toda a sua alma! — galanteio aliás muito natural.

Aconteceu muitas vezes acharem-se ao mesmo tempo encostados, cada um á sacada de sua janella, o nosso artista e sua encantadora ouvinte; mas não se afoutaram logo a encarar-se mutuamente: pareciam, pelo contrario, pôr toda a attenção, Gabriel em reconhecer no ar de que lado vinha o vento, e Marianna em contar na rua o numero dos raros individuos que a percorriam. No emtanto, um dia em que iam provavelmente trocar os papeis, seus olhos se encontraram em caminho, e houve a um tempo no coração de cada um como que a repercussão de uma centelha electrica. Marianna fez-se rubra como uma pitanga, e retirou-se precipitadamente: prometteu intimamente não commetter mais para o futuro semelhante imprudencia; mas a primeira cousa que lhe succedeu, no dia seguinte, foi faltar á sua palavra; sómente mostrou mais um pouco de animo em sustentar o olhar de Gabriel, e não fugiu como na vespera. Gabriel, por seu lado, para pôr termo a uma situação que ia se tornando embaraçosa, não achou melhor meio que o de aventurar uma respeitosa saudação, á qual Marianna julgou não poder, sem descortezia, dispensar-se de corresponder por uma profunda mesura: — estava passado o barranco.

Mas ahi começavam as grandes difficuldades da situação. Escrever? Gabriel não se atrevia: embargava-lh'o o receio de

expôr Marianna a scenas desagradaveis no interior de sua familia. Fallar? Debalde procurava ensino; Marianna só sahia ao domingo, e em companhia de seu tio. Não se pôde imaginar quantos projectos e combinações nasceram, em alguns dias, no cerebro de Gabriel. Devemos dizer, como historiador veridico, que Marianna tambem dava muitos tratos ao espirito para adivinhar o que faria esse moço que tocava tão bem flauta, que lhe dirigia tão bellas cortezias, e que olhava para ella tão ternamente.

Por uma particular coincidencia, Coysevox não andava menos preocupado que sua sobrinha, e o objecto da sua preocupação era igualmente um tocador de flauta.

Quem vae ao jardim de *Tuileries*, entre outras muitas estatuas e grupos de marmore e de bronze, admira, perto do palacio do mesmo nome, a alguns passos de distancia da grade de ferro que dá para a rua de Rivoli, a estatua de marmore que representa um fauno tocando flauta. Todas as faculdades de Coysevox estavam absorvidas na concepção dessa obra-prima. O illustre artista attingira essa maturidade de talento, esse grau de reputação em que a mão de um mestre nada mais deve deixar escapar que possa ser taxado de mediocre. Convencido desta necessidade, e além disso (o que é o essencial em um artista) entusiasta da sua arte, seguia á risca o preceito do seu contemporaneo Boileau :

Trabalhae vezes vinte em vossa obra,
E sem cessar cuidae de retocal-a (*).

(*) *Vingt fois sur le métier remettez votre ouvrage ;
Polissez-le sans cesse et le repolissez....*

ART POËTIQUE, *Chant I.*

E' pouco mais ou menos o mesmo preceito que ensina, em sua *Arte poetica*, Horacio, a quem Boileau muito imitou :

..... reprehendite, quod non
*Multa dies, et multa litura coercuit, atque
Præsectum decies non castigavit ad unguem.*

Mais severo para comsigo proprio do que o houveram sido os mais exigentes Aristarcos, desfazia muitas vezes no dia seguinte o que na vespera fizera: ora a attitude inteira do fauno parecia-lhe carecer de graciosa negligencia e de naturalidade; ora queria dar a um braço, a uma perna uma postura mais verdadeira, um meneio mais brando. Mas o que sobretudo o desesperava era a cabeça. Chegaria elle algum dia a fazer com que esse fauno assoprasse a flauta sem exaggeração no movimento dos musculos nem no bojar das bochechas? Era esse todavia o problema cuja solução cumpria achar; e devemos dizer que, quanto mais Coysevox adiantava no seu trabalho, tanto mais lhe parecia o exito afastar-se. Todos os seus esforços até então não tinham alcançado a produzir mais do que uma caricatura.

Os culpados disto eram principalmente os modelos de que se servia. Estes sujeitos que tinham por profissão executar posições, e não o tocar algum instrumento, davam prova uns apoz outros do mais mortificante desazo: além de pegarem na flauta com rigidez e em contrario dos principios mais elementares, bonito era vê-los reunir toda a força de seus pulmões para soprarem de maneira que ficavam carmesins e com os olhos saltando-lhes da cara. Coysevox não sabia mais para onde se voltasse quanto a modelos. De manhan ao levantar-se, de noite ao deitar-se, e principalmente durante as refeições, em presença de sua sobrinha que pensava em cousa muito diversa, e de sua criada que ingenuamente se mettia de parceria em sua afflicção, desfazia-se em lamentações, no meio das quaes vinha sempre esta frase:

— Com a fortuna! a primeira condição para exercer a profissão de modelo devia ser o saber tocar flauta!

Tal era a disposição dos animos dos nossos diversos personagens no dia em que sobreveiu o incidente que faz o objecto da nossa narração.

Nesse dia, pela manhan, um observador que se collocasse na rua Mazarina, entre a casa do esculptor e a do musico, teria podido notar a mesma successão de factos, de movimentos e de gestos que tinham invariavelmente lugar desde mais de um mez. Abriram-se duas janellas ; depois souu uma arrebatadôra melodia que, supposto se dirigisse ao seu destino especial, encantava generosamente os ouvidos que encontrava em sua passagem ; depois ás duas janellas appareceram Marianna e Gabriel ; depois fizeram a saudação e a mesura do costume.

Marianna tinha na mão um ramallete de rosas, no qual seu olhar, quando não estava occupado em outra parte, parecia entregar-se a um minucioso estudo de botanica. Subito escapa-lhe o ramallete e cae á rua. Fôra a vontade da moça completamente estranha a este accidente ? Não ousariamos jural-o. O certo é que Gabriel não gastou mais tempo em descer do que o ramallete em cahir. De posse do precioso thesouro, tornou a subir ao seu aposento com a rapidez do relampago, reapareceu á janella e poz-se a cobrir de beijos as rosas que Marianna havia apertado em sua mão e que conservavam ainda uns restos de calor que lhes ella communicára. Mas toda assustada da interpretação que não podia-se deixar de dar á sua inadvertencia, a sobrinha de Coysevox havia já desaparecido.

Depois de ter sufficientemente contemplado, admirado e beijado o ramallete, Gabriel poz-se a reflectir. Uma idéia arrojada passou-lhe repentinamente pela cabeça, ao vêr o esculptor sahir de casa, seguir pela rua Mazarina e encaminhar-se para o lado do cães.

Não era conforme aos habitos de Coysevox o abandonar tão cedo o seu trabalho para dar-se ao exercicio do passeio. Mas, tendo se levantado com o dia, e se encerrado sózinho com o seu fauno, em seu gabinete, onde sem o adjutorio de modelo algum, se entregára ao trabalho mais encarniçado,

resolvido a não largar a partida antes de conseguir vencer a dificuldade; uma especie de febre se apoderára de seu cerebro, e o cinzel, na sua mão agitada por um tremor nervoso, não tinha mais firmeza nem precisão. Nestas circumstancias viu-se pouco tempo depois obrigado a tomar alguns minutos de desafôgo; por isso ia respirar um pouco de ar fresco á margem do Sena.

A velha Nicolina, que nunca vira sahir seu amo a semelhante hora, não tinha ainda voltado a si da sua surpresa, quando tres pancadinhas bem timidamente dadas a chamaram á porta. Abrindo-a, achou-se cara a cara com Gabriel, cuja entrada malgeitosa e ar atado indicavam superabundantemente que elle considerava a sua presença ahí como uma temeridade inaudita.

Foi isto um novo objecto de admiração para Nicolina, que logo reconheceu o visinho flautista.

— Por quem procura o Sr. ?

Gabriel mostrou o ramalhete de rosas que sabemos, e balbuciou :

— Aqui estão umas flôres que... que... de que...

— O Sr. está equivocado, sem duvida nem-uma; aqui não se costuma receber ramalhetes.

— Ora! meu Deus! replicou Gabriel algum tanto socegado pelo ar de bondade diffundido na physionomia da velha, e que desmentia a sequidão affectada de suas palavras; não é uma offerta que venho fazer, é uma restituição.

— Uma restituição!

— Sim; sua ama, estando a um instantinho á janella, deixou por descuido cahir estas flôres, e...

— Ah! já entendo: o Sr. desceu a toda pressa para apanhal-as; e, pelos geitos, como estava impaciente por entregal-as á minha ama, não deixou de esperar que meu amo houvesse sahido.

O sorriso que acompanhava esta reflexão nada tinha de desanimadôr. Gabriel pôz as mãos a modo de supplica, sem atrever-se a dar resposta alguma.

Nicolina comprehendeu esta prece muda.

— Ora vamos! disse sorrindo, tambem não tenho lá tão mau coração, que tire toda a esperança a um amôr que seja honesto e sincero...

Gabriel escapou de afogar a velha abraçando-a.

Neste momento ouviram bulha de chave na fechadura.

— Jesus, Maria! exclamou Nicolina: é o amo que ahí vem!

— Onde me esconderei?

— Já não ha mais tempo.

Os nossos tres personagens olharam uns para os outros por alguns segundos sem dizer palavra: Coysevox surpêso á vista desse mancebo cujo rosto lhe era desconhecido; Gabriel aguardando um interrogatorio cujo resultado lhe parecia pouco tranquillizador; Nicolina occupada em imaginar algum meio de arredar o perigo.

Coysevox rompeu o silencio:

— Posso saber que motivo o traz á minha casa, Sr.?

Gabriel fez uma inclinação profundissima e com todo o vagar, para ter tempo de achar uma resposta.

A imaginação porém de Nicolina foi bastante prompta para livral-o deste aperto.

— Por vida minha, meu amo, o motivo estou que lhe não ha de desagradar: vae já para 15 dias que lhe ouço de continuo dizer: « Quem me dará a satisfação de ter um modelo que toque flauta? » Pois, meu amo, essa satisfação Vm. m'a deve, aqui a tem.

— O que! pois o Sr....

— E' um moço pobre que anda á procura de um modo de vida, e que me pediram lhe recommendasse; como elle entende de flauta nem mais nem menos do que um verda-

deiro musico, propuz-lhe que servisse a Vm. de modelo, e estava elle a ponto de acceitar, quando Vm. chegou.

Gabriel fez com a cabeça um gesto affirmativo : nem-uma vontade tinha por certo de desmentir Nicolina ; além de tiral-o de um grande perigo, facultava-lhe ella assim, e provavelmente por mais de uma vez, entrada na casa.

— Com a fortuna ! Nicolina, exclamou Coysevox, que bôa lembrança que tiveste, minha filha !... Com quê, o meu amigo sabe tocar flauta e procura aproveitar os seus momentos !... Pois tomo-o por hoje, por ámanhan, por oito dias ; hei de empregal-o em todas as occasiões, e de preferencia a qualquer outro ; hei de ainda fazer mais : hei de recomendar-o aos meus collegas ; em fim, ha de ficar tão contente comigo, como eu espero ficar com o Sr. E' negocio assentado ?

— Estou ás snas ordens, respondeu Gabriel.

— Devéras !... Pois então comecemos immediatamente. Sentia-me um pouco fatigado, desanimado ; mas a sua vinda pôz-me novamente de veia : acompanhe-me.

Gabriel não deixou repetir o convite : ia talvez achar-se em presença daquella que anhelava vêr e que lhe havia de agradecer sem duvida alguma o papel que elle se resignava a acceitar para chegar até junto della.

Esperança mallograda ! Ninguem no gabinete de escultura ! Sómente algumas estatuas em esboço, entre as quaes o famoso fauno tocando flauta, e a um canto dois ou tres pedaços de marmore bruto aguardando, para tomarem fórma, um capricho da imaginação do dono.

— Nicolina não ha de deixar de avisal-a, pensou Gabriel ; e, si meu coração e meus olhos não me têm até hoje illudido, ella ha de vir.

Ao tempo que fazia esta consoladôra reflexão, assentava-se em um escabello que lhe chegára Coysevox, no meio do gabinete.

Depois, havendo-lhe este entregado uma flauta que vinte modelos já tinham tido entre as mãos, mas que nem um sonbera fazer *cantar*, o esculptor, com o martello em uma mão e o cinzel na outra, em pé junto do fauno, soltou um grito de alegria, só de vêr a maneira por que Gabriel pegava no instrumento e o levava aos labios.

— Com a fortuna! sou um homem resuscitado! Em companhia um do outro, a menos que haja nisto alguma arte do diabo, havemos de fazer uma obra-prima!

E depois de ter dado ao seu docil modelo algumas ultimas instrucções, disse-lhe com voz solemne, com um verdadeiro gesto de chefe de orchestra:

— Toque!

Gabriel obedeceu. Encetou por uma aria da opera *Alceste*.

— *Bella musica!* disse Coysevox. *E'* do nosso amigo Lulli.

Mas o que mais vivamente impressionava o nosso artista nesse momento não era a belleza da musica, era, sim, a realização do seu sonho, o cumprimento de tantos desejos: tinha em fim a propria natureza por modelo!

— Perfeitamente! muito bem! torne a começar! vá sempre por diante!

Sob o influxo de uma viva super-excitação, sentia a cada instante crescer-lhe a inspiração; o que bem mostrava pelo scintillar dos olhos, pela rapidez do cinzel que parecia esvoaçar sobre o marmore.

Quanto ao olhar de Gabriel, debalde permanecia invariavelmente voltado para o lado da porta: nem uma figura de mulher apparecia no limiar, nem se ouvia o mais leve roçar de vestido ao longo do corredor. O nosso musico começava a lastimar-se interiormente da lentidão do tempo e do constrangimento da sua attitude. Depois de haver tocado tres vezes a grande aria de *Alceste*, parou para tomar folego.

Coysevox lhe não deixou por muito tempo esta compensação.

— Pelo amor de Deus, meu amigo, não deixemos resfriar o fogo sagrado ! Continúe ! vá sempre por diante !

Gabriel começou uma aria de *Acis e Galathéa*.

— Magnífico, na verdade ! Ainda é de Lulli. Com a fortuna ! meu rapaz, com o auxilio de Deus e com o seu, hei de ser tão grande esculptor, quão grande musico é Lulli.

E o cinzel de Coysevox não cessava de arranhar o marmore, e a cabeça do fauno parecia ganhar vida sob o encanto dessa musica deliciosa.

Apoz *Acis e Galathéa*, foi a vez de *Proserpina* ; depois vieram *Bellerophonte*, *Perseu*, *Phaetonte*. Todas as operas de Lulli iam passar por ahí umas atraz das outras.

Gabriel com temôr via que a sessão ameaçava prolongar-se indefinidamente ; mas desamparar uma partida tão bem travada, arriscar-se a perdê-la, talvez para sempre ! Antes morrer que encalhar assim vergonhosamente no momento de aportar ! Resolvido pois a cumprir até ao fim o seu papel de modelo, continuou a soprar na flauta com o mesmo encarniçamento que o esculptor empregava em fazer esvoaçar o cinzel. Sómente, para ter vigôr e halito, engenhava-se em embalar o espirito com as mais doces imagens, com os sonhos mais animadores.

Ai do moço ! tinham já decorrido os dois terços do dia, sem que o mais modesto dos seus sonhos tivesse tomado as apparencias da realidade ; e nada presagiava que Marianna houvesse de tornar-se visivel. A que accesso de despeito não se houvêra elle entregue, si tivesse sabido que, uma vez fechado no seu gabinete, Coysevox não permittia a pessoa alguma, nem mesmo a sua sobrinha, que viesse, interrompendo-o, distrahir-o do seu trabalho !

Já os pulmões do pobre Gabriel começavam a pedir misericórdia. — Seis horas de exercício forçado de flauta! E não estava no fim! Si o som vinha morrer-lhe nos labios fatigados, logo Coysevox, com o olhar ardente, bradava-lhe em voz desapiedada :

— Mais um bocado, meu rapaz! Animo! Tres *luzes*, si fôr preciso, por esta sessão!... Eia! vá tocando sempre!

O infatigavel estro do esculptor devorou ainda tres operas de Lulli: *Psyche*, *Amadis*, e *Rolando*.

Decorre uma setima hora. Subito os sons prodigiosamente enfraquecidos da flauta extinguem-se de todo ao estrugir de uma jubilosa exclamação. E' Coysevox que se arroja para a porta da officina e grita com voz retumbante :

— Minha sobrinha! Nicolina! Venham cá depressa!

Impossivel é descrever o effeito electrico que estas palavras produziram em Gabriel. De um pulo, atira-se do escabello para o lado direito do esculptor; mas este olha para elle com ar tão embasbacado, que o moço, todo confuso e com os olhos baixos, vae retomar o seu lugar e sua attitude de flautista.

O que prova que Marianna não estava muito longe é que, apenas chamada, appareceu acompanhada da velha Nicolina.

No primeiro transporte de alegria e de gratidão por aquella que lhe proporcionára o seu precioso modelo, Coysevox abraça a criada reiteradas vezes, por felicidade de Marianna e de Gabriel, aos quaes isso dá tempo de tornarem a si da emoção.

— Vem cá, olha, Nicolina! olha tu tambem, Marianna! Então! que é dessa figura grotesca, ridicula, que ainda hontem me desesperava? Não a vêem mais, não é assim? Ah! com a fortuna! eu bem sabia que com um modelo como este havia de fazer uma obra primorosa! vejam! que postura natural, e como toca bem flauta o meu fauno!

Mas, depois de alguns instantes de minucioso exame, tornou :

— Ainda falta alguma cousita a esta face para ficar perfeita ; duas ou tres cinzeladas bastam... Esperem vossês, esperem ! — Meu rapaz um derradeiro esforço. Continúe a tocar !

O que experimentava Anteu de cada vez que batia em terra, acabava Gabriel de experimentar á vista de Marianna : recobrára as forças (*)

Docil portanto ao mando de Coysevox, prepara-se para executar um novo pedaço. Na emergencia em que se acha, é-lhe vedada a linguagem ordinaria para exprimir o seu amor : chama em seu soccorro a musica : é na lingua musical que vae fallar ao coração de Marianna ; e, para que ella não possa enganar-se, escolhe a aria mais terna, mais apaixonada da opera *Armida*.

Nunca, nem ainda sob o encanto dos applausos do publico, tocára Gabriel com tanto calôr, com tão pathetica sensibilidade ; nunca tão bem *cantára* : sua alma passára-lhe toda para os labios.

Coysevox deu a sua derradeira cinzelada ; mas Gabriel não adverte e vae continuando. Não é mais elle quem toca, é seu amor — e o amor é inexaurivel, principalmente quando revela o seu segredo de ha muito comprimido.

Marianna, com os olhos fitos em Gabriel, escuta com enlevo essa eloquente e mysteriosa linguagem. Nicolina sente agitar-se-lhe o coração, e as lagrimas de enternecimento que lhe correm pelas faces abaixo attestam que não *ficou para tia* por insensibilidade. Coysevox mesmo, cuja attenção se desvia

(*) Anteu, gigante fabuloso, filho de Neptuno e da Terra, assassinava todos os que encontrava, para cumprir um voto que fizera de erigir a seu pae um templo com craneos humanos. Hercules, querendo dar cabo do desalmado, arcou com elle e por tres vezes prostrou-o ; mas de cada vez levantava-se o gigante de novo prompto para a luta, porque a Terra, sua mãe, lhe restituia as forças, logo que elle lhe tocava : do que dando Hercules fé, ergueu-o e suffocou-o nos braços.

pouco a pouco da sua obra, aliás terminada, parece ceder a uma especie de influencia magnetica ; suas mãos deixam cair para o lado o cinzel e o martello ; faz-se immovel, olhar fixo, labios semi-abertos : está como em extase.

Apenas expira a derradeira nota, exclama com transporte :

— Admiravel ! maravilhoso ! sublime ! E tu queres ser modelo, meu rapaz ? Tu ! ora vamos ! tu és artista, e artista de mão cheia ! Lulli teria orgulho de contar-te no numero dos seus musicos ! Pois não ! e agora me lembro : Lulli é meu amigo ; depois do serviço que acabas de prestar-me, podes ficar certo de que não ha de ser fraca a recommendação que fizer em teu favôr. Queres que lhe fale a teu respeito ?

O enthusiasmo de Coysevox arrasta Gabriel, que responde :

— Ah ! Sr., apresentando-me em sua casa, confesso que foi com a ambição de uma recompensa muito differente...

Mas estaca : encontrára o olhar assustado de Marianna e de Nicolina. Obedece á voz da prudencia que lhe aconselha seja um pouco menos apressado.

No entanto Coysevox, que tomára aquellas palavras em outro sentido, com grande detrimento da estima que já por Gabriel havia concebido, diz abanando com a cabeça :

— E' justo ; o promettido é devido.

E dirigindo-se para uma pequena papeleira, abre uma gaveta cheia de *luizes*, e toma tres (*), resmoneando :

(*) O *luiz* era uma moeda de ouro de 24 libras (cêrca de 24 francos.) Depois do decreto de 7 de abril de 1795 18 de *germinal* anno III, da Republica Franceza) que estabeleceu a uniformidade dos pesos, medidas e moedas segundo o *systema decimal*, não se cunhou mais moedas desse valor, e começou-se a cunhar as de 20 francos. São estas as que hoje subsistem, tendo vulgarmente a denominação de *luizes*, ou, menos communmente, a de *napoleões*, pela qual eram conhecidas no tempo de Napoleão I. ... Tres *luizes*, que andam no nosso dinheiro por mais de 25\$000, e que seriam hoje um suberbo achado para qualquer modelo pela tarefa de um dia, deviam ser naquelle tempo um thesouro para um individuo da mesma condição.

— E' possível com tão bello talento ter tão pouca elevação d'alma !

Ao virar-se fazendo esta reflexão pouco lisongeira para Gabriel, vê erguer-se com precipitação a cabeça do mancebo e retirar-se com vivacidade não menor a mão da moça. Este movimento é para elle uma revelação completa.

Fingindo nada ter percebido, vae direito a Gabriel e apresenta-lhe as tres moedas. Este faz signal negativo.

— Estou pago demais, Sr., com o prazer de ter podido ser-lhe util.

Mas Coysevox, endireitando-se com ar de dignidade offendida, replica :

— Que quer dizer isto, Sr. ?

E sua mão, na qual estão as tres moedas de ouro, conserva-se pertinazmente estendida para Gabriel.

Marianna, que, pelo olhar severo do tio, comprehende que elle adivinhou tudo, sente-se quasi desfallecer. Nicolina, por sua parte, começa a não estar muito a seu gosto.

— Tome, Sr. ! então ? tome ! Não estou acostumado a ser servido de graça.

Si a idéia de um pagamento tivesse vindo ao espirito de Gabriel, não teria de certo annuido a representar o papel de modelo.

— Nunca ! responde elle.

E seu brio indignado faz-lhe empurrar a mão do esculptor com força, de tal sorte que as moedas lhe escapam e rolam pelo chão.

Foi nesse momento um quadro curioso o dessas quatro personagens.

Apoz alguns instantes desse silencio que precede ordinariamente as grandes explosões, Coysevox vae travar de Ma-

rianna pela mão, aproxima-se ao depois gravemente de Gabriel, e exclama :

— Não se ha de dizer todavia, meu rapaz, que eu fico teu devedor. Já que não queres os meus tres luizes, com a fortuna ! então tona minha sobrinha !

Não descreveremos a scena que se seguiu ; cada qual póde imaginal-a. Diremos sómente que o pagamento de Coysevox foi, quinze dias depois, ratificado ante o altar pelo parcho de S. Germano-dos-Prados.

JACY MONTEIRO.



CHRONICA ARTISTICA

No dia 9 de setembro, pelas 7 horas da tarde, em uma das salas do edificio do Museu Nacional que se havia preparado com toda a decencia, e perante um luzido auditorio em que se contavam algumas senhoras, teve lugar em sessão publica, como haviamos noticiado no 3.^o n.^o desta revista, a execução das variações de rabeca que, sobre motivos da opera *Lucrecia Borgia*, o Sr. Francelino Domingos de Moura Pessoa, regente da orchestra do theatro de S. Januario e professor na do theatro lyrico, havia offerecido e dedicado á nossa sociedade.

A sessão, que foi presidida pelo Sr. Conselheiro d'Estado Euzebio de Queirós, começou por um discurso do Sr. Bittencourt da Silva, 1.^o secretario, demonstrando a utilidade, importancia e estima da musica em todos os tempos. Finda a leitura desse trabalho, o mesmo Sr. dirigiu ao habil artista as seguintes palavras :

« Sr. Francelino. — Si não é ainda satisfactorio e enthu-siastico o acolhimento que o publico dá aos homens que, como vós, sentem dentro em si aquelle fogo sagrado que faz os grandes artistas, é contudo agradavel e lisongeiro ver reunida por um sentimento nobre, qual é o de admirar e applaudir o verdadeiro talento, uma grande parte daquelles homens que, aprazendo-se em applaudir os esforços dos verdadeiros genios, vieram hoje aqui sómente para apreciar o vosso merecimento.

« Alegrai-vos! a aurora daquelle dia augusto em que as artes hão de lançar seu grito de emancipação nesta terra abençoada, parece despontar; e vós que vindes saudar esse desejado alvorecer, sois digno da estima e da consideração de vossos concidadãos.

« O caminho da gloria é demasiado ingreme e pedregoso; a coragem e a perseverança porém vencem todos os obstaculos, e vós que possuís estas bellas qualidades, não desfallecereis por certo na inacção e na indifferença.

« Quanto a mim, assim o espero; pois que não vos falta talento e dedicação para a arte, e o talento é como a alavanca que Archimedes sonhava para abalar o mundo!

« Avante pois! e esta sociedade a quem honrastes com a vossa offerta e que vos preza como um propugnador das suas idéias, mais tarde vos abraçará coroando-vos com aquelle laurel honroso que os Romanos reservavam para os seus genios; e nesse dia solemne a mocidade que hoje vos escuta attenta, gravará cheia de ufania o vosso nome na historia das artes no Brazil. »

Executadas na rabeça pelo Sr. Francelino as variações da *Lucrecia Borgia*, e as do *Carnaval de Veneza*, o Sr. José de Souza Lobo, que o acompanhára ao piano, executou neste instrumento umas variações sobre um thema do *Trovador*. Terminadas estas variações, o Sr. Presidente da Sociedade, dirigiu ao Sr. Francellino uma breve allocução, cheia de palavras de louvor e animação, e agradeceu-lhe a offerta que tão espontaneamente havia feito á nossa sociedade, entregando-lhe nesta occasião um ramallete de flores, como simples demonstração do reconhecimento de que se achava possuida para com elle a Sociedade Propagadora das Bellas-Artes.

*

O mestre G. Paccini, da Italia, compoz e dedicou a S. M. o Imperador uma opera em 3 actos e prologo, com o

titulo de *Nicoló dei Lapi*. A' Sra. Rosina Laborde, primeira dama do Theatro-lyrico italiano, aqui chegada a 9 de julho deste anno, mas que só estreiou a 4 de setembro, fôra por S. M. I. concedida a faculdade de levar á scena em seu beneficio aquella opera. Este espectáculo porêem não pôde ter lugar e foi representada no dicto beneficio uma das peças do repertorio, porque se acha rescindido o contracto feito com essa Sra. — Qual o motivo desta rescisão? Não se explica; mas pôde-se bem suppô-lo.

A Sra. Laborde possúe uma voz de soprano fraca e curtissima. Verdade é que sabe mui bem usar dessa pequenina voz, fazendo com ella como os beija-flores com as azas, isto é, movimentos rapidissimos: vocaliza perfeitamente; mas não passa de um canario: é antes apta para o genero chamado *ligeiro*, e teria melhor cabida em um theatro de opera-comica. Nem em Pariz passava a Sra. Laborde por uma primeira cantôra absoluta, posto que estivesse (o que pouco ou nada significa) no Theatro da Opera, onde a ouvimos; quasi della se não fallava, e, quando se tractava de cantôras como a Bosio, a Penco, e ainda a Cruvelli, a Frezzolini, a Tedesco e outras, calava-se o nome da Sra. Laborde que ficava eclipsado. Não é unicamente fazendo difficuldades, ligeirezas, garganteios e variações com uma voz limitada que se pôde ter jus ao titulo que essa Sra. se arrogou ou que lhe attribuiram: é uma bôa cantôra, no seu genero; mas de modo nem um primeira dama absoluta. — Depois a Sra. Laborde nada tem de actriz: um lindo e gracioso sorriso-zinho lhe paira continuamente nos labios; mas isto não é bastante. — Assim, não parece provado que essa Sra. não agradou, ao menos como primeira dama absoluta, e não haverá no que dicto fica motivo sufficiente para a rescisão do seu contracto?...

Fallamos aqui com toda a independencia; não ha em nós a minima indisposição contra a Sra. Laborde: apenas a conhecemos de vê-la e ouvil-a no theatro, e não fazemos mais

do que enunciar a nossa opinião, que é também a opinião geral.

Como consta que o Theatro-lyrico italiano vae fechar-se no corrente mez de dezembro, para ser concertado, e que não se abrirá de novo sinão talvez para março do auno vindouro, é este um ensejo favoravel á rescisão do contracto, por não deixar muita margem a commentos.

*

O paquete inglez *Tyne*, entrado a 8 de novembro proximo passado, trouxe a seu bordo o Sr. Carlos Fontana, pintôr scenographo italiano, que, segundo corre, é habil na sua profissão e que veiu tomar conta dos trabalhos do Theatro-lyrico italiano na parte que lhe diz respeito. — O Sr. Fontana foi logo encarregado de pintar uma das scenas do *Trovador*, representando um claustro, assim como o scenario de uma cantata dedicada a S. M. o Imperador, a qual foi executada no dia 2 de dezembro e cuja musica nos consta ser do mestre Paccini. Este scenario é composto de duas vistas — uma de gruta, e outra do Olympo. Neste trabalho foi o artista italiano coadjuvado pelo Sr. Lopes de Barros Cabral.

A vinda do Sr. Fontana nos suggere uma observação — Como elle, muitos pintores scenographos têm vindo a esta capital, contractados pelas differentes directorias do nosso theatro lyrico italiano. Desses nem todos chegaram a manifestar o seu talento, sendo alguns arrebatados intempestivamente pela morte; dos que o fizeram, poucos corresponderam á expectação publica. Ora, talvez não fosse necessario mandar vir da Europa pintores desse genero, si quizessem aqui aproveitar devidamente os que temos, — já pagando-lhes tão justamente como aos que se manda buscar — já dando-lhes o tempo necessario para a promptificação de seus trabalhos, não se exíngindo delles, como quasi sempre tem succedido, scenas sacrificadas á brevidade do prazo que se lhes concede, e pelo que

até muitas vezes se lhes paga maior quantia — já facultando-lhes os meios materiaes precisos para a execução dos scenarios — já enfim outorgando-lhes as garantias e a consideração que devem ter ; tudo isto conforme se tem praticado com os que têm vindo de fóra contractados. Entende-se porêem ainda, e em muitos casos erradamente, que o trabalho artistico estrangeiro merece muito mais que o do paiz (sem que entretanto, quando assim é, seja este de alguma fôrma auxiliado para attingir a perfeição daquelle) ; e o resultado o mais das vezes é despender-se muito dinheiro e permanecermos á mercê dos artistas estranhos, que fazem certas exigencias fundados nas isenções e regalias de que os munem os contractos.

Para provarmos que temos artistas capazes e que bem podiamos passar sem mais esse tributo, bastar-nos-ia citar o nome de alguns daquelles com quem as nossas empresas theatraes se têm quasi sempre achado, que têm acudido ás necessidades de momento, e que, finalmente, quando lhes hão sido outorgadas algumas das faculdades que acima mencionámos e que são requeridas para o cabal desempenho de obras semelhantes, têm apresentado trabalhos que não desmerecem dos executados pelos melhores artistas que tem se mandado contractar na Europa. Contentar-nos-emos com lembrar, entre outros, os Srs. Lopes de Barros, Agostinho da Motta, J. Caetano Ribeiro, e Silva Freitas.

Demais, quando isso não bastasse, quando se receiasse que não podessem os nossos artistas estar a par dos conhecimentos mais adiantados da arte scenographica, pensamos que, si uma das directorias do Theatro-lyrico ou o governo se resolvesse a mandar á Europa um dos nossos artistas mais habilitados e dedicados a esse genero de pintura, para, ainda que não fosse sinão durante um anno, vêr e apreciar os progressos da scenographia, estudar especialmente os seus melhores processos nos principaes theatros de Pariz, da Italia e da Allemanha, colher-se-ia certamente mais proveitosos e mais duraveis resul-

tados. Teríamos assim um artista que, á volta da sua viagem, fixaria aqui sua residencia, o que não acontece com os outros contractados, os quaes vêm temporariamente ; e esta despeza da viagem seria muito bem e depressa compensada, não só pelos conhecimentos que viria diffundir e pelo incremento que podia trazer á arte e ao gosto, como ainda pelo contracto mais vantajoso que se faria com um artista nessas circumstancias do que com qualquer artista estrangeiro, que de ordinario não busca nossas plagas sinão movido pela perspectiva de lucros que talvez não alcançaria na sua patria. Entretanto nada se ha feito — não sabemos o que se fará — e quiçá continuarão as cousas ainda por muito tempo no *statu quo*, com grave prejuizo da arte nacional.

*

Consta-nos que se procede á medição e ao levantamento da planta do terreno pertencente ás religiosas da Ajuda, comprehendido entre a rua da Ajuda e a dos Barbonos, afim de ser posto á venda. — Aquelle terreno póde e deve servir para algum edificio ou logradouro publico (menos para palacio da Assembléia geral legislativa, como por ahi correu ; o que para diante teremos occasião de mostrar que é inconveniente). O governo deve pois olhar bem por isso, para que não aconteça, por exemplo, como aconteceu com o terreno dos religiosos de Santo Antonio, que o governo deixou vender a particulares, para depois compral-o pelo quadruplo do que o dicto terreno custára áquelles, entregando-o afinal ás moscas, como jaz, servindo de asilo a toda a casta de immundicie e de immoralidade — estado em que parece permanecerá até ás calendas gregas, como tantas outras cousas e obras.

*

Temos notado que ha nesta nossa bôa terra um gosto muito pronunciado pelo *chapéu armado*. — Não vão por ahi pensar, nem de leve, que queremos intrometter-nos com o

chapéu militar, assim denominado, que faz andar á roda tanta cabeça de moça « mimosa e bella », ou com o chapéu de dois bicos com que se ornã algumas outras classes de funcionarios, e que faz muita gente anhelar certas posições para usar delle a bel-prazer ; nem tão pouco que nos referimos áquelle gostinho de *comer á custa da barba longa* ou de receber objectos sem despeza, que se diz vulgarmente — *de chapéu armado*. Não ; aqui tracta-se de um chapéu armado de outra especie.

Na parte superior da frontaria de um edificio, quando não se quer empregar a corriqueira beirada, usa-se de uma peça chamada *empena*, que é triangular, segundo a fórma natural do telhado com as vertentes para os dois lados. — Si, em lugar do telhado, ha um terraço ou quer-se fingir que o ha, emprega-se, em lugar da empena, o acroterio, faixa ou balaustrada (*plate-bande* dos Francezes). — Nos casos em que ha um corpo central e corpos lateraes mais ou menos extensos, é uso applicar a empena ao corpo medio e correr uma faixa ou balaustrada por cada lado.

Quando o gosto se estragou, e veiu a architectura appellada *barrôca* substituir a bella e regular architectura, começou-se a adoptar empenas arredondadas, e até com mais de uma curvatura. — Entre nós, sem duvida pela apuração do gosto, pelo principio da belleza das fórmas rotundas (que, na realidade, convêm monstruosamente ao nosso cazo); aprecia-se e admite-se mais geralmente a empena curvilinea e a pluri-curvilinea. — Aqui é que está o *chapéu armado* !

Mas, não se contentando com isto, os nossos proprietarios, ou os constructores vão além, e collocam na fachada das casas, não só o acroterio, como, sobreposta a este, uma empena arredondada ou rectilinea, e ainda sobre esta, para coroar a obra, algum globo ou vaso ! Isto se observa por ahi em grande numero de edificios, principalmente de construcção moderna — o que denota a progressão do bom gosto, e o

quanto a architectura é no nosso paiz cada dia mais cultivada, estimada, respeitada... De tal arte que as casas ostentam a frente *elegante* coberta com barrete e chapéu, como os individuos achacados ou melindrosos que hão medo de constipar-se! — Entre os immensos exemplos espalhados nesta muito leal e heroica cidade, merecem menção algumas casas da praça da Constituição — a *bem ordenada* praça que ha de no futuro receber e *fazer honra* á estatua do Fundadôr do Imperio!... O modelo porêm, mais magnifico talvez, de cocurutos desse genero, o mais glorioso cumulo de similhante formosura, acaba de patentear-se na rua dos Barbonos, n.º 13.

Sabe-se que alli existe uma capella, com feições de oratorio de crianças, e uma casa conhecida pelo nome de *Hospicio de Jerusalém*, onde residem uns homens ou antes uns monges, que se denominam *Padres da Terra-santa*, os quaes alli vivem vida santa e milagrosa, como toda essa casta, sua proxima affim, que escolheu os nossos mais bellos e pittorescos sitios para morada, e que ainda hoje subsiste na nossa cidade e em outras do Imperio, como verdadeiras parasitas da humanidade. Esses varões conspicuos, sapientissimos, caritativos e sobretudo laboriosos (como todos os outros seus iguaes, salvo rarissimas e honrosas excepções — *rari nantes in gurgite vasto*); esses dedicados pastôres das ovelhas catholicas e não catholicas, lembraram-se, no seu entusiasmo sagrado, de suspender um par de sinos por cima de suas veneraveis corôas, para de quando em quando recordarem-lhes *as longas horas de cansadas lidás*, e despertarem o resto da humanidade do longo e aturado torpôr. Para este fim, sobre o telhado, á frente daquella mansão de paz e de amôr, onde, bem como em todas as outras similhantes que neste Imperio abundam, podia-se inscrever aquellas famosas palavras do Cysne de Mantua: — DEUS NOBIS HÆC OTIA FECIT! — mandaram elles ultimamente, de certo segundo o plano de algum frade que sonha com a mitra ou a tiára, construir, pelo famigerado molde de *chapéu*

armado, uma especie de pomal com pretenções de campanario, coroadado com uma bandeirola á guisa de pennacho. Isto regozija a vista e edifica os corações piedosos!

Entretanto, a nossa Camara Municipal tem, segundo crêmos, uma postura que prohibe (pensamos que com o fito de *não deixar mais* afeiar a cidade) a construcção de sotãos, trapeiras ou aguas-furtadas á frente da rua: como não se lembrou nessa occasião de impedir que quem não tem dragonas não tivesse *chapéu armado*?

Aos engenheiros da Camara, ao director das obras do municipio-neutro — já que não ha um architecto da cidade — não compete pôr um embaraço a essas e outras construcções absurdas que por ahí vão pullulando como um andaço? —
Dicant Vereatores.

M.



Bellas = Artes

O EGYPTO

E' sempre nas proximidades dos grandes rios que as populações se grupam e se desenvolvem primeiro : a agua é o mais poderoso elemento de nutrição ; sem ella a vegetação não póde existir ; a aridez, a dessolação estendem sobre os campos a sua mortalha fatal. Ainda ha pouco nas margens do Mississipi se formou, para assim dizer, espontaneamente, uma nação nova ; cidades formosas, jardins perfumados, um commercio vastissimo, vias de comunicação admiraveis, tudo germinou, tudo se desenvolveu pela influencia de um rio navegavel e fertilizador.

Um povo antigo dotado de civilização vigorosa e de uma constituição persistente, que occupa um dos lugares mais eminentes na historia do Oriente, teve uma origem semelhante : o Egypto nasceu do Nilo ; a sua historia está escripta nas margens deste rio famoso.

O Nilo, partindo da serra da Lua, estende-se pela Nubia e, rompendo por entre rochas graniticas, saltando espumoso de precipicio em precipicio, entra no Egypto, onde caminha, fechado em margens estereis, até Cercassor, e ahi divide-se

em dois braços formando o baixo Egypto ou o denominado Delta. O Egypto não é mais do que um valle depositado pelo Nilo, cercado de desertos : as inundações causadas pelas cheias são a providencia deste paiz, a fonte donde manam as suas riquezas todas. O inverno é alli a estação da belleza e da fertilidade ; o verão transforma os campos em desertos, porque os raios de um sol abrasador, atravessando uma atmospherá limpida e branca, crestam, queimam, reduzem a cinzas todas as plantas. A civilisação do Egypto seguiu o curso do rio que lhe deu vida. O Alto-Egypto, comprehendido entre Syene e Chemnis, foi onde appareceu a primeira luz civilisadora ; Thebas, a cidade de que os poetas gregos contaram tantas e tão grandes maravilhas, era a sua capital. O Medio-Egypto, espaço que se alonga pelo Nilo abaixo, desde Chemnis até Cercassor, e de que Memphis foi a principal cidade, só foi engrandecido posteriormente pelo desenvolvimento intellectual. O Delta finalmente pertence ao ultimo periodo do engrandecimento egypcio, periodo immenso cuja origem se perde nas mais cerradas trevas da historia.

Frederico Schlegel suppõe que a civilisação egypcia nasceu da illustração derramada por uma colonia de sacerdotes indios, que veio pelo mar Vermelho estabelecer-se nas regiões mais remotas do Egypto, no meio de uma população grosseira e selvagem. Muitas razões militam em favor desta opinião.—Entre a lingua egypcia nas suas raizes e o *sanskrito* da India existem as maiores analogias ; as tradições referiam que os deuses tinham descido do lado da Ethiopia, e cada anno a estatua de Ammon fazia uma viagem á Lybia ; finalmente, segundo as observações de Blumenbach, os craneos das mumias têm na sua fórma geral muita similhaça com os craneos indios.

Em religião as analogias são tambem extraordinarias entre o Egypto e a India. O ovo, que é neste paiz o symbolo da creação, apparece no Egypto na bocca de Cnef ; Isis e Osiris,

deuses egypcios, são a imitação de Isi e Isaura ; o Indio considera a syllaba *oum* como a expressão sublime da resignação religiosa, a syllaba *on* tem a mesma significação para o Egiptio ; ambos os povos crêem na transmigração das almas, ambos têm de fé que os mortos hão de ser julgados segundo seus actos durante a vida, para receberem premio ou castigo.

As philosophias ou antes as religiões orientaes tiveram por base tres dogmas distinctos, originarios da India, e que, nascendo uns dos outros pela degenerescencia das verdades primitivas, conservaram comtudo vestigios dessas verdades. O primeiro destes dogmas é o da *emanação* : nelle suppõe-se que tudo que existe é um desenvolvimento da divindade ; todo o ser é considerado como um deus limitado, definido, contido na existencia infinita do Deus superior : é um dogma mysterioso e repassado de profunda tristeza que devia dar, e deu de facto em resultado as mais selvagens superstições ; a deificação dos homens perfectos, dos heróes, deduziu-se delle naturalmente ; e nelle se baseou tambem a constituição politica das castas, que suppõe a desigualdade moral das raças. A doutrina da *emanação* degenerou rapidamente no culto grosseiro da natureza, culto sanguinario e brutal, de que resultaram todos os horrores dos barbaros sacrificios humanos.

O systema dos dois principios, do bem e do mal, da luz e das trevas, é mais elevado do que o da emanação, é mais moralizador, porque, reconhecendo a liberdade do homem obriga-o a lutar, e consequentemente a aperfeiçoar a sua natureza. Nesta religião, só o que ha de puro, o que é perfeito no mundo recebe adorações, só o bello é venerado ; os principios destruidores, os objectos impuros são considerados como o apanagio do genio do mal, do inimigo da humanidade.

O ultimo dos dogmas orientaes, o mais imperfecto, o mais immoral de todos, é o panteismo ; que destróe toda a actividade moral, quebra toda a energia humana, reduzindo o mundo a uma grande unidade, vaga e informe, que é quasi

uma negação da existencia, que não deixa persistir differença alguma entre o bem e o mal, o vicio e a virtude. Este dogma corresponde ao materialismo puro da moderna philosophia, sinão na sua origem, porque essa é ideal, pelo menos nos seus effeitos destruidores.

Si é exacta, como parecem provar-o os factos e os monumentos, a hypothese de Schlegel, os principios fundamentaes das doutrinas do Oriente deviam ser conhecidos da casta sacerdotal do Egypto ; porém a confusão que reina em todas as suas idéias de que hoje temos conhecimento, e a amplidão, desordem e multiplicidade de deuses da sua mythologia, deixam suspeitar que a pureza primitiva das doutrinas indias se achava já então alterada e corrompida, e que a profundidade e grandeza da philosophia egypcia, guardada mysteriosamente nos templos, estava a baixo do que a julgaram os outros povos da antiguidade.

A religião idealista importada da India devia infallivelmente abeirar-se pelo contacto do fetichismo rude dos povos que habitavam o Egypto, adoradores das arvores, dos animaes, do Nilo, dos astros e das grandezas materiaes da natureza. Entre a religião porém dos iniciados, e as crenças do vulgo, mantiveram-se sempre differenças profundas e radicaes ; a primeira conservou muitos elementos de espiritualismo que a segunda não conheceu nunca.

A arte recebeu o cunho da religião sacerdotal ; o symbolismo foi o principio em que se originaram todas as construcções ; as linhas simples e rectas, a harmonia dos numeros, dirigiram a mão do architecto e do esculptor. As crenças religiosas acham-se escriptas, não só nos hieroglyphos, que eram verdadeiros caracteres alphabeticos ou representações *figurativas*, mas na distribuição e ordenança dos edificios, nos accessorios e nos ornatos.

Os obeliscos, cuja fórmula era a de pyramides muito alongadas, terminadas por outras pyramides menores, e que se

collocavam sempre aos pares na frente dos templos egypcios, não eram simples ornatos, eram palavras colossaes, eram dois enormes hieroglyphos, duas syllabas de granito ; a sua significação é *estabilidade, immutabilidade*. Sobre elles acha-se gravado o elogio historico dos Pharaós, elogio cuja pompa é medida pelo gráu de sympathia que durante a vida elles mostravam pela casta sacerdotal e pelo engrandecimento da religião.

O *Esphinge*, esse ente mysterioso, meio-gente meio-leão, é um hieroglypho que significa *senhor, rei*. As cabeças dos *esphinges* são retratos de principes : o das pyramides, que tem 120 pés de comprimento e 52 de altura, é o retrato de Thutmosis II, como se vê pelos hieroglyphos de um quadro que se encontra gravado no peito do monstro.

A arte seguiu no Egypto as mesmas phases que na Índia. As escavações subterraneas abundam pelas serras da Lybia, na Nubia, e nas visinhanças das cidades populosas. Templos ou sepulcros, estas prodigiosas construcções igualam quasi as maravilhas da Índia, e nellas teve principio a architectura.

Os templos troglodycos de Ebsambul, na Nubia, são um magnifico, um grande exemplo deste genero. Ao lado de um templo immenso, cavado no monte, rico em esculpturas, precioso pelas pinturas de que é ornado, e sobretudo admiravel pela sublimidade e pelo grandioso da architectura, existe outro que, apezar de menos amplo nas suas proporções, é uma maravilha tambem.

O portico deste templo é aberto na rocha viva, em plano inclinado, no comprimento de 83 pés, e na altura de 37 ; consta de seis nichos altos e profundos, dentro dos quaes se elevam seis estatuas colossaes, tres de cada lado da entrada, sendo a do centro de mulher, e as duas lateraes de homens : estas estatuas têm 33 a 36 pés de altura.

Por estas estatuas, que são perfeitamente acabadas, com proporções bem calculadas, e que têm uma physionomia regular e expressiva, pôde já se reconhecer que os Egypcios

não ignoraram a esculptura, nem desprezaram inteiramente a perfeição e o bello das fórmas.

Ao portico segue-se um *prónaos* de 71 pés de comprido, a este um *náos*, e enfim o *sanctuario*. O *prónaos* é sustentado em largos pilares pesados e massiços, assentando sobre soccos enormes, e coroados por uma cabeça de mulher esculpida em relevo, em vez de capitel.

As paredes são ornadas de baixos-relevos pintados e de *hyeroglyphos*, que se referem a assumptos religiosos.

Este templo foi consagrado á deusa Athôr (a Venus egypcia) pela mulher de Rhamsés—o—Grande (Sesóstris) ; vê-se os simulacros da deusa e a sua propria imagem esculpidos no *sanctuario*.

Ao sahir das suas habitações subterraneas a architectura egypcia conservou os seus caracteres primitivos : a força, a solidez, a simplicidade. Pilares ou columnas ligadas entre si por enormes pedras collocadas horizontalmente, linhas verticaes e linhas horizontaes são os elementos de que dispõe a arte no Egypto.

A fórma cubica domina nos templos, como sendo a imagem da solidez e da duração ; as columnas eram sustentadas sobre uma base, e coroadas por um capitel de folhas do *loto* sagrado : a frisa e a architrave eram conhecidas e empregadas já.

O caracter religioso imprimiu-se por toda a parte ; e, como a sua expressão mais constante e mais essencial era a inalterabilidade, a permanencia, a eternidade, por isso os templos são precedidos de obeliscos, de columnas, de esphinges e de duas massas enormes que fazem corpo com o edificio, pilastras colossaes onde se escrevia em *hyeroglyphos* paginas religiosas : a estes corpos deram os francezes o nome de *pylones*, da palavra grega *pulon*, que signifi ca *atrium*.

O templo de Arueris em Edfu, dedicado, como todos os templos egypcios, a uma trindade—um deus, *Har-Hot* (sci-

encia e luz), uma deusa, *Athôr* (Venus), é um filho dos dois principios, *Arueris* (Apollo)—, é um dos mais completos monumentos que se alevantam no valle do Nilo. Este templo é precedido por dois *pylones* colossaes, que indicam a sua entrada : estes *pylones* são ornados de esculpturas, e cobertos de hieroglyphos ; no seu interior correm escadas que levam dos terraços inferiores aos que corôam estas massas immensas. A porta que fica entre os *pylones* conduz a um vasto páteo, cercado por tres lados de porticos magestosos, e tendo no fundo um bello *prónaos* (especie de peristilo) ornado de columnas com capiteis variados, entre os quaes se nota dois capiteis-palmeiras.

Ao *prónaos* seguia-se o *nãos*, hoje obstruido e completamente arruinado, e que precedia o sanctuario.

Este monumento, ainda que elevado já em tempos do dominio grego, conserva todos os caracteres egypcios : simplicidade nas massas, gravidade e severidade nas linhas geraes ; a ornamentação é symbolica, e formada pelos vegetaes e os animaes consagrados pela religião.

Os Egypcios não empregaram só as riquezas da sua architectura nos templos. Não considerando a vida sinão como uma peregrinação na terra, como um instante perdido no infinito da eternidade, elles empregaram grande cuidado em dar ás habitações dos mortos a magnificencia, a grandeza, a sumptuosidade, ou antes a robustez, que negavam ás habitações dos vivos.

O exemplo mais extraordinario das construcções sepulcraes do Egypto são as pyramides de Gizeh, que foram consideradas pelos antigos como uma das maravilhas do mundo. Estas *portentosæ moles*, como lhes chama Plinio, não puderam nunca ser medidas com exactidão pelos antigos, que todos exageram a sua altura : esta é superior á de todas as outras construcções humanas ; apenas a flecha da torre de Estra-

burgo é que se approxima, pela sua elevação, á da grande pyramide, ficando-lhe só inferior uns onze pés (*).

As pyramides são o verdadeiro symbolo da eternidade ; a sua fórma torna impossivel a queda de tão enormes massas de pedra. Mansões de morte, ellas eram destinadas a guardar intactos os restos mortaes dos tyrannos, que as mandaram construir, até ao dia ultimo do mundo : os tumulos ficaram ; os ossos porém dos orgulhosos reis fôram espalhados pelo deserto, e os seus nomes apagaram-se da memoria dos homens.

No interior da grande pyramide encontra-se uma casa, onde se eleva um sarcófago de granito ; as paredes desta casa, que se denomina a *camara do rei*, são polidas e trabalhadas primorosamente. Por cima desta ha cinco outras casas mais baixas e pequenas, que parecem apenas destinadas a aliviar a *camara do rei* do peso da alvenaria ; por baixo, no eixo da pyramide, está construida a *camara da rainha*, que tem ainda inferiormente uma outra casa cavada na pedra. A alvenaria, com que este tumulo gigante foi construido, bastaria para fechar n'um muro de seis pés de altura um circulo que tivesse mil leguas de circumferencia.

A razão aterra-se ao pensar no trabalho cruel a que éram condemnadas gerações inteiras para satisfazer o orgulho estúpido de reis sem coração, e o fanatismo ou antes a hypocrisia dos sacerdotes de uma religião de egoismo, fundada sobre o systema horrivel das castas, da desigualdade dos homens, que a religião de Christo uniu depois pelos laços da fraternidade. Os historiadores modernos recusaram-se por muito tempo a acreditar que trabalhos tão prodigiosos fossem levados a cabo sem o auxilio de machinas, e não de machinas

(*) Seguindo calculos mais modernos, dá-se como certo que, ou por abatimento do terreno, ou pelo estrago de uma porção do ápice, ou por estas duas causas reunidas, a pyramide de Cheops (a maior), que tinha primitivamente 433 pés de altura, excedendo portanto 12 pés a altura da torre da cathedral de Estrasburgo, a qual é de 421 pés, tornou-se mais baixa que esta uns 9 pés.

grosseiras, sinão de órgãos mechanicos aperfeiçoados ; os factos porém têm provado que esta opinião era errada. Os Egypcios escreveram, ou, para dizer melhor, representaram nos tumulos todas as suas occupações e processos industriaes ; e o mais consciencioso estudo não tem feito descobrir até agora nestes monumentos indicio algum de que este povo conhecesse a construcção e uso das machinas : além de que, temos, para nos confirmarem as revelações dos monumentos, as relações dos escriptores da antiguidade. Diodoro diz positivamente que os Egypcios não tinham machinas : Herodoto conta que elles içavam as pedras para as suas construcções por meio de planos inclinados. Este modo de elevar corpos de um grande peso, exige, como se vê, o emprego de um grande numero de braços : mas isso não podia ser, nem foi nunca uma difficuldade para a omnipotencia dos Pharaós.

A esculptura egypcia respeitou muito mais as proporções do que a india : o bello, o ideal não são comtudo o typo das suas producções. Em vez de considerarem a esculptura como a arte que representa as fórmulas particulares, os Egypcios deram ás estatuas o character da generalidade : eram a representação do homem na sua natureza pura e eterna, e não a imagem do individuo : por isso todas têm uma grande analogia, uma uniformidade que cansa aos que a observam. Quer sentadas, quer de pé, as estatuas têm as pernas unidas, os braços alongam-se pelo corpo : e, si por vezes parecem caminhar, o peso do corpo é distribuido igualmente por ambas as pernas. Estes vicios particulares á esculptura egypcia não nasceram da impericia dos artistas, mas do pensamento religioso que os dominava : a conservação das fórmulas primitivas era a primeira condição a que se queria satisfazer nestas composições, afim de que todas contribuíssem para tornar o culto mais mysterioso e aparentemente profundo. O talento dos artistas deste povo antigo, a facilidade que tinham em imitar com perfeição as fórmulas da natureza, prova-se pela ob-

servação das admiráveis representações de animaes que nos legaram.

O nome da chimica deriva-se de *Chemi*, antiga denominação do Egypto (*). Neste paiz foi de facto muito conhecida esta sciencia nos seus processos praticos, como o provam os bellos esmaltes de que as mumias estão cobertas, a profusão com que o azul de cobalto foi empregado na pintura, e frescura em que ainda hoje se conservam as côres que aformosêam os monumentos. Apezar porêem da excellencia das tintas, a pintura não progrediu no Egypto, e ficou no primeiro periodo : as côres foram empregadas com uniformidade, as sombras desconhecidas, os desenhos incorrectos.

Não é difficil de perceber, pelo rapido esboço que acabamos de dar aqui, que entre a arte do Egypto e a arte da India ha uma analogia extraordinaria, que, só admittidas as bases historicas e philosophicas, que apontámos, pôde ter uma explicação simples e que satisfaça o espirito.

Para comprehender a arte oriental é indispensavel ter sempre em vista as religiões e as philosophias que a dominaram, e procurar as suas raizes no paiz donde ella partiu, na India.

(*) Pedimos venia ao illustre autôr deste artigo para fazer a seguinte observação :

É verdade que no copto ou antiga lingua do Egypto, o nome deste paiz é *Chemi*, *Chemia* ou *Chamia* (terra de Cham); mas isto não prova que dalli viesse a denominação dada á sciencia que trata da acção intima que exercem os corpos uns sobre os outros, isto é, a chimica, como alguns escriptores têm querido sem muita razão, fundados unicamente em que a cultivavam os sacerdotes de Thebas e de Memphis, e em que varios processos que têm relação mais ou menos directa com esta sciencia já eram applicados pelos Egyptios a certas fabricações.—Na antiguidade não tinha ella nome proprio; era chamada, segundo as linguas *sciencia sagrada*, *arte divina*, *arte sagrada*, *sciencia occulta*, *arte de Thath* ou de *Hermes*, etc. Só depois do seculo III da nossa era foi a arte sagrada denominada *Chémia*, *Ché-neia* ou *Chumea*. O primeiro que empregou uma palavra que não deixa duvida ácerca da origem do nome *Chimica*, foi o celebre commentador das obras de Aristoteles, Alexandre de Aphrodisia, o qual, tractando de fusão e de calcinação, no commentario dos *Meteorologicos*, falla em instrumentos *chimicos* ou *chyicos* (*organu chimica*), adjectivo que vem evidentemente do verbo grego *cháō* (*cháōō*), coar, fundir, derreter; o qual é tambem a raiz de *chéuma*, metal em fusão — *cháuma*, o que se verte, se derrama — *chumos*, succo — *chúmeusis*, mistura, amalgama, e *chymicos* (*chymicos*), o que concerne os succos. Portanto a palavra *chimica* parece vir, não do antigo egypcio, mas antes do grego, que prevaleceu, como tem prevalecido para a mór parte dos termos scientificos.

M.

A' medida que os conhecimentos sobre a organização social, a religião e a historia dessa nação mysteriosa se vão aperfeiçoando, uma luz pura vae esclarecendo e tornando patentes os segredos do passado. Não está longe talvez a época em que uma theoria geral, concebida pelo genio, ligue entre si os fragmentos que o nosso seculo tem colligido, e com elles constrúa pura e quasi completa a verdade dos tempos primitivos, ha muito adulterada, ou perdida de todo.

J. de Andrade Corvo.

AS ESTATUAS COLOSSAES DE MEMNON.

Entre as prodigiosas obras mandadas fazer em Thebas pelo rei Amenophis III, citavam os antigos com particular admiração as duas estatuas colossaes deste principe, não menos notaveis pela enormidade de suas proporções, do que por sua alta antiguidade. Uma destas estatuas offerecia sobretudo um phenomeno maravilhoso, qual era o de produzir, ao nascer do sol, um susurro sonoro, cuja causa então ignorada deu origem a uma crença supersticiosa.

Já celebres no tempo dos Pharaós, pois que os Persas, segundo se conta, haviam trabalhado para as destruir, as estatuas de Memnon tornaram-se, sob o dominio dos Gregos, um objecto da mais geral curiosidade ; a qual ainda augmentou no tempo dos Romanos. Todavia parece que até ahi esta curiosidade tinha antes por objecto as dimensões gigantescas dos dois monumentos, e sua grande antiguidade, do que os sons harmoniosos que depois tornaram tão celebre um delles. Os Gregos, seguindo o seu costume de tudo divinizarem, fizeram deste ultimo o filho de Tithão e da Aurora, o qual, por um sentimento de piedade filial, saudava sua mãe, todos os dias ao nascer do sol, com sons articulados.

A quasi uma legua da margem occidental do rio Nilo, defronte das ruinas do immenso palacio de Luxor, donde em 1831, foi conduzido para Pariz um gigantesco obelisco, se eleva no meio de uma planicie de areia, e a pouca distancia uma da outra, as duas estatuas colossaes, assentadas em uma especie de throno, com as mãos estendidas sobre os joelhos e com o rosto virado para o oriente.

Estes colossos são conhecidos no paiz pelos nomes de *Chamy* e *Tamy*. *Chamy* é a estatua do sul ; e *Tamy* a de que tractamos. Ambas são iguaes tanto nas dimensões, como na execução artistica, com mui leves differenças. São formadas de uma especie de pederneira, ou marmore silicioso, tão compacto e duro, que deveria offerecer ao esculptor maior difficuldade de lavrar do que o granito.

O poderoso effeito dos seculos e do clima forçosamente havia de ter pesado sobre estas massas enormes, fazendo-lhes consideraveis estragos : na base e em diversas partes do corpo apresentam fendas profundas que parecem ter sido causadas tanto pelo seu peso enorme, como pela acção alternativa, e por tantos mil annos continuada, do excessivo calôr do dia e da humidade da noite : presentemente dir-se-ia que ellas foram calcinadas pelo fogo.

O colosso do norte foi outr'ora quebrado pelo meio, e depois restabelecido com differentes camadas de enormes pedaços de marmore, que as suas juncturas mais ou menos abertas deixam facilmente distinguir. O ultimo pedaço comprehende o pescoço e a cabeça, tendo 24 palmos de altura e 15 de grossura. Attribute-se a destruição deste colosso ao espantoso tremor de terra que houve no anno 27 antes do nascimento de Christo, e o seu restabelecimento ao reinado do imperador romano Septimio Severo pelo anno 200 da era chistan.

A altura total de cada um destes colossos é de 48 pés, não comprehendendo o pedestal que tem 12 pés, o que dá ao monumento inteiro 60 pés de altura, isto é, pouco mais ou

menos, a de uma casa de cinco andares. O comprimento do dedo médio de cada mão é de 4 pés e 5 pollegadas. Calcula-se o peso total de cada colosso em 87:066 arrobas.

O throno ou assento de cada estatua tem 14 pés de altura : os seus lados são ornados de esculpturas em baixo-relevo, representando duas mulheres com a cabeça coroada de folhas de hera, e que parecem occupadas em enrolar hastes desta planta em torno de uma especie de columna que as separa.

Na face dianteira do throno ha tres estatuas de relevo inteiro : as duas que occupam os lados exteriores das pernas do colosso têm 15 pés de altura : representam figuras de mulher com as pernas estreitamente unidas, os braços pendentes e a cabeça ornada de uma corôa, por baixo da qual lhe cahem sobre os hombros largas tranças de cabello ; os seus braços e pulsos estão enfeitados de grossas manilhas e pulseiras de perolas. A terceira figura, collocada no intervallo que separa as duas pernas do colosso, é da altura natural de um homem. Estas figuras estão muito mutiladas. As feições de todas ellas offerecem o typo da raça ethiópica, a que pertencia o mesmo Memnon, segundo os retratos que d'elle se acharam pintados no seu tumulo.

Dos dois lados do throno, por cima dos baixos-relevos, ha muitas tabellas de hieroglyphos, ou escriptura symbolica dos Egypcios, os quaes explicam o motivo e objecto daquella construcção ; lê-se entre elles o nome, titulos, e qualidade do *grande rei do povo obediente, filho do sol, Amenophis III* ; que é aquelle mesmo a quem os Gregos chamaram Memnon. Por todos os lados na parte superior da base do monumento gira tambem uma tabella de hieroglyphos de 1 pé e 8 pollegadas de altura, de mui perfeita execução.

O colosso do norte, que é, como dissémos, o que produzia os sons, apresenta além disso grande numero de differentes inscrições em grego e em latim, em prosa e em verso,

que lhe cobrem as duas pernas, e ainda occupam parte da base. Estas inscripções attestam que as pessoas illustres que as mandaram gravar, ouviram os sons divinos da estatua. Entre ellas distinguem-se ainda perfeitamente as do imperador Adriano e da imperatriz Sabina, sua mulher, as de oito differentes governadores e proconsules do Egypto, de muitos generaes, e outras pessoas de alta jerarchia. Todas ellas são datadas do tempo do dominio dos Romanos, no espaço que decorre do reinado de Augusto até ao de Septimio Severo, isto é, daquella época em que a estatua esteve quebrada, o que, na falta de outras provas, bastaria para mostrar que era sómente a parte inferior do colosso que tinha a propriedade de produzir os sons de que tanto se fallava, e que no tempo de Nero tanta celebridade tiveram, que era moda em todas as partes do imperio romano fazer-se peregrinações ao Egypto para ouvir as sagradas vozes de Memnon.

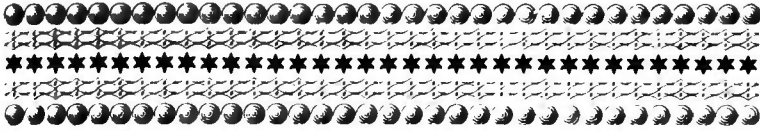
Por fim, este phenomeno que então era um mysterio, já o não é aos olhos dos modernos. Os antigos dizem que o som produzido por este colosso era semelhante ao das cordas de uma lyra, quando arrebentam ; os viajantes modernos, tendo observado, no Egypto mesmo, em outros monumentos, um som inteiramente analogo, reconheceram que elle era devido á humidade de que a pedra se impregnava durante a noite e que, vindo a soltar-se ao primeiro calôr do sol, produzia, dilatando as moléculas da pedra naturalmente sonora, uma crepitação que se repercutia sobre toda a massa, e excitava nella uma vibração geral. O mesmo phenomeno foi observado pelo Sr. Humboldt nas rochas de granito do Orenoco.

Quanto á existencia do phenomeno só durante aquelle espaço de tempo comprehendido entre a queda e o restabelecimento da parte superior do colosso, ella se explica facilmente.—A parte superior do monumento, pesando com toda a sua massa sobre a parte inferior, devia, segundo as leis da physica, abafar nella todo o movimento de vibração ; da

mesma sorte que, carregando-se com um dedo sobre uma corda de instrumento, um copo de vidro ou uma campainha, se lhes abafa inteiramente o som. Derribada pelo terremoto a parte superior do monumento, a parte inferior, que é inteira, podia ter livremente o seu movimento vibratorio. Septimio Severo, fazendo restabelecer a parte superior do colosso, tornou a pôr a surdina no instrumento: a vibração findou, e com ella a voz divina de Memnon.

Concluiremos este artigo com uma observação importante, que póde dar idéia da quantidade de forças empregadas pelos Egypcios para a feitura e erecção de seus monumentos: e é que estes immensos colossos não foram extrahidos dos rochedos no mesmo logar onde se acham levantados, mas transportados de uma distancia de trinta leguas pelo menos, isto é, das pedreiras de Selseleh (Silsilis), onde só se encontra pedras da natureza dessas.





CHRONICA ARTISTICA

O bello quadro a oleo, que, ha alguns annos havia pintado o Sr. Francisco Renato Moreaux, representando um dos mais grandiosos factos da historia patria, o brado de—INDEPENDENCIA OU MORTE—no campo do Ypiranga, e que devêra de ha muito estar ornando alguma sala de um dos nossos edificios publicos, qual o da Camara Municipal ou outro, foi comprado pelo Sr. commendador Antonio de Souza Ribeiro, que se tem constituido ultimamente um dos nossos mais distinctos amadores das bellas-artes.

*

Que não faltam, entre nós, talentos para as bellas-artes já o havemos dito mais de uma vez ; o que nos falta é um publico e um governo que prestem acolhimento, protecção e estima áquelles que se dedicam aos differentes ramos dessa especialidade dos conhecimentos humanos. Para provar o que dizemos, ahí acaba de revelar-se energicamente mais um moço de talento e vocação para a arte : fallamos do Sr. Antonio Araujo de Souza Lobo, que no anno passado mereceu da Academia de Bellas-Artes uma publica distincção, e que não foi premiado, por não haver podido frequentar como alumno matriculado a aula de paizagem a que se applica, e isto em

consequencia de não ter os estudos de mathematicas que alli se exige para tal materia.

O Sr. Lobo é discipulo do Sr. Augusto Muller, professor de paizagem naquella Academia, e membro effectivo da nossa Sociedade.

*

Como haviamos annuciado em um dos numeros precedentes, tem o Sr. Augusto Sisson publicado a *Galeria dos Brasileiros illustres*. Já della appareceram quatro folhetos, contendo os retratos, acompanhados de noticias, dos Srs. Marquez de Paraná, Eusebio de Queirós, Barão de Mauá, Marquezes de Mont'alegre e de Olinda, Viscondes de Uruguay, de Itaborahy, e de Abaeté, José Clemente Pereira, Bispo do Rio-de-Janeiro, e Marquezes de Abrantes e de Caxias.

Destes retratos, os dos Srs. Viscondes de Abaeté e de Itaborahy foram impressos em Pariz, tendo sido as pedras daqui enviadas com o desenho nellas feito pelo Sr. Sisson. Os outros foram aqui impressos; e, posto que ainda não attingam a nitidez, a perfeição daquelles, comtudo já nelles se nota um grande melhoramento sobre os retratos até hoje apparecidos nas nossas lithographias; devido isto, segundo parece, aos cuidados do mesmo artista.

O Sr. Sisson, como artista e como nosso socio effectivo, offereceu á nossa Sociedade um exemplar da sua collecção, que é já uma obra interessante, e que no futuro ha de ser com proveito consultada.

*

O Sr. João Caetano Ribeiro foi encarregado de pintar o scenario do drama *A Duqueza Jaqueline*, que foi ha pouco representado no Theatro de S. Pedro de Alcantara.

Além disto, consta-nos que o nosso actor o Sr. João Caetano dos Santos, empresario desse theatro, vae confiar ao

mesmo artista a preparação de um novo e completo scenario para o drama sacro *Milagres de Santo Antonio*, que será posto outra vez em scena com todo o esmero no corrente anno; scenario que, em outra época, o mesmo Sr. Ribeiro pintára, e que foi consumido pelo ultimo incendio do dicto theatro.

E' de esperar que o Sr. João Caetano dos Santos faculte ao artista, a quem entrega essa tarefa, todos os meios materiaes que exige a hõa execução della. Tempo é já de se acabar com a exhibição de scenarios ridiculos que impedem o bom effeito dos dramas. Ninguem ignora que um bello scenario é o necessario complemento de uma peça, e dá muito mais realce a um actor, porque lhe presta mais vida, mais verdade. Um actor do merito do Sr. João Caetano dos Santos necessita, mais do que qualquer outro, que todos os accessorios de uma representação condigam com a sua posição artistica. Uma alta personagem não exige sómente brilhantes vestes, mas tambem um palacio, e o mais na mesma relação. Um retrato, por melhor que seja, com um pessimo fundo, como que se esvaece e perde todo o effeito. — O Sr. João Caetano dos Santos, que é subsidiado pelo Estado, deve concorrer para o desenvolvimento não só da arte dramatica, como da scenographica, que é, como sabe, um poderoso auxiliar de todo o genero de representações.

Devemos accrescentar uma reflexão que foi ja feita nesta *Revista (Chronica artistica do 3º numero)*, e é que a união de dois bons artistas que estejam em harmonia pôde muito contribuir para o brilhantismo e perfeição de obras desse genero. No scenario de uma peça ha scenas que convêm mais a um artista do que a outro: havendo dois naquellas condições, cada um se encarrega da parte que está mais nos seus meios ou que é mais da sua predilecção; a falta que escaparia a um, si só pintasse, não escapa ao companheiro, que lh'a faz notar: assim instruem-se e animam-se mutuamente, prestam-se

em summa um auxilio que redundo em gloria para elles, em beneficio para a arte e em proveito para o empresario. — Ainda recentemente tivemos um exemplo no bello scenario do drama *Ghigi*, representado pelo Sr. Florindo Joaquim da Silva e sua companhia no Theatro de S. Januario: esse scenario, composto pelos Srs. J. Caetano Ribeiro e J. I. da Silva Freitas, é um dos melhores, talvez o melhor que nestes ultimos tempos tem apparecido nos nossos theatros.

*

A nossa Camara Municipal dorme ou fecha os olhos para não vêr. — Ainda ha pouco fallamos no famoso pombal de *chapéu armado* do Hospicio de Jerusalem, á rua dos Barbonos, e agora vamos apontar um outro bello exemplo de edificação moderna.

Nessa mesma rua, formando quina com a das Marrecas, ha uma velha casa de sobrado que se está, ha algum tempo, concertando e renovando. Entre esta e a casa n.º 27, em um terreno pertencente provavelmente ao mesmo dono da primeira, constroe-se uma casa nova, a que entretanto se deu o mesmo pé direito da antiga. — Não ha uma postura que marca uma altura nunca menor de 20 palmos para as lojas, de 19 para o primeiro andar, e assim successivamente, devendo as portas e as janellas de sacada ter pelo menos 13? Não ha uma outra postura que prohibe o fazer-se qualquer predio sem primeiro ser o seu plano submettido á approvação da Camara, devendo em todo o caso ser esse plano conforme ás prescripções da supracitada postura?...

— Nem para cohonestar a infracção da lei, se pôde pretestar o facto de ser a casa de que se tracta continuação da antiga; porquanto aquella é de dois andares e esta de um, e os intervallos das portas e janellas da casa nova muito menores do que os da outra cujo pé direito se adoptou.

Para que servem pois as posturas da Illm.^a Camara? E' assim que esta zéla o embellezamento da cidade? é assim que procura manter a sua dignidade e desempenhar a honrosa missão que lhe foi confiada pelos seus concidadãos?...

*

Esteve a demolir-se, para ser reconstruida, uma parte do famoso edificio da Sociedade *Cassino Fluminense*, sito á rua do Passeio, perto do largo da Lapa. Foi isto motivado pelo mau plano que se seguiu para essa construcção, por não ter sido esta feita segundo as regras, por não satisfazer emfim á segurança de um edificio daquela ordem, como foi demonstrado pelo parecer dos Srs. majores de engenheiros T. da Silva Paranhos e F. Januario Passos, depois da vistoria a que procederam e para a qual tinham sido nomeados pela directoria daquela sociedade.

Não admira: o costume entre nós é fazer obras dispendiosas para depois serem desmanchadas ou ficarem em meio, como as de Santa Engracia de Lisboa; edificios, uns provisorios e que vão ficando para sempre, outros para permanecer e que são pessimos quanto a gosto, a conveniencia e a construcção. Assim gasta-se rios de dinheiro que vão perdidos muitas vezes, como aguas lançadas ao mar. — E' o que mais uma vez se está verificando com o edificio a que alludimos: alli se tem enterrado um dinheirão, com o qual poder-se-ia ter feito uma bella obra, digna do preço que aquella tem custado e do fim a que é destinada, sem haver mister de despendar novas e grandes sommas e perder tempo, que tambem é dinheiro, segundo a frase ingleza. Entretanto ha de isto succeder sempre que se desprezar os bons architectos, e se escolher planos encommendados pela affeição ou pelo patronato; emquanto dominar na arte, como em quasi tudo mais, a protecção sem attender-se ao merito.

Melhor iria talvez a Sociedade *Cassino Fluminense*, si mandasse arrasar até aos alicerces aquelle monstro de alvenaria que alli pasma os viandantes, e parece ameaçar o seu digno par, o nosso *formosissimo e bem conservado* Passeio-publico, como o Adamastôr, «de disforme e grandissima estatura», á entrada do Cabo-tormentorio ; aquella massa informe *rudis indigestaque moles*, sem belleza, sem arte, sem propriedade alguma para o objecto que se tem em vista.

M.



VARIÉDADES

A OPERA ITALIANA EM LONDRES

No numero 4 desta *Revista*, tractando da *Opera nacional*, dissemos que a opera italiana em Londres é destinada principalmente á côrte e que lá só entra quem tem gravata branca e casaca e a bolsa recheada. — Para provarmos a exactidão da nossa asserção, aqui damos o preço dos logares no *Theatro de Sua Magestade*, que é o theatro italiano naquella cidade.

— O preço dos camarotes varia segundo o tamanho delles; calcula-se porém o preço de cada lugar que os camarotes comprehendem pelo das cadeiras, diminuindo até o das geraes segundo as ordens. — As cadeiras, (orchestra) custam 21 chelins (9\$450); — plateia, 10 chel. (4\$500); amphitheatro, lugares da frente, 5 chel. (2\$250); — amphitheatro, lugares geraes ou archibancada, 3 chel. (1\$350).

O que lá se chama *amphitheatro* corresponde á nossa ultima ordem, disposta á maneira de galeria e sem as separações que teem os camarotes; na parte fronteira á scena, essa galeria é funda, sendo os bancos mais elevados uns que os outros á medida que se afastam da frente: de tal disposição lhe vem aquelle nome. — Esse espaço, que admite um numero diminuto de pessoas, entretanto que a lotação do theatro

é de 3.000, é o unico que, como se vê pela tabella dos preços, pôde ser occupado pela gente que dispõe de poucos meios ; de ordinario é frequentado por gente de vida equivocada, por palmejadôres e individuos de ruim laia, que ahí conservam o chapéu ou, mais geralmente, o barrete na cabeça, e por vezes fazem assuadas. — E' tambem esse o unico lugar do theatro em que se permite entrar de sobrecasaca ; para todos os outros é de rigôr ir trajado á côrte, e a quem assim não se apresentar é recusado o ingresso.

O theatro italiano em Londres é frequentado particularmente pela nobreza, por alguns homens ricos da classe media e por estrangeiros : si não fosse a concurrencia da familia real e da gente da côrte, certo não existiria esse theatro na capital da Inglaterra.

A opera italiana pois é ahí uma cousa de luxo, como o é nas outras cidades que não são da Italia.

UMA FABRICA DE TAPETES NA INGLATERRA.

Acabamos de lêr uma noticia curiosa, que, a ser verdadeira, como parece, demonstra até que ponto chega naquelle paiz a vontade de sobresahir, o desejo das grandes cousas, a energia e a perseverança nas obras consideraveis. Nem difficil será acreditar-o quando é sabido que se leva alli as emprezas, principalmente no que toca a officinas, a tal extremo, que, ás vezes, a não tractar-se da Gran-Bretanha, passariam por exaggeração, sinão por fabula.

Aqui vae o factô a que alludimos : — Estabeleceu-se em Halifax uma fabrica de tapetes, a qual emprega um numero tal de operarios, que se julgou util pôr uma casa de pasto no interior mesmo do estabelecimento. Para esse fim destinou o empresario um terreno do custo de mais de quatro contos de réis (do nosso dinheiro). Além disso, o proprietario da manufactura, querendo ter sempre modelos perfeitos para seus

tapetes chinezes, fabricados por certa especie de machinas de bordar, mandou construir duas enormes estufas, que se acham sempre abastecidas das mais bellas flôres tropicaes, havendo desenhadôres de merito occupados principalmente em copiar as flôres nas estufas, sob todos os seus aspectos, desde que rompem até seu maior desenvolvimento.

M.

MORALES O PINTOR.

Luiz Morales foi um celebre pintor espanhol que floresceu pelo meiado do seculo XVI. (Nasceu em 1509). — Posto que artista pouco inventivo, desenhador vulgar e ás vezes defeituoso na perspectiva aérea, é comtudo chamado pelos Espanhões *o divino*, denominação confirmada pelo voto dos estrangeiros, que a acham bem merecida, porque talvez ninguem como elle soube imprimir nas feições das suas figuras uma expressão tão viva de sentimentos profundos.

Morales era natural de Badajoz, e ahi residia, quando foi chamado por Philippe II para trabalhar no Escurial. Recebida a ordem, Morales gastou quanto tinha em se arranjar, por tal modo, que appareceu na côrte mais como um embaixador que ia apresentar as suas credenciaes do que como um artista de provincia chamado para trabalhar por salario. Fazendo nisso reparo El-Rei, o pintor respondeu com galantaria que, estando resolvido a dedicar tudo o que a natureza e a fortuna lhe concedêra a servir seu soberano, tinha trazido comsigo quanto possuia. Parece que nem esta resposta, nem as obras do pintor desagradaram a El-Rei, porque o recompensou liberalmente. Todavia, depois de acabada a obra do Escurial, Morales, voltando ao seu paiz natal, continuou com o mesmo luxo extravagante; de maneira que, estando Philippe II em Badajoz, em 1581, quando vinha para Portugal, lhe appareceu

elle reduzido á ultima miseria pela pobreza e pela idade, pois já tinha 72 annos. Ao vel-o, disse-lhe El-Rei :

— Envelheceste muito desde que te não vejo, Morales.

— E tambem empobrecei, Senhor, respondeu o pintor.

Philippe II (de quem ao menos as artes não têm motivo de queixa), voltando-se immediatamente para o thesoureiro da cidade, lhe ordenou dêsse 200 ducados a Morales, dizendo que era para o seu jantar.

— E tambem para a ceia? perguntou o velho pintor.

— Não, replicou El-Rei : para a ceia dêem-lhe 100.

Este encontro foi uma fortuna para Morales, o qual ainda viveu cinco annos, fallecendo em 1586.

Os seus quadros mais conhecidos são : — *Jesus carregando a cruz, a Virgem e o Christo, e um Santo* (existentes no Museu do Louvre, em Pariz); uma *Cabeça de Christo, Ecce homo, Nossa Senhora das Dôres*, uma outra *Nossa Senhora*, e a *Circumcisão* (Museu real de Madrid). — A sua obra-prima é a *Nossa Senhora das Dôres*, que foi collocada por ordem de Philippe II no convento dos Jeronymos de Madrid.

COLLA DE ARROZ.

Dissolve-se em agua fria a farinha de arroz, e coze-se a fogo brando até se tornar consistente. Esta colla ou grude é muito branca e seccando fica quasi transparente ; a sua força é tal, que os papeis grudados com ella rasgam-se o mais das vezes, ainda que com cuidado se queiram separar ; assim, é com preferencia empregada para todas as obras de cartonagem que exigem aceio e solidez, taes como caixinhas, e outros objectos de toucador.

Este grude é muito superior ao da farinha de trigo, ou de pós de gomma, e convêm especialmente aos encadernadores, para ligar manuscriptos, ou gravuras que se pretenda conservar em livros.

Empregando menor quantidade d'agua na preparação desta colla, póde dar-se-lhe consistencia bastante para modelar estatuas, bustos, baixos-relevos, e outros similhantes objectos. que, seccando, tomam um bello polido e são susceptiveis de se conservar por muito tempo mediante algumas precauções, taes como livral-os da humidade, &c.

No Japão fazem della enfeites imitando tão perfeitamente a madreperola, que chegam a equivocar os compradores.

LIQUIDO PARA LIMPAR MARMORES E PORCELANAS.

Prepara-se um banho composto de uma parte de acido nitrico (agua-forte) e de cincoenta partes d'agua. Si o objecto que se quizer limpar fôr pouco volumoso, bastará mettello neste liquido, e quasi no mesmo instante sahirá perfeitamente limpo, sem que seja necessario sinão borrifal-o com agua fria pura, e põl-o onde não esteja exposto á poeira.

Com esta receita se tem dado o seu antigo valor a obras de grandissimo custo.

Nota da redacção actual: Conservamos, na reedição dos numeros da phase-antiga da nossa revista a orthographia usada n'aquella epocha pelos seus redactores



O BRAZIL ARTISTICO.

Esta Revista, propriedade da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio-de-Janeiro, será distribuida a todos os membros da mesma Sociedade.

Serão n'ella publicados artigos que disserem respeito as artes e officios, uma vez que sejam submettidos á approvaçào do Conselho administrativo da Sociedade.

Cada numero constará de oito ou mais paginas e será acompanhado, quando for possivel, de estampas, copias dos melhores trabalhos dos artistas n'este Imperio.

Todas as reclamações, e as remessas de originaes ou de outras quaesquer publicações, devem ser dirigidas a esta typographia, rua da Carioca n. 34, ao Relator da Commissão de redacção.

Recebem-se assignaturas n'esta typographia. — Preço 6\$ réis por 12 numeros.